

IZABEL MORAIS POMPERMAYER

**CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES DA MEMÓRIA:
UM ESTUDO SOBRE A ESCOLA SUPERIOR
DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA DE VIÇOSA (MG)
POR MEIO DE PUBLICAÇÕES DE 1939 A 2016**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

P788c
2018 Pompermayer, Izabel Morais, 1986-
Continuidades e discontinuidades da memória : um estudo
sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa
(MG) por meio de publicações de 1939 a 2016 / Izabel Morais
Pompermayer. – Viçosa, MG, 2018.
x, 165 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Luiz Lima Vailati.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 150-156.

1. Escola Superior de Agricultura e Veterinária - Viçosa
(MG) - Biografia. 2. Escola Superior de Agricultura e
Veterinária - Viçosa (MG) - Publicações - 1936-2016.
3. Memória coletiva. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em
Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.

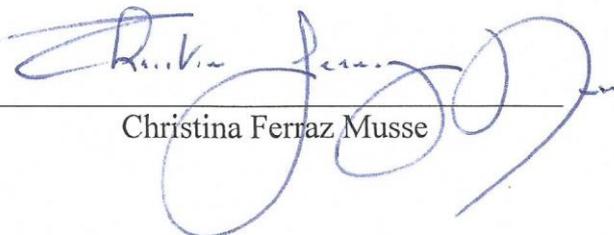
CDD 22. ed. 378.0098151

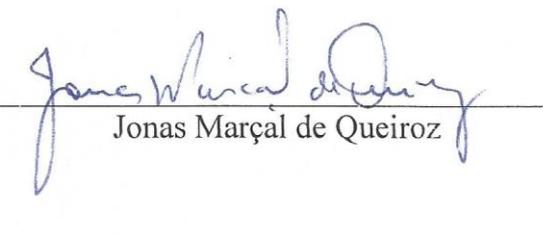
IZABEL MORAIS POMPERMAYER

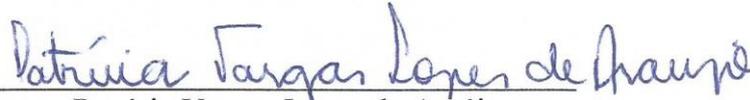
**CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES DA MEMÓRIA:
UM ESTUDO SOBRE A ESCOLA SUPERIOR
DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA DE VIÇOSA (MG)
POR MEIO DE PUBLICAÇÕES DE 1939 A 2016**

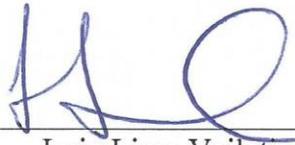
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 23 de agosto de 2018.


Christina Ferraz Musse


Jonas Marçal de Queiroz


Patrícia Vargas Lopes de Araújo


Luiz Lima Vailati
(Orientador)

Agradecimentos

Aproveito este espaço para agradecer a todos que estiveram ao meu lado e contribuíram comigo de alguma maneira durante os anos do Mestrado.

Depois de passar por outras áreas do conhecimento, iniciar uma pesquisa sobre memória por meio da História foi um grande e gratificante desafio. O Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania foi muito importante e enriquecedor, proporcionando a aquisição de novos conhecimentos acadêmicos, novas habilidades profissionais e muitos aprendizados pessoais. Foi uma experiência que marcou a minha vida com novos significados e novas percepções.

Por tudo isso, agradeço ao meu orientador, o professor Luiz, por topar me guiar por este caminho, compartilhando, com sabedoria, paciência e delicadeza, tantos conhecimentos. Agradeço por acreditar em mim e me levar além. Muito obrigada, Luiz! Sempre serei grata a você.

Também agradeço aos professores que aceitaram participar das bancas avaliadoras de qualificação e de defesa da minha pesquisa, que se disponibilizaram a colaborar generosamente com o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora e com o conteúdo sistematizado nesta dissertação. Obrigada, professoras Christina e Patrícia e professor Jonas, que também acolheu o meu interesse e me auxiliou nos primeiros passos no Mestrado.

Agradeço, ainda, a todos os outros professores, técnicos e colegas que encontrei na pós-graduação, incluindo os da Universidade de Évora e, especialmente, o inspirador professor Felipe. Entre tantas pessoas importantes, agradeço principalmente àquelas com as quais construí boas amizades e seguirei junto em outros momentos. Obrigada pelas conversas, pelas trocas de conhecimentos e incentivos.

Também deixo o meu agradecimento àqueles que atuaram e atuam profissionalmente ao meu lado na Diretoria de Comunicação Institucional e na Universidade Federal de Viçosa. Obrigada por autorizarem e realizarem todas as adaptações necessárias para que eu pudesse me dedicar ao Mestrado.

Aos amigos, agradeço pelos ouvidos disponíveis, por choramingarem as dificuldades e comemorarem as conquistas comigo!

Mais uma vez e por toda a vida, agradeço aos meus queridos pais e irmãos e ao Pedro. Eles me orientaram, me avaliaram, contribuíram com a minha pesquisa da maneira que puderam, incentivaram, choramingaram, comemoraram, se adaptaram para me apoiar...

Enfim... Viveram o Mestrado junto comigo! Mais esta conquista também foi possível graças a vocês. Muito obrigada, meus amores.

Sou grata por tudo e a todos! Obrigada!

Índice

Lista de siglas	vi
Lista de figuras	vii
Lista de tabelas	viii
Resumo	ix
Abstract	x
Introdução	1
PARTE I.....	5
Capítulo 1. A Esav e sua história	5
1.1. Contextos históricos que antecederam e influenciaram a criação e o desenvolvimento da instituição	6
1.2. Criação e organização da instituição	13
1.3. Ensino.....	20
1.4. Pesquisa.....	35
1.5. Extensão	41
Capítulo 2. As memórias oficiais da Esav (primeira parte): abordagem e características gerais.....	46
2.1. Como abordar as memórias oficiais da instituição	46
2.2. Características gerais das memórias oficiais da instituição	59
Capítulo 3. As memórias oficiais da Esav (segunda parte): conteúdos	77
3.1. Personagens	77
3.2. O ensino.....	91
3.3. A pesquisa	97
3.4. A extensão	99
3.5. A disciplina	100
3.6. O poder militar	105
3.7. Palavras de ordem	107
Considerações finais	112

PARTE II	116
Capítulo 4. Projeto de expansão para programa <i>Memória Viva</i>	116
4.1. Apresentação do programa	117
4.2. Justificativa.....	126
4.3. Objetivos	129
4.4. Referencial bibliográfico	130
4.5. Metodologia	137
4.6. Fontes e operacionalização.....	143
4.7. Cronograma	148
Bibliografia.....	150
Anexos.....	157

Lista de siglas

Acar-MG: Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais

AEA: Associação dos Ex-Alunos da UFV

BA: Bahia

BAZV: Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária

DCI: Diretoria de Comunicação Institucional

Embrapa: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ESA: Escola Superior de Agricultura

Esav: Escola Superior de Agricultura e Veterinária

MG: Minas Gerais

RJ: Rio de Janeiro

RS: Rio Grande do Sul

SBAA: Sociedade Brasileira para a Animação da Agricultura

SNA: Sociedade Nacional de Agricultura

SP: São Paulo

UFV: Universidade Federal de Viçosa

Uremg: Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

Lista de figuras

Figura 1: Vídeo com o entrevistado Flávio D’Araújo Couto.....	120
Figura 2: Vídeo com o entrevistado Lúcio Roscoe Cardinali	120
Figura 3: Vídeo com o entrevistado Expedito Balbino	120
Figura 4: Vídeo com o entrevistado João Maria Bello Lisbôa.....	121
Figura 5: Vídeo com o entrevistado Eliseu Roberto de Andrade Alves	121
Figura 6: Vídeo com o entrevistado Wilson Araújo	121
Figura 7: Abertura do programa <i>Memória Viva</i>	122
Figura 8: Abertura do programa <i>Memória Viva</i>	123
Figura 9: Abertura do programa <i>Memória Viva</i>	123
Figura 10: Abertura do programa <i>Memória Viva</i>	123
Figura 11: Identidade visual do programa <i>Memória Viva</i>	124

Lista de tabelas

Tabela 1: Bibliografia produzida pela própria Universidade e por pessoas autorizadas por ela, que divulga suas memórias oficiais	61
Tabela 2: Lista dos vídeos divulgados pelo programa <i>Memória Viva</i>	119
Tabela 3: Lista com dados dos ex-alunos da Esav cadastrados pela Associação de Ex-Alunos da UFV	144
Tabela 4: Cronograma de atividade do programa <i>Memória Viva</i> entre julho de 2018 e junho de 2019	149

Resumo

POMPERMAYER, Izabel Morais, Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2018. **Continuidades e Descontinuidades da Memória: um estudo sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (MG) por meio de publicações de 1939 a 2016.** Orientador: Luiz Lima Vailati.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da problemática central de conhecer as memórias oficiais da Escola Superior de Agricultura e Veterinária – primeira fase da atualmente conhecida Universidade Federal de Viçosa – e entender as intenções e estratégias dos usos das mesmas pela própria instituição. Especificamente, buscou-se conhecer as memórias oficiais da Escola e como elas se relacionam entre si, tanto se reforçando e se complementando quanto conflitando ao se reapropriarem do passado, bem como entender a lógica de seleção dos conteúdos dessas memórias oficiais à luz da história da instituição, de contextos históricos mais gerais e de um arcabouço teórico relacionado ao tema. Procurando, ainda, atender à exigência dos programas de mestrado profissional, ao final é proposto um projeto de expansão do programa de vídeos *Memória Viva*, da Universidade, com a finalidade de contribuir para o levantamento, registro, organização, disponibilização em formato de acervo e difusão das memórias sobre a instituição, além de permitir que a própria Universidade reflita sobre e trate esse tipo de informação de maneira multidisciplinar e que novos estudos e iniciativas relacionadas a elas sejam desenvolvidos.

Abstract

POMPERMAYER, Izabel Morais, Universidade Federal de Viçosa, August, 2018. **Continuities and Discontinuities of Memory: a study about the School of Agriculture and Veterinary Medicine of Viçosa (MG) through publications from 1939 to 2016.** Adviser: Luiz Lima Vailati.

This research was developed from the central problematic of knowing the official memories of the School of Agriculture and Veterinary Medicine - the first phase of the now known Federal University of Viçosa - and to understand the intentions and strategies of the uses of the same ones by the own institution. Specifically, we sought to know the official memories of the School and how they relate to each other, both reinforcing and complementing each other as well as conflicting when they reappropriate the past, as well as understand the logic of selecting the contents of these official memories in the light of history of the institution, of more general historical contexts, as well as of a theoretical framework. Knowing also the demand of professional master's programs - through which the masters practice the subjects studied in order to meet the demands of their professional markets and, consequently, of society -, it is also proposed an expansion project of the video program *Memória Viva*, of the University, with the purpose of contributing to the collection, registration, organization, provision in a collection format and dissemination of memories about the institution, as well as allowing the University itself to reflect and treat this type of information in a multidisciplinary way and that new studies and initiatives related to them are developed.

Introdução

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) foi inaugurada pelo governo de Minas Gerais na cidade de Viçosa (MG), em 1926, com o nome de Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav) e o objetivo de ministrar o ensino superior teórico e prático da Agricultura e da Veterinária, assim como realizar estudos experimentais que contribuíssem para o desenvolvimento dessas duas áreas do conhecimento no estado. Até 1948, a Esav se desenvolveu influenciada por diversos contextos históricos, até ser transformada, também pelo governo mineiro, em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (Uremg). Essa segunda fase durou até 1969, quando a instituição foi federalizada como Universidade Federal de Viçosa. Atualmente, a UFV também possui *campi* nas cidades de Florestal e Rio Paranaíba (MG) e, em geral, oferece ensinos médio e superior, sendo que este último possui cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas do conhecimento.

Como esperado, já que seu reconhecimento pela comunidade acadêmica e sua afirmação no cenário universitário público regional e nacional depende disso, a Universidade, que está próxima de completar seus cem anos de existência, valoriza e divulga sua história e suas memórias. Nessa linha, entre outras iniciativas, ela procura conservar seus vínculos com os servidores aposentados e ex-alunos por meio de eventos realizados anualmente especificamente para eles. Geralmente, é promovida uma cerimônia de homenagens para o primeiro grupo de pessoas, em agosto, e uma reunião anual para o segundo grupo, em dezembro – sendo que esta última é realizada em parceria com a Associação dos Ex-Alunos da UFV (AEA). Nessas ocasiões, tais servidores aposentados e ex-alunos são convidados para retornar à instituição, relembrar e relatar o que foi vivido nela.

Ao atuar profissionalmente como jornalista na Universidade, além de ter contato com os dados memorialísticos divulgados oficialmente pela instituição, a mestrandia participou e ainda participa de coberturas e divulgações de edições desses eventos realizados para os servidores aposentados e ex-alunos. Portanto, há alguns anos, por meio de entrevistas e produções de reportagens, entre outras atividades jornalísticas, ela tem contato com esses públicos e pode perceber a diversidade das memórias lembradas por eles, além de perceber que os conteúdos delas vão além das informações memorialísticas divulgadas oficialmente pela própria UFV. Assim, durante esses anos, foi possível questionar o fato de a instituição não registrar tais memórias de maneira abrangente e, até mesmo, não criar um acervo com elas. Essas inquietações foram se tornando mais fortes quando ainda foi percebida a

historicidade e efemeridade presentes, já que não só os servidores aposentados e ex-alunos seguem envelhecendo e tendo suas faculdades mentais comprometidas com o passar do tempo, como as transformações dos seus relatos – que obedecem aos múltiplos estímulos que a dinâmica histórica aplica e reaplica neles – seguem passando imperceptíveis, devido à falta de registros.

Portanto, a primeira motivação para cursar o Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, do Departamento de História da UFV, foi pesquisar, refletir sobre e entender se e de que maneira as memórias dos servidores aposentados e ex-alunos poderiam contribuir para o enriquecimento das informações memorialísticas divulgadas oficialmente pela instituição. Nesse sentido, considerava-se que essa motivação deveria incluir uma iniciativa prática de registro, organização em acervo e disponibilização de tais relatos para a sociedade.

Após cursar as disciplinas e participar das diversas orientações no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, porém, houve o entendimento de que seria indispensável, primeiro, conhecer de maneira aprofundada as informações memorialísticas divulgadas oficialmente pela Universidade. Isto é, não apenas os conteúdos veiculados e suas transformações, como, sobretudo, os possíveis nexos e motivações político-institucionais que operam sobre as produções dessas memórias oficiais. Sem esse conhecimento, não seria possível entender as razões para a instituição não aproveitar a diversidade dos relatos pessoais dos servidores aposentados e ex-alunos, considerando a riqueza de informações que eles oferecem.

Dada sua complexidade, esta exigência prioritária, portanto, apresentou-se como uma problemática suficiente para a presente pesquisa, deixando claro que os outros interesses, que animaram a proposta inicial, poderiam ser alcançados posteriormente, em outros momentos.

Vale destacar que a nova motivação foi fortalecida pelo fato de muitas outras pesquisas acadêmicas que abordam a história e as memórias da instituição terem sido encontradas – desenvolvidas sob diversos prismas temáticos, teóricos e metodológicos, entre outras perspectivas de análises –, mas nenhuma relacionada especificamente ao exame crítico das suas memórias oficiais, apesar da centralidade das mesmas na autoimagem que a Universidade veicula de si.

Especificamente, propôs-se realizar esta pesquisa tendo como referência a primeira fase da UFV, entre 1926 e 1948, quando era denominada Esav – é importante frisar que, nesses anos, a instituição só possuía um campus, na cidade de Viçosa; então, todas as menções existentes à Escola nesta dissertação consideram apenas esse campus. Esse recorte temporal foi resultado, principalmente, de duas observações. Uma delas refere-se ao fato de a

primeira fase da instituição ser considerada, de uma maneira geral, pela sua comunidade, como a mais importante. Pode-se dizer que a Esav é privilegiada ao ser lembrada como o período em que foram erguidos os primeiros e ainda existentes prédios da Universidade, em que foram consolidados os valores e definido o modelo de ensino, de pesquisa e de extensão ainda vigente na mesma. Enfim, a Escola é privilegiada ao ser lembrada como o período que deu início à atuação da UFV e permitiu que ela se tornasse o que é hoje. Em segundo lugar, sabendo que existem muitas pesquisas acadêmicas sobre a Esav, mas nenhuma relacionada especificamente ao exame crítico das suas memórias oficiais, como dito anteriormente, entendeu-se como importante realizar esta iniciativa de pesquisa justamente se referindo à primeira fase da instituição, deixando uma base explorada e espaço para que outras iniciativas sobre tais narrativas se desenvolvessem posteriormente, abarcando diferentes aspectos da mesma e de outras fases da instituição.

Definida, assim, a problemática central da pesquisa – que é conhecer as memórias oficiais da Esav e entender as intenções e estratégias dos usos das mesmas pela própria instituição –, puderam ser marcados dois objetivos específicos. Em primeiro lugar, conhecer as memórias oficiais da Escola e como elas se relacionam entre si, tanto se reforçando e se complementando quanto conflitando ao se reapropriarem do passado. Em segundo lugar, à luz da história da instituição, de contextos históricos mais gerais, bem como de um arcabouço teórico, entender a lógica de seleção dos conteúdos dessas memórias oficiais. Isto é, também dar visibilidade e sentido para os conteúdos históricos ausentes e revelar tais silêncios na condição de atos aos quais não faltam significados.

Sabendo, ainda, da exigência dos programas de mestrado profissional – por meio da qual os mestrandos praticam as temáticas estudadas a fim de atender demandas dos seus mercados profissionais e, conseqüentemente, da sociedade –, também é proposto um projeto de expansão do programa de vídeos *Memória Viva*, da própria UFV. O programa, que será discutido detalhadamente adiante, é produzido pela Diretoria de Comunicação Institucional (DCI) da Universidade, na qual a mestranda atua profissionalmente como jornalista, e tem o objetivo de realizar entrevistas com pessoas que se destacaram no ensino, na pesquisa e na extensão da instituição, a fim de registrar e recordar memórias sobre a mesma. O projeto de expansão tem como finalidade contribuir para o levantamento, registro, organização, disponibilização em formato de acervo e difusão das memórias sobre a instituição, bem como permitir que a própria Universidade reflita sobre e trate esse tipo de informação de maneira multidisciplinar e que novos estudos e iniciativas relacionadas a elas sejam desenvolvidos.

A pesquisa é apresentada nesta dissertação em duas partes. A primeira é composta por três capítulos, sendo que o primeiro tem um caráter exclusivamente instrumental, isto é, de apresentação da história da Esav, tendo como base trabalhos acadêmicos e outros textos de história sobre o período e sobre temas afins. Esse primeiro capítulo permite que a pesquisa seja familiarizada com a história da instituição, que é o objeto das memórias analisadas, e oferece um conjunto de informações cientificamente controlado, necessário para a identificação, nos capítulos seguintes, das passagens da história da Escola que foram privilegiados pelas narrativas oficiais, de maneira a contribuir para o entendimento das intenções e estratégias dos usos das mesmas. No segundo capítulo, são apresentados os recursos teóricos que fundamentam a maneira como a pesquisa aborda as memórias oficiais da Esav, bem como o quadro geral dos documentos em que essas narrativas são veiculadas. Nele, também será realizada uma análise das características principais desses materiais. No terceiro capítulo, as memórias oficiais da Escola são apresentadas, relacionadas e analisadas entre si, a partir de temáticas gerais recorrentes. Na segunda parte da dissertação, por fim, é apresentado o projeto de expansão do programa Memória Viva.

Antes de encerrar esta introdução, é muito importante esclarecer que não é pretensão desta pesquisa reescrever a história da Esav. Tal entendimento das intenções e estratégias dos usos das memórias oficiais da Escola pela própria instituição também não tem o objetivo de qualificar, de alguma maneira, as fontes utilizadas por esta dissertação. Sabe-se, pelo contrário, que as intenções desses materiais e dos seus organizadores têm uma função no funcionamento da instituição. Mesmo que esta pesquisa procure identificar nexos e motivações político-institucionais que operam sobre as construções das memórias oficiais da instituição, bem como os vetores sociais que presidem suas elaborações, de acordo com o que dita o estudo da memória pela História, entende-se que elas foram produzidas com objetivos e para públicos específicos. A intenção, aqui, é oferecer uma leitura histórica sobre as memórias oficiais da instituição e salientar a pluralidade das narrativas associadas à instituição e o papel social das mesmas.

PARTE I

Capítulo 1. A Esav e sua história

Com a finalidade de entender as intenções e estratégias dos usos das memórias oficiais da Escola Superior de Agricultura e Veterinária pela própria instituição, será analisado como essas memórias oficiais se relacionam entre si e com a história da Universidade Federal de Viçosa. Isso, como explicado anteriormente, acontecerá no segundo e no terceiro capítulo. Portanto, antes, é importante apresentar tal história da instituição, de maneira a estabelecer um conjunto de conteúdos que permitem esse contraste e, a partir de então, apresentem pontos convergentes e divergentes que contribuam para um entendimento de tais intenções e estratégias. Esse contraste será fundamental para um vislumbre dos nexos que orientaram a produção das memórias oficiais. Nesse sentido, este capítulo servirá como uma introdução necessária sobre a instituição, uma vez que ela é, ao mesmo tempo, objeto e produtora dos discursos que serão analisados adiante.

Assim, o primeiro capítulo constitui-se em uma sumarização histórica sobre a Esav, produzida a partir da leitura de teses e dissertações sobre a mesma e, também, de uma bibliografia que corresponde aos contextos gerais do período em destaque.

A seleção e utilização desses trabalhos acadêmicos e da bibliografia de pesquisas históricas, nesta dissertação, bem como a sua determinação como base de comparação para os conteúdos das memórias oficiais da instituição, são baseados e explicadas por meio dos conhecimentos do historiador francês Pierre Nora¹. De acordo com o autor, esses materiais podem ser definidos como conhecimentos do passado caracterizados pelo tratamento crítico dos testemunhos primários que os sustentam e pela tradição discursiva que os cercam. Ou seja, mesmo que possuam uma natureza parcial e provisória, como tudo o que se refere à história e à memória, esses materiais são construídos por meio de discursos cientificamente balizados e controlados das imagens que veiculam acerca do passado que lhes é objeto.

Para o autor, o conjunto desses materiais, que pode ser chamado de *memória histórica*, opõe-se à chamada *memória tradicional*, uma vez que esta última se apresenta como um conjunto de relatos pretensamente imediatos e absolutos – em termos da verdade que supostamente encerram – sobre o passado a que se referem. A memória tradicional estabelece com esse passado uma relação de caráter majoritariamente emocional e pautada pela

¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 1993. p. 7-28.

reprodução acrítica das fontes – quando estas são, de fato, recordadas – e de uma ou outra tradição narrativa estabelecida anteriormente. Por sinal, é nesta última modalidade de narrativa sobre o passado que se enquadram as chamadas memórias oficiais, como é o caso das produzidas pela instituição².

Portanto, entre as características desses trabalhos acadêmicos e da bibliografia de pesquisas históricas estão os discursos cientificamente balizados e controlados, o que o historiador francês Jacques Le Goff³ considera essencial: a necessidade de manter os fatos passados inseridos e integrados aos diversos contextos locais e de época. Portanto, esses materiais também fornecerão um embasamento sobre os meandros dos processos de desenvolvimento da sociedade que antecederam, fizeram parte e influenciaram a Esav, que permitirão os contrastes e análises propostas para os próximos capítulos.

Aliás, são muitos os meandros, de diversas naturezas. Tanto, que é importante destacar que não é objetivo deste primeiro capítulo citar e aprofundar os conhecimentos sobre todos eles, tampouco reescrever a história da Esav conforme apresentada pelos trabalhos acadêmicos e pela bibliografia sobre história geral, como já destacado na introdução desta dissertação. Com caráter instrumental, não analítico, como mencionado, este capítulo se dedica a apresentar um cenário geral, que permite uma compreensão ampla dos acontecimentos relacionados à Escola.

Portanto, está distribuído entre os itens 1.1 e 1.5 o balanço dos conteúdos das teses e dissertações e da bibliografia sobre história geral mencionadas, que consistem nos contextos da criação do ensino superior no Brasil, do final do século XIX e início do século XX – quando a Esav foi criada –, até 1948 – quando a instituição foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

1.1. Contextos históricos que antecederam e influenciaram a criação e o desenvolvimento da instituição

O processo de instalação do ensino superior no Brasil pode ser considerado tardio quando comparado com outros países, como Ellen Scopel Cometti⁴ destaca em sua dissertação. De acordo com a autora, durante o período colonial, Portugal proibia o Brasil de

² Ibid.

³ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 546.

⁴ COMETTI, Ellen Scopel. **A extensão na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (Esav): 1926 - 1948**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. p. 30-31.

criar instituições destinadas a esse tipo de ensino e, ao mesmo tempo, concedia subsídios para que alguns filhos de colonos estudassem em suas terras na Europa. Isso, como apontado, correspondia a uma maneira de impedir que os estudos contribuíssem para o surgimento de movimentos a favor da independência brasileira. O que existia, nesse período, ainda segundo Ellen Cometti⁵, eram algumas iniciativas de ensino de nível superior realizadas pelos jesuítas nas áreas das Artes – também chamada de Ciências Naturais ou Filosofia – e Teologia.

Esse cenário só começou a ser transformado em 1808, com a transferência da sede do poder de Portugal para o Brasil: só então foram criadas instituições com cursos de caráter superior para a formação de profissionais intelectuais, que conquistavam, assim, prestígio social e funções privilegiadas no mercado de trabalho, considerado restrito⁶. É importante destacar, porém, que o ensino superior só adquiriu distinções de universidade a partir da década de 1930, quando o governo federal publicou decretos que estabeleceram o Estatuto das Universidades Brasileiras e padrões de organização para tais instituições, como será visto adiante.

Já no final do século XIX, de acordo com Denílson Santos de Azevedo⁷, o ensino secundário era direcionado para as minorias privilegiadas e tinha um caráter preparatório para o ensino superior. Este, por sua vez, carregava uma “herança cultural aristocrática, de formação bacharelesca”⁸, que tinha entre seus objetivos “formar os quadros dirigentes do país”⁹. Ao mesmo tempo, segundo o autor, o ensino das atividades práticas e produtivas, que, na época, era muito vinculado às instituições assistenciais direcionadas para órfãos e pobres, entre outros, era alvo de preconceito.

O ensino, portanto, era pautado por questões sociais e políticas e o cenário para a sua promoção no nível superior agrícola era desfavorável¹⁰.

Em 1889, a transição da forma de governo monárquica para a republicana suscitou uma série de movimentos e mudanças no Brasil – incluindo tomadas de decisões pertinentes

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.; MARTINS, Antônio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 17, suplemento 3, 2002. p. 4-6.; COSTA, Everton de Brito Oliveira; RAUBER, Pedro. História da educação: surgimento e tendências atuais da universidade no Brasil. **Revista Jurídica Unigran**, Dourados, v. 11, n. 21, 2009. p. 241-253.; SANTOS, Adilson Pereira dos; CERQUEIRA, Eustáquio Amazonas de. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, IX, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. p. 1-17.

⁷ AZEVEDO, Denílson Santos de. **Melhoramento do homem, do animal e da semente: o projeto político-pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948)**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 18.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 54-55.

ao sistema de ensino –, relacionadas e influenciadas por um cenário abrangente, nacional e internacional. Boris Fausto¹¹ destaca, por exemplo, que novas ideias estavam se difundindo pelo Brasil, como a ideia de progresso, que significava a modernização da sociedade por meio dos conhecimentos técnicos, da indústria e das comunicações.

Com a transição da forma de governo, muitos grupos com interesses diversos e divergentes passaram a disputar o poder do país, cujas atividades econômicas eram predominantemente agrícolas e de exportação. Por este motivo, o poder, na Primeira República, acabou se consolidando nas mãos das elites agrárias dos estados mais produtivo e rentáveis: São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul¹².

Em São Paulo, a economia era resultante de atividades diversificadas, mas sua elite política agia principalmente de acordo com os interesses da elite cafeeira, principal produto de exportação do país. Já em Minas Gerais, a economia era baseada no café, no gado e, com intensidade menor, na indústria. Entre 1894 e 1902, foram eleitos sucessivamente três presidentes da República paulistas, sendo que, em 1898, São Paulo fez um acordo com Minas Gerais para que a presidência continuasse preponderantemente nas suas mãos. Em 1909, quando a eleição para a presidência representou a primeira disputa efetiva da República, São Paulo e Minas Gerais se desentenderam, o que permitiu uma abertura de espaço provisório para os militares e para o Rio Grande do Sul no cenário político nacional. Em 1913, paulistas e mineiros fizeram um novo acordo, de revezamento na presidência – política conhecida como Café-com-Leite –, que durou até 1929, quando o então presidente representante de São Paulo Washington Luís indicou o paulista Júlio Prestes, no lugar de um mineiro, para a sua sucessão e pôs fim ao acordo¹³.

Boris Fausto¹⁴ destaca que o domínio oligárquico poderia ter sido modificado pela população por meio do voto. Porém, o voto não era obrigatório, nem secreto, e as fraudes eleitorais eram frequentes. O povo, então, não se interessava pela política, por considerá-la “um jogo entre grandes ou uma troca de favores”¹⁵. Assim, o acordo entre São Paulo e Minas Gerais proporcionou certa estabilidade política para a Primeira República.

Economicamente, essa estabilidade não existiu. A Primeira República iniciou sua trajetória com uma grande dívida externa, herdada do governo monárquico, e consumia grande parte do saldo da sua balança comercial para pagá-la. Os empréstimos externos

¹¹ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 245-246, 281.

¹² Ibid. p. 243-273.

¹³ Ibid. p. 265-268.

¹⁴ Ibid. p. 261-263, 270-273.

¹⁵ Ibid. p. 262.

subsidiavam a manutenção do país, a infraestrutura dos portos e das ferrovias, entre outros. A partir da década de 1890, o Brasil ainda viu sua produção cafeeira crescer muito, aumentando a oferta do produto e, ao longo do tempo, diminuindo o seu preço no mercado internacional, o que agravou, cada vez mais, sua situação econômica e suscitou diversas discussões e novas tomadas de decisões¹⁶.

Vale destacar que, diante dessa situação econômica, duas organizações foram criadas para tratar de assuntos agrícolas e acabaram contribuindo para a difusão do ensino da área, como coloca Ellen Cometti¹⁷. A Sociedade Brasileira para a Animação da Agricultura (SBAA) foi criada em 1894 e a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), em 1897. De acordo com a autora, a SBAA tinha como função adquirir sementes e animais de qualidade para os seus integrantes e buscar patrocínios políticos para a causa agrícola, além de apoiar a agricultura e a criação de gado no país e divulgar os produtos nacionais no exterior. Já a SNA defendia o associativismo, a diversificação da produção agrícola e a sua modernização por meio do ensino técnico e da mecanização. A SNA, inclusive, segundo a autora, foi a organizadora do primeiro Congresso Nacional de Agricultura, realizado no Rio de Janeiro (RJ), em 1901, considerado o primeiro fórum nacional para discussão de questões agrícolas.

Nesse período, existiram tentativas de implantação de instituições de ensino superior agrícola no país. Alguns autores, como Denílson de Azevedo¹⁸, apresentam detalhes sobre essas instituições, incluindo suas pequenas demandas e números pouco expressivos de formados, mostrando que tal ensino não era muito procurado e, portanto, tampouco um bom difusor de técnicas e desenvolvimento para a área.

Apesar das circunstâncias desfavoráveis que envolviam o ensino superior agrícola no Brasil na época, a atenção é chamada para o fato de a existência dessas discussões e instituições já representarem, mesmo de maneira tímida, a necessidade do país buscar alternativas, inclusive na educação, para diversificar e modernizar sua produção de modelo agrário-exportador. A principal cultura de exportação – a do café – estava se exaurindo por causa das sucessivas crises de preços e desvalorizações do produto que aconteciam no mercado internacional, entre outros eventos. Também começaram a crescer as críticas em relação à atividade monocultora e ao empirismo dos agricultores ao cultivar a terra¹⁹.

¹⁶ Ibid. p. 266.

¹⁷ COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 45-47.

¹⁸ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 22.

¹⁹ Ibid. p. 22-25.

Ao mesmo tempo em que a agricultura do café enfrentava uma crise, Denílson de Azevedo²⁰ mostra que acontecia o crescimento industrial, urbano, demográfico, de pessoas migrando do campo em direção às cidades e às atividades da indústria e do comércio, entre outras ocupações. Nesse contexto, elas também começaram a ver no ensino uma maneira de ascender socialmente.

Ao falar da urbanização, principalmente em São Paulo, que era centro distribuidor de produtos importados, sede de grandes bancos e empregos burocráticos, Boris Fausto²¹ destaca: “a cidade oferecia um campo aberto ao artesanato, ao comércio de rua, às fabriquetas de fundo de quintal, aos construtores autodenominados ‘mestres italianos’, aos profissionais liberais”²².

Esse crescimento industrial também foi estimulado pelo setor cafeeiro, que, durante o seu momento de expansão, promoveu a imigração e, portanto, proporcionou também um mercado para produtos manufaturados, empregos urbanos vinculados à atividade cafeeira, investimentos em estradas de ferro e incentivos à exportação e à importação, etc.²³

Entre 1887 e 1930, de acordo com Boris Fausto²⁴, cerca de 3,8 milhões de estrangeiros, principalmente europeus e asiáticos, vieram para o Brasil em busca de trabalho e ascensão social. Ao mesmo tempo, o mesmo autor e Denílson de Azevedo²⁵ expõem que o país demandava mão-de-obra, principalmente em suas lavouras de café. Com o crescimento industrial, urbano e demográfico, as cidades começam a crescer sem absorver toda a mão-de-obra disponível e sem serem acompanhadas pela qualidade de vida da população. As movimentações políticas e civis para discutir essas mudanças e formar grupos para defender determinados interesses, entre outras ações, aumentaram.

A elite agrária, que praticamente tinha o poder político nas mãos, então, defendeu a diversificação e a modernização da produção agrícola e a difusão de conhecimentos técnicos que melhorassem a produtividade e as condições de vida no meio rural, ficando evidente que essa defesa tinha como objetivo solucionar tanto a crise da agricultura quanto as questões que começaram a aparecer com o crescimento das cidades – nessa perspectiva, se a população tivesse melhores condições de vida no meio rural, não precisaria procurá-las na cidade. Foi assim que o ensino agrícola começou a ganhar força; como caminho para o “adestramento

²⁰ Ibid. p. 30-31, 34.

²¹ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 284.

²² Ibid.

²³ Ibid. p. 286-287.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 30-31, 34.

²⁴ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 275, 286-287.

²⁵ AZEVEDO, Denílson Santos de. Loc. cit.

profissional da mão-de-obra”²⁶, a formação de profissionais instruídos e o desenvolvimento científico da agricultura²⁷.

De acordo com Fabrício Valentim da Silva²⁸, a intenção era que essa reforma incluísse aspectos técnicos e socioculturais e não modificasse a estrutura fundiária. Assim, o mesmo autor afirma que, com a criação da Esav em Viçosa, que será detalhada posteriormente, a intenção era eliminar o modo de vida do chamado *caipira mineiro* ou *Jeca Tatu*, que, segundo as elites, era resistente ao progresso.

Além desse cenário nacional, especificamente em Minas Gerais, na mudança do século XIX para o XX, Fabrício da Silva²⁹ destaca que também se difundiram as ideias de atraso econômico e de estagnação do estado, sendo esse período posterior ao áureo, rico e prestigiado. O estado também enfrentava dificuldades em relação à transformação do trabalho escravo para o trabalho livre, já que na visão de integrantes das classes produtoras, como a dos fazendeiros, isso gerou um problema de falta mão-de-obra para o trabalho regular. Segundo o autor, o estado tinha uma política de ingresso de imigrantes que pouco contribuía para os resultados das lavouras.

Diante desse cenário, o poder público e as classes produtoras do estado se uniram para dar origem a um projeto de desenvolvimento econômico mineiro, que resultou na realização do primeiro Congresso Agrícola, Industrial e Comercial, em 1903, em Belo Horizonte (MG). O evento, ocorrido durante o governo do presidente do estado Francisco Sales, aparece como uma das principais enunciações da necessidade de diversificação da produção agrícola e da disseminação de inovações técnicas nos trabalhos com a terra e com rebanhos. Um dos assuntos defendidos durante o evento foi a incorporação do trabalhador brasileiro às novas relações capitalistas impostas pelo mercado do trabalho livre, fosse por meio de repressão e controle ou por meio de instrução agrícola profissionalizante³⁰.

A partir de então, destaca-se o governo do presidente de Minas Gerais João Pinheiro, entre 1906 e 1908, em que houve maior investimento na instalação de instituições de ensino agrícola – sendo que João Pinheiro também aparece como articulador político do Congresso de 1903³¹. Também se destaca o governo do presidente da República Nilo Peçanha, que, por meio do Decreto nº 8.319, de 20 de outubro de 1910, institucionalizou e regulamentou o

²⁶ Ibid. p. 27.

²⁷ Ibid. p. 24-27.

²⁸ SILVA, Fabrício Valentim da. **Ensino agrícola, trabalho e modernização no campo: a origem da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920 - 1929)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. p. 11.

²⁹ Ibid. p. 21-26, 35.

³⁰ Ibid. p. 21-26, 40.

³¹ Ibid. p. 22-24.

ensino agrícola brasileiro em todos os seus graus e modalidades³². Já o governo do então presidente de Minas Gerais, Júlio Bueno Brandão, ao aprovar o decreto nº 3.356, de 11 de novembro de 1911, regulamentou o ensino agrícola no estado³³. Diferente do ensino acadêmico, teórico, livresco, este ensino agrícola regulamentado no país se caracterizou pela formação teórica e prática, técnica, profissional, aplicada à agricultura, o que promoveria um progresso rápido das forças produtivas no meio rural³⁴.

Esse primeiro regulamento do ensino agrícola de Minas Gerais determinava que a modalidade acontecesse em sete diferentes maneiras: 1) como ensino agrícola primário; 2) ensino agrícola ambulante; 3) ensino agrícola médio; 4) fazendas modelos vinculadas ao estado; 5) fazendas subvencionadas pelo estado; 6) aprendizados agrícolas e 7) institutos com a função de ensino agrícola para crianças abandonadas. Cada uma com a sua especificidade. O objetivo era qualificar o público profissionalmente, ensinando novas técnicas agrícolas, e fazer com que ele não abandonasse o campo³⁵.

De acordo com Fabrício da Silva³⁶, muitas dessas modalidades de ensino apresentaram comprovada ineficácia e foram extintas posteriormente, junto com uma mudança política realizada pelo presidente de Minas Gerais Arthur Bernardes, entre 1918 e 1922. Seu governo passou a valorizar o ensino agrícola em níveis médio e superior, a fim de iniciar uma nova fase para o ensino no estado; introduzindo a ciência na vida prática do campo, disseminando o ensino agrícola direcionado para o trabalho.

Vale voltar ao nível nacional, em que outras regulamentações e fiscalizações surgiram com o tempo. Com isso, também foram desenvolvidas propostas para organizar esse ensino agrícola em: ensino elementar, de lavrador ou agricultor; médio, de administrador rural; e superior, de engenheiro agrícola ou agrônomo³⁷.

Após a Primeira Guerra Mundial, ou seja, após 1918, a classe média urbana começou a ter mais espaço na política e a defender uma reforma social com educação para o povo, o voto secreto e a criação de uma justiça eleitoral. O país também enfrentou diversos protestos e revoltas, como o tenentismo, principalmente contra a elite oligárquica que governava o país. Muitas mudanças aconteceram sob o governo de Arthur Bernardes, lançado como candidato à presidente da República pelo eixo São Paulo-Minas em 1921³⁸.

³² AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 25.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 51.

³³ SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 50-51.

³⁴ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 26-27, 36-38.

³⁵ COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 56.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 53-56.

³⁶ SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. 51-52, 61-64

³⁷ Ibid. p. 33.

³⁸ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 305-310.

De acordo com Boris Fausto³⁹, Arthur Bernardes governou à frente do país até 1926 em meio uma situação política e econômica nacional difícil, com muitas heranças negativas e pouca disposição para continuar defendendo o café em meio à sua crise no mercado mundial. O presidente, inclusive, recorreu a diversas decretações de estado de sítio. Segundo o autor, “extremamente impopular, nas áreas urbanas, especialmente no Rio de Janeiro, (Arthur Bernardes) lançou-se a uma dura repressão para os padrões da época”⁴⁰. A sucessão do então presidente da República deu continuidade ao acordo entre São Paulo e Minas Gerais elegendo o candidato de São Paulo Washington Luís.

Vê-se, assim, que houve uma grande mudança na sociedade e nas suas relações no final do século XIX e início do século XX e que esses contextos históricos já conjecturavam e influenciavam o surgimento e o tipo do ensino agrícola que viria a ser realizado, a partir da década de 1920, na Esav.

De acordo com Fabrício da Silva⁴¹, a Escola de Viçosa é entendida como um produto do momento histórico em que foi criada, marcado pela transformação do trabalho após a abolição da escravidão, pelo entusiasmo pela educação e pela busca da confirmação da vocação agrícola do país por meio da modernização da agricultura.

Portanto, manter a instituição inserida e integrada nesses contextos traz o entendimento de que ela correspondia e fazia parte de uma tendência nacional na época, não sendo sua criação e seu desenvolvimento atípicos ou alheios a tudo o que se pensava. Sabendo disso, então, é possível abordar os contextos históricos específicos do período da Esav.

1.2. Criação e organização da instituição

A informação mais escolhida pelos trabalhos acadêmicos para iniciar as abordagens sobre a Esav é a autorização do então presidente do Estado de Minas Gerais, o viçosense Arthur da Silva Bernardes, para criar uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária mineira no local que apresentasse as melhores condições para o seu funcionamento. Essa autorização foi dada por meio da Lei nº 761, no dia 6 de setembro de 1920. De acordo com o documento, tal instituição teria como objetivo ministrar o ensino prático e teórico da Agricultura e da Veterinária, assim como realizar estudos experimentais que contribuíssem para o desenvolvimento dessas ciências em Minas Gerais⁴².

³⁹ Ibid. p. 315-316.

⁴⁰ Ibid. p. 315.

⁴¹ SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 17.

⁴² COELHO, France Maria Gontijo. **A produção científico-tecnológica para agropecuária: da Esav à Uremg, conteúdos e significados.** 1992. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa,

O presidente do Estado orientou que a escolha do local para a criação da Escola considerasse a região da Zona da Mata mineira, onde estavam as maiores produções agrícolas e populações de Minas Gerais. De acordo com um relato do então engenheiro-chefe da Esav, João Carlos Bello Lisbôa, apresentado por alguns autores, o governo mineiro entregou a incumbência para uma comissão de técnicos ditos idôneos e entre eles estava o norte-americano Peter Henry Rolfs⁴³.

A escolha do local é uma incerteza presente na maioria dos trabalhos acadêmicos, pois ora apresentam aspectos técnicos, ora políticos. Além da informação de que os técnicos responsáveis por tal incumbência eram idôneos, as teses e as dissertações também levam a entender que a Escola foi criada por Arthur Bernardes para beneficiar sua terra natal.

Tanto não há certezas, que Uiara Maria da Silva⁴⁴ recorre à memória popular para registrar que Arthur Bernardes teria dito para Peter Rolfs instalar a Escola em qualquer lugar, desde que fosse em Viçosa. Denílson de Azevedo⁴⁵ já deixa claro que a comissão visitou as cidades de Ubá, Visconde do Rio Branco e Ponte Nova (MG) e decidiu erigir a instituição providencialmente nas proximidades da cidade de origem do presidente do Estado.

Denílson de Azevedo⁴⁶ mostra que o parecer final de Peter Rolfs descartou as três cidades citadas acima porque elas ficavam muito distantes dos terrenos que ofereciam boas condições para a criação da Esav e isso não contribuiria para que a instituição se desenvolvesse. Ao falar sobre Viçosa, porém, Peter Rolfs destaca a necessidade de construir residências para os professores próximo à Escola, considerando sua distância da cidade. Ou seja, o que era um empecilho antes, deixou de ser quando se tratou de Viçosa e, portanto, o autor observa a saliência dos aspectos políticos, como mostrado abaixo:

Pode-se depreender dessa exposição de motivos técnicos que balizaram o parecer final que a escolha do local para a instalação da Escola de Agricultura, convenientemente, levou em conta, em última instância, as injunções de natureza política local e estadual, visto que Rolfs reconhece também que a sede da obra estaria relativamente distante do município escolhido.⁴⁷

Viçosa, 1992. p. 2.; SILVA, Uiara Maria da. **Extensão universitária: a interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro** – UFV. 1995. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1995. p. 42.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 62.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 10, 22.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 61.; CASTRO, Maria Gontijo. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa**. 2015. 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015. P. 10.

⁴³ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 43-44.; AZEVEDO, Denilson Santos de. Loc. cit.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 65-66.

⁴⁴ SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 44.

⁴⁵ AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 63.

⁴⁶ Ibid. p. 64-65.

⁴⁷ Ibid. p. 65.

Em sua dissertação, Fabrício da Silva⁴⁸ também expõe que representantes das elites rural e intelectual da região chegaram a integrar tal comissão. Entre os citados pelo autor está Álvaro da Silveira, identificado como chefe técnico da Diretoria de Agricultura e integrante da diretoria da Sociedade Mineira de Agricultura. Essa Sociedade, como explicado no trabalho acadêmico, representava os interesses das elites agrárias de Minas Gerais, o que reforça o aspecto político já mencionado.

Assim, é importante não esquecer que a Escola não foi desejada apenas por Arthur Bernardes, mas pelas elites política e agrária de Minas Gerais da época, que entendiam que o país tinha uma vocação de trabalho e econômica essencialmente agrícola.

Mesmo assim, contribuindo para essa incerteza, France Maria Coelho⁴⁹ observa que a escolha de construir a Escola em Viçosa também se deu porque o local servia de recurso para demonstrar as possibilidades de recompor a fertilidade do solo e realizar uma agricultura produtiva.

Voltando um pouco nessa linha do tempo, viu-se que o norte-americano Peter Henry Rolfs ajudou na escolha do local para a criação da Esav. Ele, que, de acordo com os trabalhos acadêmicos, era *Doctor of Science* e então diretor do *Florida Agricultural College* da *University of Florida*, foi contratado pelo presidente do Estado Arthur Bernardes, junto com seu governo e por intermédio do governo dos Estados Unidos, com essa finalidade, além de fundar, organizar e dirigir a Escola⁵⁰.

Porém, o motivo mais forte indicado para a contratação do norte-americano foi a implementação do molde dos *Land-Grant Colleges* na Escola. É notório entre os pesquisadores sobre o tema que essa característica diferenciou a criação da Esav da maioria das instituições brasileiras vinculadas às práticas agrícolas da época – que seguiam as tendências europeias; ela teve uma orientação norte-americana, inspirada nos *Land-Grant Colleges* e nas suas três áreas de atuação: ensino, pesquisa e extensão⁵¹.

France Maria Coelho⁵² apresenta, por meio de um relato de Peter Rolfs, que a América do Norte também experimentou diversos moldes de ensino agrícola. Entre eles, alguns com tendências europeias, como, por exemplo, ensinar a ciência pela ciência, sem aplicações à

⁴⁸ SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 70-71.

⁴⁹ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 143-148.

⁵⁰ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 45.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 62-63.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 65.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 61.

⁵¹ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 31-32.; SILVA, Uíara Maria da. Loc. cit.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 63, 114.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 66.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 60.; LOPES, Eduardo Simonini. **Praticantes de mundos**: a invenção de cotidianos discentes em uma universidade. 2011. 261 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p. 51-52; CASTRO, Maria Gontijo. Loc. cit.

⁵² COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 33.

agricultura. Para Peter Rolfs, como mostra a autora, porém, os educadores modernos reconheciam a importância do pragmatismo, do ensino prático em relação ao ensino livresco, do aprender fazendo para a obtenção de resultados mais imediatos.

Os *Land-Grant Colleges* surgiram nos Estados Unidos em 1862, época em que o país vivia a expansão da fronteira agrícola para o seu Oeste – que apresentava condições climáticas e do solo diferentes do restante do país e, por isso, demandava novos conhecimentos para a produção – entre outras situações. O conhecimento científico passou a possibilitar investimentos e lucros para a agricultura do país e o ensino ficou caracterizado por vincular a ciência à aplicação dos conhecimentos nos trabalhos práticos e cotidianos das fazendas⁵³.

No Brasil, o molde dos *Land-Grant Colleges* agradou a elite agrária no início do século XX, momento em que os Estados Unidos saíam vitoriosos da Primeira Guerra Mundial e iniciavam o seu expansionismo na disputa da hegemonia econômica e política mundial, ainda de acordo com France Maria Coelho⁵⁴. O expansionismo norte-americano, segundo ela, foi interpretado pela elite brasileira como uma contribuição para o progresso. O sentimento a favor dos Estados Unidos era dominante em muitos segmentos sociais.

A mudança da forma de governo monárquica para a republicana também já havia estreitado as relações do Brasil com os Estados Unidos e o afastou da Inglaterra – tanto que a primeira Constituição da República brasileira foi inspirada no modelo norte-americano liberal, que dava certa autonomia aos estados, ou seja, aos reduzidos grupos políticos dos estados. Durante o primeiro período da nova forma de governo, a Primeira República, os Estados Unidos corresponderam ao maior mercado consumidor do café brasileiro⁵⁵.

Considerando o processo de desenvolvimento dos Estados Unidos, as necessidades e os desejos da elite mineira, na interpretação de France Maria Coelho⁵⁶, sabe-se que a criação da Esav “revelou-se como uma proposta política estratégica”⁵⁷. De acordo com a autora, a Escola atenderia às necessidades de diferenciação e aumento da produção agrícola do estado e às necessidades políticas do momento: “interpôs-se a vontade política da elite mineira, configurada na pessoa de Bernardes, que via no ensino técnico agrícola, uma saída para a situação não só econômica, mas principalmente política, diante da concorrência de São

⁵³ Ibid. Op. cit. p. 34-35.; SILVA, Uíara Maria da. Loc. cit.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Loc. cit.

⁵⁴ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 35-37.

⁵⁵ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 293.

⁵⁶ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 44-45.

⁵⁷ Ibid.

Paulo”⁵⁸. A autora ainda destaca que os Estados Unidos, além de possuírem conhecimentos científicos e tecnológicos e experiência na pesquisa agrícola, tinham organizações com interesse em expandir suas áreas de investimento no Brasil.

Com isso, a criação de uma instituição no molde dos *Land-Grant Colleges* em Minas Gerais atenderia às necessidades e aos desejos manifestados pela elite mineira e pelos Estados Unidos, criando, ainda, uma rede de intercâmbio – e de dependência – científico-tecnológico entre eles⁵⁹. Ao mesmo tempo, não se pode deixar de destacar, assim como faz France Maria Coelho⁶⁰, que o presidente do Estado Arthur Bernardes estava em campanha para a presidência da república do Brasil.

Apesar de ter se diferenciado por essa característica, é importante notar que a Esav não foi pioneira em adotar o modelo norte-americano de ensino agrícola. Ellen Cometti⁶¹ expõe que, em 1908, missionários norte-americanos de orientação presbiteriana já tinham inaugurado a Escola Agrícola de Lavras, uma instituição privada que recebia esporadicamente subvenções dos governos federal e estadual.

Também vale destacar que, antes de assumir a Secretaria de Agricultura de Minas Gerais na época, Clodomiro Augusto de Oliveira chegou a viajar para o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, a pedido de Arthur Bernardes, para estudar os sistemas de produção agroindustrial e os modelos das instituições de ensino agrícolas locais, como expõe Fabrício da Silva⁶². De acordo com o autor, o presidente do Estado, porém, decidiu implementar o modelo norte-americano.

Os trabalhos acadêmicos revelam, então, que a Escola representava a atenção que o futuro governo do país teria com a causa agrícola. A ideia difundida era a de que o governo manteria a hegemonia agrária e criaria instituições que contribuíssem com uma reforma agrícola. Foi encontrada e propagada uma solução técnico-científica para um desafio social, econômico e político da época⁶³. “A incipiente industrialização brasileira com a agricultura voltada para a exportação criou as condições para uma ciência de utilidade imediata, ‘adaptada’ do primeiro mundo”⁶⁴.

A criação da Esav se consolidou com o Decreto nº 6.053, de 30 de março de 1922, e, em meio a esse processo, é dito que as construções foram iniciadas com muitas dificuldades,

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid. p. 45.; SILVA, Uiara Maria da. Loc. cit.

⁶⁰ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 47.

⁶¹ COMETTI, Ellen Scopel. Loc. cit.

⁶² SILVA, Fabrício Valentim da. Loc. cit.

⁶³ Ibid.; SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 43.

⁶⁴ COELHO, France Maria Gontijo. Loc. cit.

principalmente de ter recursos liberados – na época, com todas as mudanças já citadas, a política oscilava muito –, de adquirir materiais e de obter mão-de-obra qualificada, entre outras. É destacado que foi realizado um grande esforço para reduzir ao máximo as despesas⁶⁵.

Nesse início da década de 1920, foram construídas estruturas físicas e realizadas ações básicas para o desenvolvimento das atividades agrícolas que viriam a fazer parte do ensino, da pesquisa e da extensão da Esav. Entre elas estiveram as preparações de terrenos, com a proposta de usar máquinas agrícolas e racionalizar o uso do trabalho agrícola; a construção de pomares; a aquisição de variedades de plantas exóticas, a maioria trazida dos Estados Unidos por Peter Henry Rolfs, e de animais para rebanhos; além da organização e montagem de laboratórios⁶⁶.

Em 16 de dezembro de 1922, o então engenheiro auxiliar João Carlos Bello Lisbôa assumiu a função de engenheiro-chefe das construções da Esav e novas ações foram realizadas. João Carlos Bello Lisbôa, como o trabalho acadêmico mostra, teve um papel importante na instituição, tanto que, mais tarde, com a inauguração da Escola em 22 de agosto de 1926, tornou-se o primeiro catedrático contratado para a cadeira de Engenharia Rural e o primeiro vice-diretor da instituição; em 1929, ele assumiu a função de diretor da Esav no lugar de Peter Rolfs, que deixou a função para ser consultor técnico de Agricultura do Estado de Minas Gerais⁶⁷.

Entre as iniciativas do então engenheiro-chefe notadas por alguns trabalhos acadêmicos esteve a organização de um abaixo-assinado para a instituição de uma cooperativa dos operários – chamada de Caixa Beneficente. Isso aconteceu em 25 de dezembro de 1922, com o objetivo de proporcionar assistência médica, medicamentos e educação para os trabalhadores e seus filhos, sendo que os autores destacam doenças e analfabetismo como os maiores problemas brasileiros da época. Com isso, o engenheiro-chefe estabeleceu uma obrigatoriedade de cuidados com a saúde e com a educação, melhorando as condições de vida dos operários e o andamento das construções⁶⁸.

A escola da cooperativa começou a funcionar no dia 26 de fevereiro de 1923, em três horários, atendendo filhos crianças dos empregados diariamente; rapazes e homens adultos,

⁶⁵ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 44.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 63-66.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 72.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 62.

⁶⁶ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 25, 154.

⁶⁷ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 65-66.; LOPES, Eduardo Simonini. Op. cit. p. 51.

⁶⁸ AZEVEDO, Denílson Santos de. Loc. cit.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 85-86.

três vezes na semana. Os resultados indicados dessa iniciativa são positivos, já que suas atividades continuaram mesmo com a inauguração da Esav⁶⁹.

Aqui, as teses e as dissertações permitem notar que, com a obrigatoriedade de cuidados com a saúde e com a educação, os operários das construções da Esav viviam sujeitos a um sistema de controle, rígido: uma ordem de serviço de 1924, destacada por Denílson de Azevedo⁷⁰, por exemplo, advertiu que a falta à escola da cooperativa seria considerada como falta ao trabalho, o que, por sua vez, teria outras consequências. Pode-se perceber que esse sistema de controle não influía apenas nas vidas dos operários dentro da Escola, mas fora dela também.

Confirmando isso, alguns trabalhos acadêmicos mostram que em 1923 também foi instituído um regime de responsabilidade pessoal entre os operários, em que os responsáveis pelos serviços teriam que pagar pelos consertos das obras mal executadas e aqueles que faltassem ao trabalho nos dias de carnaval seriam suspensos, entre outras penalidades para aqueles que não comparecessem ao trabalho ou não cumprissem as obrigações. O rigor também estava na imposição de valores morais, cívicos e higiênicos e no controle social – como no repúdio de qualquer contestação ou reivindicação –, exercido também durante as folgas⁷¹.

Como dito, as iniciativas pareciam funcionar de acordo com as intenções. Denílson de Azevedo⁷² destaca um trecho do discurso de João Carlos Bello Lisbôa como paraninfo da turma de formandos de 15 de dezembro de 1935 para mostrar como esse sistema e as mudanças resultantes dele eram percebidos e transmitidos positivamente pelos administradores da instituição:

Depois dos primeiros resultados obtidos com as escolas primárias, seguiram-se num crescer constante e brilhante as outras realizações de benefício aos nossos empregados e tais foram: banda de música, serviço de saúde, escolas diurnas para seus filhos, esportes, ensino profissional, campanha contra vermes e doenças, formação de empregados especializados, seguro de vida em grupo, vesperais, seguro contra acidente de trabalho, cooperativa de consumo, etc. (...) Cantamos naquele glorioso 13 de maio [dia da colheita], a redenção material dos estimados servidores desse santuário do saber e do viver feliz e hoje, nesta noite de festa e de luzes, ainda cantando a grandiosidade da obra, do seu melhoramento material e do seu conhecimento – representada no 0% de verminoses, 0% de analfabetos, dentre os que servem à Escola. Temos assim a salvação física e também o seu

⁶⁹ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 66-67.

⁷⁰ Ibid. p. 67.

⁷¹ Ibid. p. 66-67, 70-72.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 86-88.

⁷² LISBÔA, João Carlos Bello. Discurso proferido, como paraninfo da turma de formandos de 15 de dezembro de 1935. Apud AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 70.

aperfeiçoamento intelectual, havendo atenção ao preparo profissional, para maior facilidade ao ganho de vida.⁷³

Por isso, mais adiante, os regimes de controle também passaram a ser aplicados por João Carlos Bello Lisbôa, já como vice-diretor, com os alunos e professores, como será visto⁷⁴.

Embora com tudo isso, as construções da Esav não foram concluídas no prazo previsto, de cinco anos, levando os responsáveis a priorizarem algumas delas⁷⁵. Mesmo assim, a instituição foi inaugurada no dia 28 de agosto de 1926, sendo uma hipótese levantada por Azevedo para essa pressa da inauguração “a provável homenagem feita ao fundador da Escola, o Presidente Bernardes, faltando pouco mais de dois meses para o término de seu mandato na Presidência da República Federativa do Brasil (1922 - 1926)”⁷⁶.

1.3. Ensino

Os trabalhos acadêmicos se aprofundam em diferentes direções dentro da história da Esav e, por isso, é importante tratarmos de cada uma dessas partes, a fim de obter um cenário geral que permite uma melhor compreensão da criação e do desenvolvimento da Escola. Assim, neste item, destacam-se informações sobre o ensino e, nos itens seguintes, sobre pesquisa e extensão. As informações apresentadas em detalhes se justificam pelo fato de que contribuirão como contraponto para o capítulo seguinte.

Também é importante destacar que, como os trabalhos acadêmicos se aprofundam nessas diferentes direções dentro da história da Esav, ou seja, suas perspectivas de análises focam especificamente no ensino, na pesquisa e na extensão da Escola, é esperado que, neste e nos próximos itens, um ou outros autores se destaquem entre as referências.

Durante a organização da Esav, como visto, Peter Rolfs defendeu a necessidade, a utilidade e o valor econômico e cultural do ensino agrícola moderno da época, que unia teoria e prática, uma ideia caracterizada na época pelo dizer *aprender fazendo*. De acordo com alguns trabalhos acadêmicos, para o norte-americano, o objetivo desse ensino era educar e formar os filhos dos agricultores e aumentar as riquezas das fazendas⁷⁷. Seu discurso, desde

⁷³ LISBÔA, João Carlos Bello. Discurso proferido, como paraninfo da turma de formandos de 15 de dezembro de 1935. Apud AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 70.

⁷⁴ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 72.

⁷⁵ Ibid. p. 25, 71.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 88-89.

⁷⁶ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 71.

⁷⁷ Ibid. p. 114, 124, 126-127.; Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 106-107, 118.

esse início da Escola, comprometia-se com o agricultor – sendo que *agricultor* se referia àquele que participava, incorporava, acreditava e utilizava os padrões propostos⁷⁸.

Vale a pena aprofundar um pouco mais no sentido da palavra *agricultor*, que também aparece como *fazendeiro*, *produtor* e *lavrador*, etc., e que, de acordo com France Maria Coelho⁷⁹, correspondem a denominações genericamente utilizadas para se referir àqueles que atuavam nas atividades agropecuárias, também chamadas genericamente de *agricultura*, *lavoura*, *pecuária*, etc. Portanto, segundo ela, não é possível entender exatamente para quem se queria direcionar os saberes. É possível perceber que essas pessoas tinham os requisitos mínimos de conseguir absorver os conhecimentos transmitidos, ter terras e administrar os trabalhos que eram realizados sobre elas, o que, muitas vezes, as caracterizava como os próprios proprietários.

Porém, a mesma autora deixa claro que, em alguns momentos, as propostas da época geravam a necessidade de dispor de áreas maiores para diminuir os custos, restringindo os saberes aos mais ricos. Mas, de maneira geral, o conhecimento era acessível aos pequenos proprietários⁸⁰.

Sabendo disso, pode-se avançar na história da Esav, que registra que também foi Peter Rolfs quem elaborou e apresentou o primeiro projeto de regulamento e programa de ensino da Escola ao então secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais, Daniel de Carvalho, em 12 de abril de 1926. Esse projeto, porém, não agradou e não foi aprovado pelo governo mineiro. Ele foi reescrito com a colaboração de agrônomos e educadores de Belo Horizonte (MG), mas também não foi aprovado. Apenas a terceira tentativa de escrita, realizada por João Carlos Bello Lisbôa e concluída em 20 de junho de 1926, foi aceita pelo governo de Minas Gerais e transformado no Decreto nº 7.323, de 25 de agosto do mesmo ano. O regulamento foi modificado mais uma vez, porém, com os planos da Escola Superior de Veterinária, pelo Decreto nº 7.461, de 21 de janeiro de 1927⁸¹.

De acordo com alguns documentos escritos por Peter Rolfs e analisado por Fabrício da Silva⁸², era defendido, desde esse início, que a Esav deveria ser uma unidade pedagógica, ou seja, uma instituição com todos os seus setores internos integrados. Ao contrário, a Escola “só conseguiria formar bons químicos, bons botânicos”⁸³ e não contribuiria com a agricultura

⁷⁸ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 45, 66, 75.

⁷⁹ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 158-159.

⁸⁰ Ibid. p. 159.

⁸¹ AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 114-117.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 62-63, 112.

⁸² SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 118.

⁸³ Ibid.

como desejado. Era preciso formar os alunos de maneira integral, incluindo uma “união entre teoria e prática na medida certa”⁸⁴.

Os trabalhos mostram que a primeira atividade de ensino promovida pela Esav foi a escola da Cooperativa, em 1923, e é importante considerar que, devido às dificuldades da época, também era uma vontade política que a instituição não fosse restrita aos alunos, mas que pudesse ser uma referência para os agricultores e contribuísse com o desenvolvimento da agropecuária do estado⁸⁵. Portanto, a instituição foi criada como uma escola de nível superior, incluindo atividades de pesquisa e de extensão, mas os desejos para ela e suas atividades de ensino, como destacado por alguns autores, foram além disso. Tanto que a Esav também ofereceu: (1) ensino elementar, que tinha duração de um ano e era direcionado para agricultores e “capatazes rurais”, conferindo o “certificado de capataz rural” – existindo até 1947 e (2) ensino médio, que tinha duração de dois anos e era direcionado para filhos de fazendeiros e agricultores, conferindo o certificado de Técnico Agrícola – esse curso existiu até 1943⁸⁶.

Assim, como Peter Rolfs defendia, o regulamento definiu como público-alvo da Esav os filhos dos fazendeiros, que poderiam ser internos, semi-internos e externos. Já o objetivo da Escola, mais amplo, foi determinado como educar a população agrícola mineira de uma maneira geral, melhorando também suas condições morais e econômicas no menor tempo possível. Mais especificamente, formar agricultores para explorar racionalmente o solo; administradores preparados para atuar nos diferentes serviços públicos e particulares vinculados ao meio agrícola; tecnólogos para as indústrias agrícolas; engenheiros agrônomos para os serviços de melhoramento agrícola e docentes para os diferentes níveis do ensino agrícola, entre outros⁸⁷.

Os cursos elementar e médio de Agricultura foram iniciados no dia 1º de agosto de 1927, com cinco professores, turmas de cinco a 20 alunos, laboratórios de Agronomia e Zootecnia equipados, cozinha, refeitório e alojamento funcionando em instalações provisórias. Este último, que servia aos alunos internos, funcionou provisoriamente no porão do prédio principal. Seu prédio específico só ficou pronto em 28 de fevereiro de 1928⁸⁸.

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 46.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 66-67.

⁸⁶ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 1-2.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 119-122.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 60, 64-66.

⁸⁷ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 73, 117-118, 150.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 121.

⁸⁸ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 24.; SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 44.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 71-72.

Já o curso superior de Agricultura foi iniciado no dia 1º de março de 1928, com nove alunos. Com quatro anos de duração, ele formava engenheiros agrônomos. A formatura da primeira turma aconteceu em 15 de dezembro de 1931 e muitos dos formados assumiram cargos e funções técnicos em instituições públicas de Minas Gerais e de outros estados⁸⁹.

Em uma tese apresentada na II Conferência Nacional de Educação, em 1928, em Belo Horizonte (MG), como mostra France Maria Coelho⁹⁰, Peter Rolfs admite que a proposta de ensino teórico e prático da Esav não foi tão bem recebida por todos. Ele disse que, quando iniciou os trabalhos em Minas Gerais, foi informado que os jovens não aceitariam a maneira norte-americana de ensino agrícola, que “teriam vergonha de sujarem as mãos tocando em arados e máquinas agrícolas”⁹¹. O norte-americano, porém, também afirmou que o que se sucedeu foi exatamente o contrário: os alunos preferiram as aulas práticas às teóricas.

Denílson de Azevedo⁹² chama a atenção na sua tese para o sistema de controle que a Escola mantinha com todos os seus servidores e alunos. Como o ensino agrícola era a saída para os problemas da época e incluía a formação de uma elite pensante sobre e do meio rural, tanto em função do saber quanto do poder, também se tornou necessário, do ponto de vista dessas elites, manter esses servidores e alunos com uma “boa formação moral”, proporcionando respeito às autoridades, manutenção do amor à Pátria e do civismo, entre outras questões. Tanto que ele e outros autores mostram que, em 1925, a Reforma João Luís Alves Rocha Vaz introduziu a instrução moral e cívica nos currículos escolares⁹³.

De acordo com Eduardo Simonini Lopes⁹⁴, a ideia de progresso que estava aliada ao ensino agrícola da época também considerava como essencial a criação e manutenção de uma identidade coletiva e institucional, ou seja, “um sentimento de comunidade, cooperação, hora certa, lealdade”⁹⁵ que pudesse engajar da maneira desejada esse progresso. Esse comportamento, como destaca o autor, era chamado de *espírito esaviano*.

Já foi dito que esse sistema foi iniciado pelo então engenheiro-chefe João Carlos Bello Lisbôa durante as construções da Escola, impondo controles da saúde, da educação e das ações e relações dos operários, de uma maneira geral. Eles seguiam um regime de responsabilidade pessoal, basicamente referida e limitada àquilo que a instituição

⁸⁹ SILVA, Uíara Maria da. Loc. cit.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 71, 77, 122.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 65-66.

⁹⁰ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 215.

⁹¹ Ibid.

⁹² AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. Passim.

⁹³ Ibid. p. 43.; PINHEIRO, Paulo Sérgio. et al. **História Geral da Civilização Brasileira**. Direção de Boris Fausto. Rio de Janeiro: Difel, 1977. Tomo III. Vol. 2. p. 267.

⁹⁴ LOPES, Eduardo Simonini. Op. cit. p. 54.

⁹⁵ Ibid.

determinava. Os sistemas de controles também passaram a ser aplicados por João Carlos Bello Lisboa, já como vice-diretor, sobre os alunos e professores, como será visto a partir daqui.

Denílson de Azevedo⁹⁶ deixa claro que os livros de atas das reuniões da Congregação da Esav – um tipo de conselho de classe – demonstram que, antes mesmo do início das aulas, já existia uma preocupação com a organização dos trabalhos pedagógicos e com o controle disciplinar dos alunos para que os objetivos da instituição fossem alcançados. Assim, desde o início das atividades de ensino, a instituição dispôs diversas instruções, como sobre o controle da frequência e dos horários dos alunos nos dias úteis, domingos e feriados; a tolerância de tempo para os professores se apresentarem para ministrar suas aulas – exceto quando avisavam que iriam se atrasar; a quantidade de horas de aulas práticas e teóricas que deveriam acontecer por semana; a maneira como os professores deveriam fazer perguntas sobre os conteúdos dados e cobrar esboços das lições diárias passadas aos alunos, conferindo se as turmas estavam prestando atenção nas aulas, etc. Segundo o autor, o aluno que faltasse a uma aula não teria permissão para assistir a outra do mesmo conteúdo enquanto não fosse à diretoria explicar o motivo da falta; aqueles que recebessem notas ruins consecutivas, nas diversas modalidades de avaliação existentes, poderiam ser convidados a se afastarem da Escola, entre muitas outras instruções.

Desde o início das atividades de ensino, os alunos também participavam de reuniões gerais e obrigatórias semanalmente, junto com o diretor e professores, no Salão Nobre do prédio principal. Os encontros tinham como objetivo promover uma educação além da sala de aula, uma educação integral dos jovens, com informações acadêmicas e também valores morais, cívicos e higienistas, entre outros⁹⁷. Denílson de Azevedo⁹⁸ revela que um exemplo de assunto abordado era a conduta dos jovens no cinema.

Os temas abordados nessas reuniões gerais variavam. Cada dia, um professor abordava um assunto diferente. Por serem consideradas com resultados bastante satisfatórios, em 1928, as reuniões passaram a ser diárias, de segunda-feira a sábado. Porém, os trabalhos acadêmicos mostram que, com o tempo, a frequência das reuniões variou bastante, tanto em número de edições quanto, principalmente, em número de professores interessados. Na década de 1940,

⁹⁶ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 138-146.

⁹⁷ Ibid. p. 156-162.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 122-123.; LOPES, Eduardo Simonini. Op. cit. p. 54-55.

⁹⁸ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 156-162.

por exemplo, as reuniões apresentaram a maior decaída. Mesmo assim, é afirmado que a iniciativa se manteve por todo o período da Esav⁹⁹.

Da mesma maneira, dentro da visão da educação integral, Denílson de Azevedo¹⁰⁰ diz que o esporte era valorizado para o melhoramento físico e psíquico, desde que não prejudicasse a produtividade no ensino e não causasse desavenças entre alunos e servidores. Vários deles ganharam suspensão por um dia, por exemplo, por terem participado de jogos de futebol em um torneio em Visconde do Rio Branco (MG), defendendo “outra bandeira que não a da escola”¹⁰¹. Como o autor destaca, as modalidades mais praticadas eram o futebol, basquete, vôlei, tênis, tênis de mesa, bola militar, lançamento de peso, disco, dardo, salto em altura com e sem vara, salto em distância, corrida em velocidade, corrida de resistência, peteca, cabo de guerra e natação.

Nesse contexto de controle, o internato ganha destaque, já que mantinha os alunos em tempo integral na Escola. Assim como os operários da construção da instituição, no internato e, portanto, no alojamento, os jovens também viviam sob um regime de responsabilidade pessoal. Os alunos eram agrupados por apartamento e cada seção de apartamentos do dormitório tinha um veterano, eleito mensalmente, como responsável por relatar qualquer problema ao conselho de disciplina, desde a necessidade de trocar uma lâmpada, até o não cumprimento das normas. Esse conselho de disciplina, dirigido por um professor, se reunia todos os dias e os casos que considerava graves eram encaminhados ao diretor da Escola. A direção da instituição valorizava o sistema de internato, pois permitia que ela tivesse maior contato com os alunos e, portanto, maior controle sobre eles¹⁰².

Enfim, como Denílson de Azevedo¹⁰³ e Eduardo Lopes¹⁰⁴ colocam, a Escola contava, desde o início, com um sistema de controle, vigilância e punição de alunos e servidores previsto no regulamento. Esse controle não era apenas intelectual, como se pôde ver, mas moral e cívico, e acontecia dentro e fora da instituição.

Nota-se também que os professores, especialmente, tinham a responsabilidade de servir como bom exemplo para os alunos e demais servidores; tanto que, em um documento de 1930, o diretor aconselhou dois docentes a não conversarem no corredor do prédio principal, para não dar mau exemplo para os alunos. Por fim, até a ex-alunos da instituição

⁹⁹ Ibid.; SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 122-123.

¹⁰⁰ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 163.

¹⁰¹ Ibid. p. 181.

¹⁰² Ibid. p. 150-152.; LOPES, Eduardo Simonini. Op. cit. 57-59.

¹⁰³ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 173, 187.

¹⁰⁴ LOPES, Eduardo Simonini. Op. cit. 53-55.

eram aplicadas penalidades, como em 1942, quando um ex-aluno foi punido por ter levado uma garota ao campo de produção e de aulas práticas, indo contra as normas¹⁰⁵.

Toda a rotina acontecia sob essas condições de controle e sempre era pauta nas reuniões da Congregação. No trecho abaixo, da tese de Denílson de Azevedo¹⁰⁶, pode-se ver um exemplo do como o assunto era tratado pela Congregação:

Numa outra reunião, a décima sétima, realizada em 20 de junho de 1928, verificou-se um novo caso de indisciplina, onde o vice-diretor informou que dois alunos internos infringiram o regimento da Escola. Disse ainda que ambos eram reincidentes no ato que acabavam de praticar, saindo do dormitório às 21 horas, voltando quase às 23 horas, sem licença. Inquiridos, ambos confirmaram que saíram mais de uma vez, sem a devida autorização. Em seguida foi lido um ofício assinado por vários alunos, pedindo à Congregação uma solução benigna para o caso.¹⁰⁷

Tudo acontecia com a justificativa de que era necessário para que a instituição alcançasse seus objetivos de formar lideranças para a agricultura de Minas Gerais, com conhecimentos técnicos e aplicados em favor da diversificação e da produtividade agrícolas¹⁰⁸.

Não se pode deixar de relatar que Denílson de Azevedo¹⁰⁹ informa que, em julho de 1928, a Congregação da Esav passou a contar com a participação de um integrante designado pelo exército para ministrar, de maneira facultativa, a instrução militar aos alunos maiores de 16 anos e contribuir para que eles expandissem seus sentimentos patrióticos e obtivessem valores de disciplina, respeito à autoridade e de defesa dos interesses do Estado de Minas e do país. O autor também observa que, após 1929, quando João Carlos Bello Lisbôa assume a direção da Escola, as circulares e avisos proibiram discussões de assuntos considerados polêmicos, como religião e política, para não prejudicar o aprendizado e a disseminação de conhecimentos úteis da agropecuária. Ele informa, ainda, que, em 1930, o mesmo diretor disponibilizou alunos e professores com instrução militar “para prevenir qualquer tentativa de reação dos grupos contrários à posse de Vargas, em 3 de novembro, e sua permanência na presidência do Brasil, no contexto da chamada Revolução de 1930”¹¹⁰.

De maneira geral, Denílson de Azevedo¹¹¹ destaca que a existência desse sistema de controle também leva a entender que existia uma condição social favorável a ele, uma

¹⁰⁵ AZEVEDO, Denílson Santos de. Loc. cit.

¹⁰⁶ Ibid. p. 146.

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ Ibid. p. 196.

¹⁰⁹ Ibid. p. 147-148, 164.

¹¹⁰ Ibid. p. 164.

¹¹¹ Ibid. p. 169, 182, 195.

aceitação. Existia certa subordinação em relação às hierarquias estabelecidas e um reconhecimento dos benefícios de tais práticas. A aceitação desse sistema de controles pode ser relacionada ao meio cultural próprio de uma sociedade agrária, tanto que se tem até mesmo registros de cartas de pais que pedem que a Escola seja rígida com seus filhos, por diversos motivos, como para não ser expulso da mesma ou aprender a administrar sua mesada.

Também vale destacar o caso do ex-aluno da primeira turma do curso de Agronomia, Antônio Secundino de São José, que, segundo o relato mostrado por Denílson de Azevedo¹¹², quase deixou a Esav por não suportar sua rigidez. Depois, já como professor da Escola, Antônio de São José lembra dos meios que seus alunos utilizavam para enganá-lo. Enquanto diretor da instituição, em um terceiro momento, ele reconhece a rigidez como importante para inculcar diversos valores nos jovens, para a “formação de homem e de profissional agrícola ensejado pela educação promovida no estabelecimento, dentro de uma perspectiva produtivista e utilitária na difusão de novos conhecimentos e técnicas para o incremento da produção agrícola”¹¹³.

Portanto, segundo o autor, o sistema de controle funcionava também porque era aceito por aqueles que estavam sujeitos a ele, o que não quer dizer que, vez ou outra, não existiam confrontos a esse respeito. Denílson de Azevedo¹¹⁴ percebe que, quando a rigidez era considerada abusivas, principalmente pelos alunos, aconteciam mobilizações para exigir sua flexibilização. Entre os exemplos citados pelo autor está o dos alunos do curso de Agronomia que, em 1932, cursando o sexto período, receberam nota zero em uma prova porque saíram da sala de aula antes do professor, que estava atrasado, chegar. O professor aplicou o exame sem aviso prévio, levando aqueles que permaneceram na sala de aula a assinarem a prova e a devolverem em branco. A partir de então, a turma solicitou a anulação e a reaplicação de tal prova, não sendo atendida. A mobilização alcançou todas as turmas da Agronomia, que paralisaram suas aulas, e até ganhou o apoio dos demais alunos da Escola, até que uma nova solicitação fosse atendida e a avaliação anulada e reaplicada.

A partir desse acontecimento, Denílson de Azevedo¹¹⁵ também destaca que os alunos resolveram fundar o Centro de Estudantes da Esav, para lutar por diversas questões estudantis.

Ainda nesse tema do controle, da rigidez, é necessário reforçar, como faz Eduardo Lopes¹¹⁶, que João Carlos Bello Lisbôa tem destaque, mas não pode ser considerado como o

¹¹² Ibid. p. 209.

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ Ibid. p. 196-197.

¹¹⁵ Ibid. p. 197-198.

único ou principal personagem que orientava tais práticas. De acordo com o autor, o sistema rígido existia como um derivativo de “propostas de cultivo de pureza aliadas à ideia de progresso e aperfeiçoamento racial”¹¹⁷ que existiam no Brasil e no mundo.

Entrando na década de 1930, em que a crise do comércio e mundial se apresentava ainda maior, o cenário da política e do poder nacional viveu uma ruptura com a chamada Revolução de 1930, em que os segmentos urbano-industriais assumiram maior expressão política¹¹⁸.

Em 1929, após a presidência de Washington Luís citada anteriormente, uma série de fatos contribuíram para uma forte ruptura entre as elites dos grandes estados. Entre eles esteve a insistência da candidatura de um outro representante paulista para sua sucessão presidencial – o então governador de São Paulo, Júlio Prestes –, o que fez com que Minas Gerais e Rio Grande do Sul reunissem forças na proposição de uma candidatura de oposição: a do gaúcho Getúlio Vargas, que teria como vice-presidente o então governador da Paraíba, João Pessoa. A candidatura resultante do acordo entre mineiros e gaúchos representava as ambições das elites dominantes regionais que não eram vinculadas à produção agrícola e pretendia sensibilizar a classe média. Defendia a diversificação da produção, algumas medidas de proteção dos trabalhadores, a regulamentação do trabalho do menor e da mulher e a aplicação da lei de férias¹¹⁹.

Em outubro de 1929, no meio da campanha eleitoral, porém, veio à tona a crise mundial e o Brasil já estava em uma situação delicada com a sua produção de café. A defesa do produto havia criado uma expectativa de lucro ao mesmo tempo em que muitos produtores tinham realizado empréstimos para aumentar suas plantações. Com a crise, o consumo do café no exterior diminuiu de maneira drástica, deixando seus produtores estagnados e exigindo que o governo enfrentasse os acontecimentos. A recusa do governo levou a uma série de descontentamentos e desentendimentos com o setor cafeeiro, porém, sem ruptura. Assim, Júlio Prestes venceu as eleições em 1º de março de 1930¹²⁰.

A vitória de Júlio Prestes, no entanto, causou desconforto na oposição, principalmente entre os chamados tenentes, como destaca Boris Fausto¹²¹. Então, de acordo com o autor, em maio de 1930, Luís Carlos Prestes, considerado um nome de prestígio entre os tenentes,

¹¹⁶ LOPES, Eduardo Simonini. Op. cit. 55.

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 321-325.; GOMES, Ângela Maria de Castro. et al. Op. cit. p. 105-130.; AZEVEDO, Denilson Santos de. p. 45, 49.

¹¹⁹ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 319-320.

¹²⁰ Ibid. p. 320-321.

¹²¹ Ibid. p. 321-325.

iniciou uma conspiração revolucionária que estourou em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, em 3 de outubro, e no Nordeste, em 4 de outubro. Os exércitos formados por contingentes do Exército, brigada militar e voluntários de diferentes classes sociais e ideologias políticas, que formavam um grupo heterogêneo, já atuavam em grande parte do país quando, em 24 de outubro, os generais do Exército Tasso Fragoso, Mena Barreto e Leite de Castro e o almirante da Marinha Isaías Noronha depuseram o presidente da República no Rio de Janeiro e constituíram uma junta provisória de governo. Diante de manifestações populares e da pressão dos revolucionários do Sul, Getúlio Vargas tomou posse no governo provisório da presidência no dia 3 de novembro de 1930, marcando o fim da Primeira República.

Assim se deu a chamada Revolução de 1930 e o início da Segunda República, com o governo provisório de Getúlio Vargas. O acontecimento representou uma ruptura na organização política precedente, desarticulando oligarquias então no poder – que, de alguma maneira, dariam lugar a outras – e afirmando o poder do governo federal. A cafeicultura não deixou de ter sua importância, mas outras atividades econômicas também começaram a crescer¹²².

O grupo revolucionário era muito heterogêneo em aspectos sociais e políticos e ocasionou uma disputa entre as elites oligárquicas e os militares – que não constituíam grupos coesos –, sem contar que o fato também possibilitou a ascensão de técnicos diplomados, jovens políticos e industriais, entre outros, em níveis federal e estadual. O novo governo provisório se mostrou mais centralizador, autônomo, incentivador da industrialização, com atenção especial à proteção dos trabalhadores urbanos e ao Exército, para garantir a ordem¹²³. Os poderes Executivo e Legislativo foram tomados; o Congresso Nacional foi dissolvido, os governadores foram demitidos e suas funções passaram para os interventores federais nomeados – que assumiram funções políticas de delegados do Poder Executivo –; os estados tiveram suas ações limitadas¹²⁴.

Denílson de Azevedo¹²⁵ lembra que essa revolução, seguida de um golpe, que levou Getúlio Vargas à presidência do país, revelou diversas crises de poder, de busca pela representação dos interesses gerais, de hegemonia que levaram o governo a assumir o papel de juiz desses grupos dominantes e conflitantes, utilizando, para isso, até de poderes

¹²² GOMES, Ângela Maria de Castro. et al. **História Geral da Civilização Brasileira**. Direção de Boris Fausto. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007. T. 3. Vol. 10. p. 105-130.

¹²³ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 326-327.; GOMES, Ângela Maria de Castro. et al. Op. cit. p. 32-45.

¹²⁴ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 333.; GOMES, Ângela Maria de Castro. et al. Op. cit. p. 42.

¹²⁵ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 45, 49.

ditatoriais. Com isso, o cenário em Minas Gerais e no ensino também se modifica. Segundo o relato do autor, abaixo, o ensino foi utilizado pelo governo como autenticador e propagador das suas ações e dos seus ideais:

(...) percebe-se o alto grau de centralização, autoritarismo e controle que vai sendo imposto pelo Estado à sociedade brasileira no decorrer do governo Vargas e o papel que a educação desempenha como um dos instrumentos de ação não só para legitimar esta ordem, que a sociedade política procura estabelecer, mas também como meio de angariar novas adesões sociais em prol deste modelo de sociedade e de desenvolvimento.¹²⁶

A década de 1930 também foi marcada pelo processo de reformulação do ensino nacional e do ensino agrícola em Minas Gerais, que já havia sido regulamentado pelo decreto nº 3.356, de 11 de novembro de 1911, durante o governo do presidente do Estado Júlio Bueno Brandão¹²⁷.

O governo provisório de Getúlio Vargas também tinha como objetivo formar uma elite bem preparada intelectualmente. A educação passou a ser uma preocupação do novo governo, tanto que, em novembro de 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde. No ensino superior, tentou-se instituir universidades dedicadas ao ensino e à pesquisa, diferente da junção de escolas superiores já existente na época¹²⁸.

Em abril de 1931, o governo federal publicou decretos que estabeleceram o Estatuto das Universidades Brasileiras e padrões de organização para tais instituições de ensino superior no país¹²⁹.

Em 15 de dezembro de 1931, a Esav teve seu segundo regulamento aprovado pelo Decreto nº 10.154 e seus objetivos, ampliados. A Escola tomou como sua responsabilidade um ensino mais direto para os agricultores e seus filhos, serviços de fomento e de assistência das saúdes vegetal e animal, a formação de cientistas agrícolas e a formação de médicos veterinários. Foi então que o curso de Medicina Veterinária foi criado e, em 1932, iniciou suas atividades. Por meio do mesmo Decreto, a Esav passou a conter 15 departamentos e a funcionar de acordo com semestres, e não mais anos, como unidades letivas¹³⁰.

O segundo regulamento ainda modificou a administração da Esav, que passou a ser realizada por uma Junta Administrativa de caráter consultivo, cujos nove integrantes

¹²⁶ Ibid. p. 48.

¹²⁷ SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 50-51.

¹²⁸ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 336-338.; COSTA, Everton de Brito Oliveira; RAUBER, Pedro. Loc. cit.;

¹²⁹ FAUSTO, Boris. Loc. cit.; MARTINS, Antônio Carlos Pereira. Loc. cit.; COSTA, Everton de Brito Oliveira; RAUBER, Pedro. Loc. cit.

¹³⁰ COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 63-64.

pertenciam às subdivisões administrativas de Minas Gerais atendidas pela Escola e tinham vínculos com a agricultura. A Junta era nomeada pelo presidente do Estado para deliberar e supervisionar as ações administrativas, regulamentares, orçamentárias e pedagógicas da instituição. Assim, pensou-se reunir melhor os interesses da Esav e das comunidades que se relacionavam com ela, bem como os objetivos do ensino e da produção agrícolas, e tornava-se mais fortalecidos os objetivos e utilidades da instituição¹³¹.

A direção da Esav, então, ficaria subordinada a essa Junta Administrativa e continuaria responsável pela administração geral da instituição, o que, para Denílson de Azevedo¹³² “daria mais margem de manobra para a direção da Escola”¹³³. De acordo com o autor, a Junta Administrativa contribuiu para que a direção da Esav galgasse um regime de fundos permanentes e autonomia administrativa, financeira e didática, que “serviria como *blindagem* da instituição sobretudo em relação às oscilações de natureza política e financeira, numa conjuntura de grande instabilidade social e crise econômica, que poderiam colocar em cheque a própria existência do estabelecimento”¹³⁴.

Mas não foi bem assim que aconteceu. Também foi a partir de 1931 que Denílson de Azevedo¹³⁵ destaca problemas financeiros na Esav. A rotina da Escola chegou a ficar ameaçada e os seus servidores tiveram os salários atrasados por até nove meses. O autor esclarece, ainda, que a instituição continuou dependente dos recursos orçamentários do estado, que não eram regulares, enfrentou grandes transtornos e despendeu grande esforço para apontar e cobrar o orçamento prometido e necessário.

Após a revolução contra o governo federal de 1932, em São Paulo – que mostrou o radicalismo e as incompatibilidades existentes na sociedade em relação ao processo de constitucionalização –, foi eleita a Assembleia Nacional Constituinte que redigiu a segunda constituição da República, tendo como principal fonte a Constituição alemã de Weimar. A nova Constituição foi promulgada no dia 14 de julho de 1934. No dia 15 de julho do mesmo ano, a Assembleia Nacional Constituinte elegeu indiretamente Getúlio Vargas como presidente da república¹³⁶.

Aqui, vale destacar que, depois da Primeira Guerra Mundial, diversos países começaram a experimentar o crescimento dos movimentos totalitários e autoritários no mundo. A partir de 1930, as mesmas ideias começaram a ganhar força no Brasil como solução

¹³¹ AZEVEDO, Denílson Santos de. Loc. cit.

¹³² Ibid. p. 90.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ Ibid. p. 91.

¹³⁵ Ibid. p. 91-92.

¹³⁶ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 351-352.; GOMES, Ângela Maria de Castro. et al. Op. cit. p. 32-45.

para as dificuldades que existiam de organização de classes, formação de associações representativas e de partidos. Nessa década, o Brasil começou a viver diversos protestos e reivindicações, como as operárias, além de greves de diversos setores; um conjunto de movimentações sociais e políticas que resultou em uma tentativa de golpe militar em 1935. A partir de então, diversas medidas repressivas, sociais e políticas, começaram a ser tomadas pelo governo e o autoritarismo ganhou ainda mais força. As eleições que estavam previstas para 1938 não aconteceram, pois, por meio de um novo golpe, no dia 10 de novembro de 1937, o governo de Getúlio Vargas implantou o Estado Novo (que durou até 1945), ainda mais centralizador e autoritário. Na educação, as forças se voltaram para a industrialização e o ensino industrial¹³⁷.

Alguns acontecimentos apontam que a partir de 1935, a Esav enfrentou dificuldades ainda maiores, chegando perto da estagnação, e que sua direção tentou resistir e reverter tais situações. No cenário nacional, foi um momento de diferenças políticas e de disputa pelo controle e influência da Escola, que tinha a marca da criação de Arthur Bernardes. A Esav foi marginalizada e enfraquecida pelo governo de Minas Gerais pelo fato de estar atrelada à imagem de Arthur Bernardes e ao bernardismo, cujas lideranças políticas eram contrárias ao então atual governo de Vargas¹³⁸.

Nesse mesmo ano, por meio do Decreto nº 112, de 4 de abril, o governo federal reconheceu a Esav como uma instituição oficial e lhe atribuiu os mesmos direitos que os Estabelecimentos Superiores Federais de Ensino¹³⁹. Porém, a Lei Estadual nº 146, de 11 de novembro, cassou a autonomia didática e administrativa da instituição e a subordinou novamente à Secretaria de Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho do Estado de Minas Gerais¹⁴⁰. Em 1936, a Esav teve redução dos seus rendimentos orçamentários e perdeu o direito de gerenciar sua própria renda. O mesmo ano marcou o fim da administração de João Carlos Bello Lisbôa como diretor da Esav, já que seu contrato não foi renovado pelo Estado, que, aliás, já havia designado outra pessoa para a função¹⁴¹.

Ainda em 1935, pelo que os trabalhos acadêmicos indicam, a Escola quase foi fechada e transformada em um quartel militar, fato que resultou em diversos manifestos por parte dos fazendeiros em defesa da Escola. Também já estava sendo discutida a transferência do curso de Veterinária pelo governo estadual para Belo Horizonte, a qual a direção da Escola tentou

¹³⁷ FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 352-367.

¹³⁸ AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 107.

¹³⁹ Ibid. p. 95-96.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 63.

¹⁴⁰ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 46.; AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 96.

¹⁴¹ AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 96-97.

argumentar e impedir. A Escola Superior de Veterinária, porém, foi desmembrada da Esav e transferida para a capital do estado em janeiro de 1942, por meio do Decreto-Lei nº 824, ficando em Viçosa apenas a Escola Superior de Agricultura (ESA)¹⁴².

“Corriqueiramente, hoje, na UFV, é atribuído a ‘problemas políticos’ o desmembramento da Escola de Veterinária: (o governador de Minas Gerais) Benedito Valadares era inimigo político de Bernardes”¹⁴³. Na época, como France Maria Coelho¹⁴⁴ explica, as instalações se mantiveram na capital do estado até que a Escola de Viçosa obtivesse estrutura para continuar o curso. “Apesar dessas mudanças administrativas, os professores continuaram, durante o período pesquisado, a manter contatos estreitos com a Esav”¹⁴⁵.

Segundo Denílson de Azevedo¹⁴⁶, não são encontradas muitas informações sobre o então curso de Medicina Veterinária, pois, com sua transferência para Belo Horizonte (MG) dez anos depois da sua criação, também foi transferida toda a sua documentação.

Em 1º de fevereiro de 1936, a direção administrativa ficou com o Coronel Sócrates Renan de Faria Alvim, ex-presidente da Sociedade Mineira de Agricultura¹⁴⁷.

Durante todo esse período, é elogiada a postura de João Carlos Bello Lisbôa à frente da direção da Esav, na tentativa de manter as atividades e os servidores da instituição em suas rotinas, de minimizar os prejuízos, mesmo que não tenha obtido tanto sucesso. Conta-se que João Carlos Bello Lisbôa chegou a recusar um convite feito pelo interventor do Estado para assumir a Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, em 1933, além de outros cargos com maior remuneração que a sua, enquanto diretor da Esav, para continuar atuando em benefício da Escola¹⁴⁸.

Denílson de Azevedo¹⁴⁹ resume, no trecho abaixo, os acontecimentos e tensões da época que resultaram em tal situação:

Evidentemente, o grande envolvimento de Bello Lisbôa com a Escola, praticamente desde suas origens, seu estreito vínculo com os outros dois grandes mentores da ESAV – Bernardes e Rolfs - sua presteza em arregimentar os alunos, com instrução militar, para defender o Estado de Minas e garantir a posse de Vargas, no contexto da chamada Revolução de 1930, sua omissão em prestar esse tipo de apoio ao Governo do Estado, para combater os constitucionalistas mineiros – tendo à frente o

¹⁴² Ibid. p. 95-96.; COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 187.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 76.

¹⁴³ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 191.

¹⁴⁴ Ibid. p. 187.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 73.

¹⁴⁷ Ibid. p. 101-102.

¹⁴⁸ Ibid. p. 97.

¹⁴⁹ Ibid. p. 102.

ex-presidente Bernardes – no contexto da chamada Revolução Constitucionalista de 1932 (...) e sua recusa, “sem relutância”, em aceitar o convite do recém nomeado interventor Benedicto Valladares para assumir a Secretaria de Estado de Agricultura, em dezembro de 1933, tornaram-no um diretor não confiável para os novos detentores do poder mineiro em consolidação, em função da inclinação política que essas suas ações deixam transparecer, que reforçam, como verídica, a informação veiculada pelo jornal A Cidade de Viçosa.¹⁵⁰

As dificuldades, principalmente orçamentárias, continuaram mesmo depois da saída de João Carlos Bello Lisbôa, quando a Junta Administrativa também passou a ser composta por quatro civis e quatro militares com patente de coronel, como mostra Denílson de Azevedo¹⁵¹.

O mesmo autor indica a pouca quantidade de fontes sobre o assunto, o que nos leva a imaginar a extensão do regime político da época, que também deve ter realizado o controle e decidido sobre a disponibilidade dos mesmos.

No geral, o que é mostrado é que as instituições de ensino agrícola sofreram com a fiscalização rígida e punitiva e com a falta de apoio para suas manutenções e melhorias. Tanto que muitos cursos foram extintos e até escolas foram fechadas¹⁵².

Em 24 de dezembro de 1936, a direção da Esav deixou de ser do coronel Sócrates Alvim e foi passada para o professor norte-americano John Benjamin Griffing, até 5 de julho de 1939, de acordo com France Maria Coelho¹⁵³. A autora também explica que John Griffing, a princípio, teve dificuldades em garantir a permanência de um corpo docente, já que os salários pagos pelo estado eram muito baixos. Em um relatório de 1937 apresentado pela autora, o diretor denunciou as condições precárias da Esav na época, em que os salários dos professores eram inferiores aos de outras instituições do país e estavam atrasados em até seis meses. Isso vinha acontecendo desde 1935 e resultou no desligamento de muitos profissionais.

O resultado mostrado dessa situação foi a grande rotatividade de professores e a saída encontrada foi dar oportunidade de treinamento para eles no exterior. Ao mesmo tempo, a iniciativa seria um atrativo e um compromisso firmado, já que, após retornarem para o Brasil, ficou estabelecido que os professores deveriam prestar três anos de serviço à Escola ou indenizá-la. Assim, os trabalhos acadêmicos expõem que os treinamentos de dois professores por vez, em fluxo contínuo, nos Estados Unidos, foram autorizados pela Junta Administrativa e pelo governo mineiro a partir de 1937, de acordo com as possibilidades orçamentárias de cada

¹⁵⁰ Ibid. p. 102.

¹⁵¹ Ibid. p. 104.

¹⁵² Ibid. p. 113.

¹⁵³ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 109.

ano. No final da década de 1930 e principalmente a partir de 1938, portanto, notou-se maior avanço na área da pesquisa¹⁵⁴.

1.4. Pesquisa

Antes de dar início a este item, é importante destacar que o sentido de *pesquisa* na época estudada ia além de pesquisa agrícola, correspondendo a muitas atividades e ações. De acordo com France Maria Coelho¹⁵⁵, correspondia, por exemplo, a observações, proposições, estudos e experiências. Então, nesta dissertação, quando se fala em pesquisa, é importante manter em mente um conjunto de significados abrangente.

Apesar de os trabalhos acadêmicos notarem um maior avanço da pesquisa no final da década de 1930, os primeiros registros da sua presença na Esav trazem datas anteriores às atividades pedagógicas ou didáticas, iniciadas em 1927 – com os cursos elementar e médio de agricultura¹⁵⁶. Na década de 1920, quando foram construídas estruturas físicas e realizadas ações básicas para o desenvolvimento das atividades agrícolas na Escola, como dito, France Maria Coelho¹⁵⁷ aponta que já foram registradas experiências sobre cultura do arroz em vargens altas e métodos de combate à formiga saúva.

De acordo com a mesma autora, as pesquisas eram organizadas de acordo com os produtos pesquisados e com os departamentos e seções responsáveis por eles. Segundo ela, são diversos os registros das pesquisas realizadas pela Esav, que serão citados sucintamente nesta dissertação com o propósito de indicar a quantidade e a qualidade das informações disponíveis sobre o assunto, contribuindo para o conjunto de conteúdos com os quais as memórias oficiais da instituição serão relacionadas e contrastadas posteriormente.

Assim, sabe-se que, entre 1920 e 1930, as frutas foram os principais objetos de investigação, muito porque Peter Henry Rolfs era especialista na área. Com a orientação do norte-americano, a instituição se dedicou à fruticultura, principalmente às variedades de citrus e de abacate, entre outras, trazidas dos Estados Unidos¹⁵⁸.

Na citricultura, especificamente, a Esav dedicou-se à aclimação, seleção de sementes, adubação, produção de mudas, tratamentos culturais, doenças e aos estudos sobre embalagens de mudas e frutos, entre outros. Em 1928, com a saída de Rolfs, o professor Humberto Bruno assumiu a orientação das pesquisas da área. A partir de então, foram

¹⁵⁴ SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 50.; AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 105-106.

¹⁵⁵ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 24.

¹⁵⁶ Ibid.; SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 44.; AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 71-72.; CASTRO, Maria Gontijo. Op. cit. p. 15.

¹⁵⁷ COELHO, France Maria Gontijo. p. 25, 122.

¹⁵⁸ Ibid. p. 28, 50-51.

iniciadas investigações sobre produção de vinho de laranja e de sucos. Em 1939, é registrado que a citricultura apresentava pouco progresso, apenas para atender o ensino¹⁵⁹.

France Maria Coelho¹⁶⁰ afirma que é possível inferir, por meio de relatórios de viagens e excursões de professores e alunos da Escola, que a citricultura de Minas Gerais não era tão forte, principalmente quando comparada com a de São Paulo. Também porque seus conhecimentos eram produzidos na Flórida, nos Estados Unidos, e apenas demonstrados, reaplicados e adaptados na instituição mineira. “As possibilidades de afirmação internacional, via utilização da técnica e da ciência na agricultura, eram utilizadas como justificativa para a aplicação do conhecimento científico originalmente gerado na Flórida”¹⁶¹.

Outro ponto importante relacionado à citricultura e destacado por France Maria Coelho¹⁶² é o fato de ter existido uma constante preocupação, principalmente entre a direção e o corpo docente da Esav, em difundir o que era pesquisado, focando, sobretudo, nas vantagens econômicas que as pesquisas poderiam proporcionar. A autora destaca que Peter Rolfs escreveu um artigo para o Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária (BAZV) da Secretaria de Agricultura, junto com sua filha Caroline Rolfs, em 1929, e um livro, também publicado pela Secretaria, em 1931. Ambos tinham o objetivo de divulgar conhecimentos sobre a citricultura, incluindo suas vantagens econômicas. O tema também foi abordado no BAZV por Humberto Bruno, em 1930, e o professor de Fitopatologia Albert Müller, em 1936¹⁶³.

A Revista Ceres, da Esav, também divulgava orientações agronômicas na época. Os professores de Química Moacyr Pavageau e de Horticultura Geraldo Corrêa escreveram artigos sobre citricultura para a Revista em 1939. Da mesma maneira, o professor de Fitopatologia O. A. Drummond publicou em 1940 e o professor de Biologia José de Alencar, em 1941¹⁶⁴.

Vale destacar, assim como faz Denílson de Azevedo¹⁶⁵, que o primeiro número da Revista Ceres foi lançado em julho de 1939. A publicação bimestral era mantida pelo Clube Ceres, uma associação de professores e formandos da Esav, com o objetivo de divulgar artigos científicos e textos de divulgação técnica. Ainda hoje é publicada, com um caráter mais científico. Além dela, também existiram outras publicações e meios de comunicação na

¹⁵⁹ Ibid. p. 51-52.

¹⁶⁰ Ibid. p. 55-56.

¹⁶¹ Ibid. p. 56.

¹⁶² Ibid. Passim.

¹⁶³ Ibid. p. 52-54.

¹⁶⁴ Ibid. p. 24, 54-55.

¹⁶⁵ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 86-88.

época com os objetivos de difundir conhecimentos e técnicas para os produtores rurais e, ao mesmo tempo, divulgar a própria instituição. Entre essas outras publicações, o autor cita a Revista Seiva, do Centro de Estudantes da Esav, cujas seções incluíam atividades de estudo, esportivas e sociais.

Sobre o abacate, incluindo o Guatemala e outras 24 variedades, a Esav também se dedicou à aclimação e aos estudos sobre embalagens de mudas e frutos, o melhor porta-enxerto, a melhor borbulha, sobre porcentagem de polpa, semente e casca, sobre as dimensões e pesos do fruto¹⁶⁶. “No relatório anual de 1936, ressaltavam-se as vantagens industriais do abacate, do que se pôde inferir como uma necessidade de justificar seus estudos”¹⁶⁷. Assim como a citricultura em geral, a partir de 1939, é registrado que as culturas de abacate apresentavam pouco progresso, apenas para atender o ensino. O produto também foi comentado em diversas publicações de artigos científicos e textos de divulgação técnica¹⁶⁸.

Na dissertação de France Maria Coelho¹⁶⁹ também existem comentários relacionados a registros sobre viticultura e de uma mudança sofrida na fruticultura a partir da década de 1940. Tal área deixou de ter seu foco no mercado e passou sua atenção para a produção para a indústria. Novamente, os conhecimentos foram buscados nos Estados Unidos, por meio da especialização de um professor, Jurema S. Aroeira, em 1945.

Em 1927 foram iniciadas coleções de fungos e insetos e, em 1930, o professor Hambleton diversificou as atividades da Entomologia organizando um apiário para a Escola e iniciando estudos na área, assim como sobre pragas e a melhor época para a aplicação do arseniato de chumbo no combate de diversas delas¹⁷⁰.

Segundo a dissertação da autora, em 1928, o Departamento de Química, que também atuava nas áreas de Tecnologia de Alimentos e de Plantas Medicinais, passou a contar com um laboratório para análises. Em 1931, foram iniciados estudos sobre mistura de álcool e gasolina para motores de automóveis, entre outros sobre o álcool. O Departamento também realizou análises de conteúdo proteico de farelo de trigo de algodão, contribuindo com a Zootecnia na elaboração de receitas de ração, entre outras investigações, junto com vários departamentos. Vale destacar que, na época, as pesquisas químicas na Esav estavam mais vinculadas às soluções de problemas práticos do plantar e colher¹⁷¹.

¹⁶⁶ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 57.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Ibid. p. 57-58.

¹⁶⁹ Ibid. p. 58, 60.

¹⁷⁰ Ibid. p. 123-124.

¹⁷¹ Ibid. p. 143-148.

Nessa mesma época, em 1927, France Maria Coelho¹⁷² observa que o professor Diogo de Mello iniciou a identificação sobre a melhor maneira de se realizar a adubação verde, trabalho que foi continuado pelo professor Mennicucci em 1928. Desde o início da Esav, Peter Rolfs demonstrava preocupações com o desgaste do solo. Como visto anteriormente e é destacado pela autora, a escolha de construir a Escola em Viçosa também se deu porque o local servia de recurso para demonstrar as possibilidades de recompor a fertilidade do solo e realizar uma agricultura produtiva. As pesquisas com solos e adubos se desenvolveram em diversos aspectos.

Ainda em 1927, a Escola passou a se dedicar à Zootecnia e, com a chegada do professor alemão Hermann Rehaag, à construção das instalações necessárias para o ensino de tal área e a aquisição de animais – alguns importados – para a constituição dos rebanhos da Escola. Foram realizados estudos sobre bovinocultura, incluindo a produção de leite e derivados, suinocultura, com o professor Paulo A. Miranda, e, depois, avicultura. Também há registros de pesquisas com caprinos, de cunicultura e coelhos¹⁷³.

Com ligação estreita com a Zootecnia, foi iniciado o curso de formação de médicos veterinários, com três áreas de atuação: Clínica, Cirurgia e Doenças Infecciosas; Bacteriologia e Parasitologia; Anatomia e Fisiologia. O destino do curso, porém, como dito anteriormente, foi ser transferido para Belo Horizonte (MG)¹⁷⁴. Todavia, France Maria Coelho¹⁷⁵ afirma que, durante esse tempo, os professores do curso continuaram mantendo contatos com a Esav.

Mesmo com esse contato, pode ser notado que a área tinha um desenvolvimento difícil. Em 1936, muitas pesquisas de Medicina Veterinária e de Bacteriologia e Parasitologia não foram continuadas por falta de recursos¹⁷⁶.

Com a criação do Departamento de Economia e Legislação Rural, em 1928, a Esav também pôde se dedicar à investigação da legislação e sociologia rural, da contabilidade e economia rural e do ensino e extensão rural. O curso de Legislação Agrária abordava problemas como o de divisão de terras, direito de posse e contratos sociais¹⁷⁷. Na época, como afirma France Maria Coelho¹⁷⁸, era comum aparecerem questões que diziam respeito ao Direito.

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Ibid. p. 163-164, 180-181.

¹⁷⁴ Ibid. p. 186-187.

¹⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁶ Ibid. p. 192.

¹⁷⁷ Ibid. p. 200.

¹⁷⁸ Ibid. p. 201.

A horticultura também fez parte das investigações da Esav desde 1929, com culturas de alface, repolho e tomate e, em 1930, de pimentão, entre outros adicionados posteriormente, como a cebola. A proposta era produzir em áreas maiores, com máquinas agrícolas de tração animal e usos racionais de adubo orgânico e água, visando, também, o mercado. Segundo a mesma autora, os departamentos de Fitotecnia e de Solos e Adubos tiveram papel importante nesse contexto¹⁷⁹.

Nesse ponto, France Maria Coelho¹⁸⁰ destaca que era comum, na horticultura, denúncias de fracassos por falta ou rodízio de mão-de-obra auxiliar e ressalta a importância de dar atenção para esse trabalho anônimo dos funcionários, também chamados de operários. De fato, as atividades evidenciadas, como a pesquisa, sempre são envoltas de nomes de professores e alunos. Mas não é difícil pensar que apenas uma pessoa não seria capaz de cuidar de uma cultura inteira sozinha. É notável a ausência de informações sobre esses operários.

A Agronomia constituiu-se em um departamento direcionado para as grandes produções da época. Por meio dele, e junto com outros departamentos – como o de Fitopatologia –, estudou-se arroz, batata-doce, batatinha, café, cana-de-açúcar, fumo, mandioca, soja – e outras leguminosas –, trigo e principalmente algodão e milho, entre outros¹⁸¹. Cada produto definia e compunha uma linha de pesquisa, cujos detalhes estão nas teses e nas dissertações, mas não são do interesse específico desta pesquisa. Por isso, como dito, são apenas mencionados para que fiquem registradas suas existências.

Nesse contexto, nota-se a obtenção de resultados inovadores, como a geração do primeiro feijão híbrido do Brasil. Também é observado que os estudos eram divulgados, por meio de artigos e outros documentos, com o objetivo principal de transmitir orientações de cultivos com foco no mercado para os produtores da época. Sabe-se, ainda, que os professores continuaram a buscar informações no exterior, mas não apenas na América do Norte. Em 1946, por exemplo, é dito que o professor O. A. Drummond foi para Cambridge, na Inglaterra, estudar sobre doenças de batatinha¹⁸².

A Silvicultura foi iniciada junto com a Agronomia, realizando experiências com plantas antileprosas. Em 1931, porém, diversificou suas atividades junto com o Departamento de Botânica. Iniciou estudos de capoeiras, selecionando espécies para reflorestamento; de matas virgens, buscando a propagação de essências florestais, e de uso industrial das

¹⁷⁹ Ibid. p. 63-64.

¹⁸⁰ Ibid. p. 63.

¹⁸¹ Ibid. p. 69-70.

¹⁸² Ibid. p. 81, 92.

madeiras. Além do objetivo econômico, como é destacado, os estudos também possuíam preocupações conservacionistas¹⁸³. Como em outras áreas, o conhecimento produzido era uma extensão das pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos, “no entanto, os pesquisadores, na medida em que se envolviam na realidade produtiva da região, comprometiam-se a fornecer soluções ‘científicas e tecnológicas’ para a transformação dessa realidade”¹⁸⁴.

Em 1932, a Zoologia foi organizada como uma área específica. No ano seguinte, o professor João Moojen de Oliveira já relatava o início dos estudos sobre alimentação das aves, que foram sucedidos por outros, sob a coordenação de outros professores¹⁸⁵.

No início da década de 1930, também foram iniciados os estudos de Botânica como área específica, como conta France Maria Coelho¹⁸⁶. Na época, segundo ela, foi organizado um herbário com a participação do professor Edgard Alencar e do funcionário José de Castro da Esav e de uma missão dos Estados Unidos. Após, em 1932, o professor Humberto Bruno organizou o Departamento de Botânica – que funcionou até 1937, quando tornou-se parte do Departamento de Biologia – e o visitante estrangeiro identificado como Klurekoper iniciou a taxonomia vegetal, anatomia e citologia das plantas colecionadas em várias localidades, entre outros estudos que vieram em seguida.

Por último, pode-se citar a jardinocultura ou floricultura – flores e jardinagem – que ganhou espaço na Escola em 1935, quando o professor Chotaro Shimoya instalou um orquidário para conservar orquídeas do Vale do Rio Doce. O aspecto geral da área, como observa France Maria Coelho¹⁸⁷, era estético e social.

É importante destacar novamente que a maioria das atividades era seguida de publicação interna ou externa, a maioria de caráter difusor, tanto para fazendeiros quanto para pessoas com níveis mais altos e específicos de instrução, e visando o mercado. Os departamentos também atuavam juntos e ainda existiu uma série de criações, extinções e fusões desses setores. Por vezes, a Escola também contava com a colaboração de outras instituições, como os institutos Manguinhos e Oswaldo Cruz, nas suas pesquisas¹⁸⁸.

Também não se pode deixar de ressaltar os contextos da época, que influenciavam os acontecimentos na Esav. Como visto no último item, muitas razões para esses acontecimentos foram sociais, econômicas, políticas, científicas, etc., internas e externas à instituição e ao país. A influência norte-americana, por exemplo, é explicada pela adoção do molde de ensino

¹⁸³ Ibid. p. 115-117.

¹⁸⁴ Ibid. p. 118.

¹⁸⁵ Ibid. p. 135-136.

¹⁸⁶ Ibid. p. 137-138.

¹⁸⁷ Ibid. p. 68.

¹⁸⁸ Ibid. p. 71.

utilizado nos Estados Unidos e pelo expansionismo exercido por esse país na disputa da hegemonia econômica e política mundial.

No Brasil, a conjuntura influenciava fatores como a alta rotatividade da mão-de-obra nas fazendas e na instituição, como destaca France Maria Coelho¹⁸⁹. Segundo um relatório do professor Diogo de Mello de 1932, que ela mostra em seu trabalho, os melhores encarregados não permaneciam na função por muito tempo, pois eram atraídos para outras melhores remuneradas, e os novatos não compreendiam com facilidade os trabalhos, o que resultava em prejuízos para a pesquisa. Por outro lado, o modelo de ensino teórico e prático proposto por Peter Rolfs, o aprender fazendo, também influenciava o andamento das pesquisas, no sentido de que, quando o número de servidores era pequeno, os alunos, nas aulas práticas, substituíam a mão-de-obra para a pesquisa.

No geral, os contextos históricos provocavam mudanças na pesquisa esaviana, mas não se pode deixar de notar que, de qualquer maneira, foram novidade e promoveram inovação na instituição mineira. Assim, por meio das informações deste item, é possível perceber a quantidade e a qualidade das informações disponíveis sobre as pesquisas realizadas no período da Esav, que contribuirão para as análises propostas nesta pesquisa.

1.5. Extensão

Em sua dissertação, Ellen Cometti¹⁹⁰ conta que a primeira referência legal a serviço de extensão universitária no Brasil foi realizada em 1931, no Estatuto da Universidade Brasileira, que levou várias universidades a implantar tal serviço entre suas práticas acadêmicas. Tal estatuto definia o serviço de extensão universitária como atividade educativa, de aproximação entre universidade e sociedade e com resultados positivos para o povo. A autora também deixa claro, porém, que alguns autores consideram que o início da prática extensionista no Brasil só se deu efetivamente no ano de 1948, quando o país firmou convênios com os Estados Unidos e adotou o modelo de extensão norte-americano por meio da implantação do Programa Piloto em Santa Rita de Passa Quatro e São José do Rio Preto (SP), da Missão Rural de Itaperuna (RJ) e da Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais (Acar-MG).

Vale notar, assim como faz a mesma autora, que as primeiras experiências de extensão norte-americanas se remetem ao final do século XIX, relacionadas com associações agrícolas de fazendeiros e com o desenvolvimento da agricultura. O objetivo dessas experiências era

¹⁸⁹ Ibid. p. 158, 216.

¹⁹⁰ COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 83-95.

discutir problemas de comercialização e aumento de produtividade da agricultura e da pecuária e, assim, a extensão era realizada por meio de palestras, feiras e publicações, entre outras ações que reuniam tais fazendeiros e outros interessados na área. Ainda segundo a autora, essa necessidade de aproximar a sociedade das pesquisas desenvolvidas pelos colégios e universidades norte-americanos já era percebida no final do século XIX, mas o serviço de extensão rural estadunidense, como uma atividade governamental realizada em cooperação com tais colégios e universidades, além de estações experimentais, especializada para assistir o produtor rural, só foi originado em 1914¹⁹¹.

Uiara Maria da Silva¹⁹² mostra que a Esav praticou a extensão antes de 1948 e até mesmo antes de 1931. De acordo com ela, a Escola praticou a extensão desde a sua criação, como uma área de conhecimento vinculada ao ensino e à pesquisa e com compromisso com a sociedade. É percebido, então, que a atividade foi desenvolvida pela Escola – assim como o ensino – a partir do tipo de atividade já realizada há mais tempo nos Estados Unidos, que previa o desenvolvimento de uma agricultura com base científica e eficiente, que tanto convidava os agricultores para participarem de atividades dentro dos colégios agrícolas, das estações experimentais e outras instituições quanto enviava técnicos para ensinar nos meios rurais, bem como distribuíam publicações. A dissertação da autora lembra que esse esforço de levar o conhecimento aos agricultores não era neutro, sem interesses, principalmente econômicos, de empresas industriais, comerciais e financeiras.

Da mesma maneira como para as outras atividades da Esav, o chamado agricultor que participava da extensão universitária na época, na Esav, também tinha um perfil moldado pelos contextos sociais, políticos e econômicos, tendo condições de acesso – geográfica, intelectual e economicamente – ao conhecimento dessa extensão e meios de aplicá-lo¹⁹³.

Nos anos iniciais, Uiara Maria da Silva¹⁹⁴ conta que a Esav promovia visitas, cursos breves, publicações de boletins e circulares e trocava correspondências com agricultores, entre outros. Com isso, desde essa época, já eram realizados contatos com objetivos de transmitir conhecimentos, principalmente resultados de pesquisas, aos agricultores e contribuir com o desenvolvimento do estado e do país. Também eram realizados eventos, como a Exposição de Frutas de 1926, que recebeu cerca de 600 visitantes; a Exposição de Dahlias, que recebeu mais de 200 pessoas, e a Exposição de Citrus. Todos com objetivos de trocar informações e conhecimentos e apresentar resultados de pesquisas.

¹⁹¹ Ibid.

¹⁹² SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 61-63.

¹⁹³ Ibid. p. 66.

¹⁹⁴ Ibid. p. 64-69, 75.

De acordo com France Maria Coelho¹⁹⁵, como propagação do ensino, a extensão ganhou força na Esav em 1928, com os Boletins de Imprensa – os quais diziam ter questões práticas em linguagem simples, clara e direta. Esses Boletins, inicialmente, eram distribuídos pelo que se chamava de “cartas-consultas” ao Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária e, mais tarde, em 1929, passou a ser circular da instituição e entregues durante a Semana do Fazendeiro.

A primeira edição da Semana do Fazendeiro aconteceu em julho de 1929 e recebeu 29 agricultores¹⁹⁶. Segundo Uiara Maria da Silva¹⁹⁷, seus objetivos ultrapassavam as trocas de conhecimentos realizadas entre a Esav e os participantes, sendo também um meio de divulgação da própria Escola e de contribuir para a garantia da sua manutenção. Abaixo, a autora deixa claro o seu raciocínio:

Os objetivos e as finalidades da Semana do Fazendeiro nas publicações oficiais da Instituição aparecem de forma ufanista e redentora da agricultura. Mesmo considerando-se o viés de uma linguagem expressiva de época, é clara a percepção de um entendimento exagerado da eficácia econômica do evento. Isso demonstra que sua função ultrapassava a difusão de conhecimentos. O evento se estabelece como um espaço ideológico para divulgação da Escola e como um padrão “científico e moderno” de fazer agricultura.¹⁹⁸

Os trabalhos acadêmicos salientam que o evento era considerado pioneiro na extensão universitária do país, em prestar assistência técnica para agricultores. Porém, alguns deles deixam claro que existem registros de que a iniciativa da Esav foi antecedida pela Escola Agrícola de Lavras¹⁹⁹. Uiara Maria da Silva²⁰⁰ expõe o relato abaixo para afirmar tal informação:

(...) a extensão agrícola como instrumento de informação, difusão de conhecimentos e técnicas desenvolvidas em Centros de Ensino e Pesquisa Agropecuária surgiu, em época anterior a 1929, mais precisamente no ano de 1921, junto à Escola Agrícola de Lavras.²⁰¹

¹⁹⁵ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 217-218.

¹⁹⁶ Ibid.; SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 5.; AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 80.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 135.

¹⁹⁷ SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 6, 71.

¹⁹⁸ Ibid. p. 71.

¹⁹⁹ COELHO, France Maria Gontijo. Loc. cit.; SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 5.

²⁰⁰ OLIVEIRA, L. C. F. de. **A história da extensão universitária no Brasil**: um reparo e uma conclusão. Lavras, ESAL, 1987. n. p. apud SILVA, Uiara Maria da. Loc. cit.

²⁰¹ Ibid.

Ainda de acordo com Uiara Maria da Silva²⁰², a inspiração para a realização da Semana do Fazendeiro foi uma visita do clínico e agricultor de Ubá (MG), Jacinto Soares de Souza Lima, à Escola, em 1928. Ele foi acompanhado por um grupo de agricultores e, junto com os alunos da instituição, firmaram o compromisso de realizar uma nova visita com agricultores à Escola no ano seguinte para estágio de alguns dias. Desde então, a Semana do Fazendeiro passou a acontecer anualmente de maneira ininterrupta.

Em 28 de junho de 1931, Ellen Cometti²⁰³ destaca a realização da primeira Exposição de Milho, com palestras e aulas sobre tal produto e o melhoramento do seu cultivo, entre outras atividades. Essa exposição também aconteceu anualmente, por um período desconhecido. Na mesma época, a partir da década de 1930, a autora nota que a Escola também participou com seus produtos de eventos externos, realizados em outras cidades.

Também vale destacar que, como o ensino na Esav era a predominância masculina, até 1948 – quando é criada a Escola Superior de Ciências Domésticas –, a mulher aparece mais vinculada às atividades de extensão. No relatório da diretoria de 1931, ficou registrado que, mesmo não havendo uma Semana das Fazendeiras, a Esav já havia oferecido oito cursos para as mulheres vinculadas à instituição²⁰⁴.

Além dessas atividades, as mulheres só aparecem quando se fala na primeira edição do Mês Feminino, entre 7 e 26 de janeiro de 1935²⁰⁵. O evento foi programado para acontecer durante três anos e, de acordo com Denílson de Azevedo²⁰⁶, seu objetivo era levar ensinamentos práticos sobre a agricultura para as esposas dos fazendeiros, a fim de que elas apoiassem seus maridos e instríssem seus filhos com as noções da agricultura moderna, criando o interesse neles pelos estudos da agropecuária.

Na Revista Ceres, a extensão também foi destaque durante o período da Esav. Os artigos publicados e destacados por France Maria Coelho²⁰⁷ mostram a preocupação com a organização de uma estrutura de extensão, de difusão.

A concepção original da extensão, portanto, era difundir conhecimentos para então realizar modificações e atender a desejos sociais, políticos e econômicas nacionais. Assim, como destaca Denílson de Azevedo²⁰⁸, as atividades de extensão realizadas pela Esav, como as visitas, os eventos e os serviços, entre outros, junto com os meios de comunicação da

²⁰² SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 5-6.

²⁰³ COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 131-133.

²⁰⁴ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 216-217.

²⁰⁵ Ibid.; AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 84.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 146-147.

²⁰⁶ AZEVEDO, Denílson Santos de. Loc. cit.

²⁰⁷ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 218.

²⁰⁸ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 85.

época, eram empregados como estratégia de marketing e conferiram visibilidade e valor nacional e internacional para a instituição.

Ao final deste capítulo, então, vê-se que a história da Esav é apresentada por meio de narrativas cientificamente balizadas das teses, das dissertações e dos livros selecionados. Elas deixam claro que a Escola se desenvolveu como resultado de diversas relações, estabelecidas em âmbitos diferentes. Essa história contribui para o entendimento do que se passou durante a criação e o desenvolvimento da Esav, sem deixar de considerar, no entanto, que a natureza desse conteúdo é sempre parcial e provisória e, por isso, não encerra nenhum estudo sobre o objeto.

A partir dessa apresentação é que se estabelece um conjunto de conteúdos com os quais as memórias oficiais poderão ser relacionadas e contrastadas no segundo capítulo. Assim, os pontos convergentes e divergentes observados poderão servir para identificar e entender as intenções e estratégias de construção das narrativas oficiais da instituição.

Capítulo 2. As memórias oficiais da Esav (primeira parte): abordagem e características gerais

Como já assinalado na introdução, este capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, será apresentado o repertório teórico-conceitual que fundamenta a maneira como a pesquisa abordou as memórias oficiais da Esav. Na segunda parte, serão apresentadas as fontes por meio das quais essas memórias oficiais são veiculadas, bem como analisadas as características gerais dessas narrativas.

2.1. Como abordar as memórias oficiais da instituição

Passa-se, assim, para uma exposição geral e sumarizada das discussões e conceitos teóricos que servem a esta dissertação, que orientam a proposta da pesquisa e a estratégia da qual se lançou mão para abordar o objeto de análise e os meios disponíveis para acessá-lo – isto é, as fontes – e que, finalmente, amparam as interpretações apresentadas nos resultados da investigação.

O primeiro assunto de interesse diz respeito ao próprio passado, mais particularmente à seguinte questão: como se pode conhecer o passado e qual é o papel desse processo na existência dos seres humanos, isto é, na percepção que as pessoas têm de si mesmas e do que as cerca? A partir desse questionamento, o historiador e geógrafo norte-americano David Lowenthal²⁰⁹ afirma que é possível conhecer o passado por diversos meios e, certamente, o primeiro deles – que pavimenta as demais elaborações acerca da experiência temporal – são as lembranças pessoais. O elo entre o pessoal e o coletivo, por meio do qual o passado – de contemporâneos e daqueles que vieram antes deles – se apresenta, é possível, de acordo com o autor, na medida em que o passado se faz presente em todos que vivem; na medida em que não só a existência desses, mas a consciência de si e do mundo que possuem é resultante e dependente das ações, percepções e elaborações intelectuais que as gerações anteriores lhes legaram.

Assim, fica evidente o lugar central que as elaborações narrativas sobre o passado ocupam na vida pessoal e em sociedade, relacionadas a uma exigência por identidade, que se pode dizer vital. Nesta pesquisa, em particular, é fundamental entender o papel que o esforço de representar o passado tem para a Universidade, em termos de afirmar identidades e coesões a despeito de contradições que naturalmente fazem parte do coletivo; em outras palavras,

²⁰⁹ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Tradução de Lúcia Haddad. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, 1998. p. 63-75.

entender o que tem orientado, ao longo do tempo, a construção que a própria instituição realiza com as suas memórias.

Isso esgota a função que o passado – a consciência do mesmo – tem para os seres humanos? O mesmo autor mostra que não é apenas em relação à consciência de si e do lugar que os cerca que a recordação do passado se faz indispensável. Essa recordação também se faz indispensável na medida em que permite que as pessoas se situem no tempo. Isso significa, em primeiro lugar, saber que o mundo já existia antes e que as pessoas são, por completo, produtos de tempos pregressos. Assim, o autor observa, por exemplo, que, sem ciência do passado, nenhum criminoso poderia ser preso, porque não existiria um passado no qual aconteceram seus crimes ou para fornecer informações sobre o ocorrido²¹⁰.

Como consequência disso, e importante em termos de resultados para a vida prática, David Lowenthal²¹¹ lembra que, da consciência do passado, depende a consciência do futuro. Em suma, ele lembra que, sem noção de existência de um passado, poucas pessoas perceberiam as consequências das suas ações. Para esta dissertação, isso significa que toda construção acerca do passado está intimamente associada a um projeto futuro. Significa dizer que essa construção orienta e é determinada, ao mesmo tempo, pelo futuro que a comunidade deseja para si, ainda que nem sempre tenha ciência disso. Isso exige que a análise se atente para os contextos nos quais a Universidade produziu determinados conteúdos sobre o seu passado e para a relação que esses tiveram com os diferentes projetos que ela desenvolveu ao longo do tempo.

Tendo, de alguma maneira, descortinado a função que o passado exerce na elaboração humana de si e do mundo, as leituras encaminham para uma questão seguinte: qual é o papel da memória na recordação do passado? De fato, como afirma Jacques Le Goff²¹², ao falar sobre o passado, é crucial entender a memória. Concordando com ele, o historiador português Fernando Catroga²¹³ diz que a essência da memória é a necessidade de narrar acontecimentos que permeiam várias gerações, com a finalidade de ir contra a amnésia e manter viva a presença do que já existiu. Essa dinâmica, de acordo com o autor, “constrói, conserva e renova identidades, domesticando o fluxo do tempo num presente que dura”²¹⁴.

²¹⁰ Ibid.

²¹¹ Ibid.

²¹² LE GOFF, Jacques. Op. cit. p. 423-483.

²¹³ CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 13-35.

²¹⁴ Ibid. p. 26.

Jacques Le Goff²¹⁵ destaca que é possível estudar a memória por meio de várias áreas do conhecimento, como a psicológica e a biológica, mas, aqui, isso acontecerá da maneira como ele mesmo propôs, por meio das ciências humanas e, principalmente, da História. Partindo dessa abordagem, Jacques Le Goff²¹⁶ observa que a memória, as técnicas e cuidados específicos associados a ela, passaram por diversas fases – de acordo com o desenvolvimento da sociedade – que permitiram, por exemplo, a difusão da escrita e o surgimento da imprensa. Segundo o autor, a memória refere-se à propriedade de conservar informações passadas e possui funções psíquicas por meio das quais o ser humano constantemente a organiza e reorganiza, conservando ou descartando, atualizando e transformando suas lembranças.

Quais considerações importantes podem ser obtidas com esses conhecimentos? Em primeiro lugar, que a memória, enquanto representação, elaboração humana do passado, não pode ser confundida com o mesmo. Ela sempre é uma reconstrução parcial e incompleta do passado, dependendo das técnicas, valores e interesses de cada época, utilizada para realizar essa operação colonizadora do tempo, em que conteúdos são retidos, descartados, (re)hierarquizados e (re)ordenados em sistema(s) que pretende(m), a cada momento, dar sentido ao todo. Outra consideração importante é, portanto, que a memória possui em si mesma um passado, isto é, uma história, não operando e não tendo os mesmos propósitos ao longo do tempo. Ter consciência disso é fundamental na investigação proposta, na medida em que, ao longo dessas várias décadas em que a Universidade produziu cumuladas narrativas acerca da Esav, certamente as memórias foram mudando de função e, inclusive, de recursos.

Sabendo da importância da memória para o conhecimento do passado e do fato dela própria possuir um passado, a questão que se coloca é: como, então, funciona a memória? Como ela é produzida? Novamente concordando com Jacques Le Goff²¹⁷, Fernando Catroga²¹⁸ deixa claro que a memória não é um armazém onde se acumulam todos os acontecimentos vividos por um indivíduo, mas, sim, “retenção afectiva e ‘quente’ do passado feita dentro da tenção tridimensional do tempo”²¹⁹. Essa observação é importante na medida em que lembra que o processo de produção da memória não se define por um olhar frio, racional e distanciado diante do passado, mas é um voltar-se interessado, onde as paixões do presente, de onde se retira o estímulo e as energias necessárias para esse esforço de aproximação, têm papel determinante na seleção do que será fixado.

²¹⁵ LE GOFF, Jacques. Loc. cit.

²¹⁶ Ibid.

²¹⁷ Ibid.

²¹⁸ CATROGA, Fernando. Loc. cit.

²¹⁹ Ibid. p. 20.

Portanto, segundo Fernando Catroga²²⁰, a memória também é construída por meio do esquecimento e, por isso, só pode permitir a recordação de partes do que se passou, sob o risco daquilo que é lembrado perder sentido e, como consequência, desaparecer. Ele lembra, ainda, que no processo de anamnese, história e ficção se misturam.

Quais são as implicações dessas observações para a pesquisa? Implica saber, em primeiro lugar, que, ainda que supostamente tratem de um mesmo objeto – a Esav –, as narrativas que a instituição produziu até então podem revelar diferenças substantivas entre si, já que são resultados, além do desconhecimento do passado em sua totalidade, de sujeições afetivas, preferências, bem como de soluções narrativas que cada época utiliza distintamente para criar sentido. Em segundo lugar, as observações tornam clara a necessidade da investigação dar importância aos silêncios e às lacunas que, a cada momento, podem aparecer nas narrativas. Como dito anteriormente, na introdução, os silêncios são portadores de significados assim como os conteúdos apresentados.

Uma vez afirmado que o objeto abordado nesta pesquisa é a memória oficial, portanto, coletiva, da Esav – isto é, a memória construída por um grupo, em dimensão institucional, ao longo do tempo – uma questão se impõe: o que será essa dimensão coletiva da memória? E a partir da perspectiva de quem se debruça sobre o entendimento dos sujeitos de produção da mesma, como pode acontecer a produção, o uso e abuso da mesma? É o que será discutido a partir de agora.

Ao considerar a seletividade e contínua reconstituição da memória, a discussão passa a ser sobre a autoria da mesma. É individual? É coletiva? Tanto individual quanto coletiva? Procurando responder a isso, o sociólogo francês Maurice Halbwachs²²¹ inicia sua argumentação anunciando que é mandatório recorrer ao confronto de testemunhos, isto é, de lembranças, para confirmar ou para complementar o que se sabe sobre o passado, ou seja, para a validação de uma determinada imagem sobre o passado enquanto lembrança efetiva. O autor observa que esse confronto de testemunhos ocorre de duas maneiras. A primeira é entre as lembranças de um mesmo indivíduo. Assim, ele afirma que, “quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas”²²², explicando que “é porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de

²²⁰ Ibid. p. 13-35.

²²¹ HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2005. p. 25-52.

²²² Ibid. p. 25.

lembranças de modo a reconhecê-lo”²²³. A segunda maneira por meio da qual o confronto se realiza é entre lembranças de indivíduos distintos. Apesar de operar de forma similar à anterior, ou seja, através de uma negociação entre concordâncias e divergências, o autor observa que a força desse segundo tipo de confirmação é muito maior do que o anterior, sendo, para ele, um primeiro e inequívoco sinal do caráter coletivo da memória.

Isto é possível porque, basicamente, como argumenta Maurice Halbwachs²²⁴, as duas maneiras de confrontação da memória acontecem ao mesmo tempo, ou melhor: sempre que um indivíduo confronta seus próprios testemunhos, o faz, ainda que não o saiba, confrontando suas lembranças com as de outros, de modo que, ao final desse processo, é impossível distingui-las entre si. Nesse sentido, para o autor, todo testemunho é produto de um trabalho coletivo. Explicando melhor, ele nota que uma pessoa, mesmo estando sozinha, produz sua memória de acordo com o que amigos disseram, com o que autores escreveram nos livros lidos e de acordo com diversas outras pessoas que compõem os grupos sociais dos quais ela faz parte. Segundo ele,

É por isto que, quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo “esteve só”, segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, e que em nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade.²²⁵

Entende-se, portanto, que, para Maurice Halbwachs²²⁶, pessoas são capazes de tomar uma lembrança por outras porque se identificam, fazem parte e permanecem em contato dentro de um grupo social comum; elas possuem memórias porque fazem parte de grupos sociais. Esquecer determinado conteúdo, então, significa perder contato com aqueles que compartilhavam esse conteúdo.

Tendo definido o caráter coletivo da memória, Maurice Halbwachs²²⁷ procura explicar, ainda que com uma ênfase muito mais discreta, aquilo que se pode chamar de dimensão individual da memória, a fim de explicar arranjos diferenciados das memórias resultantes dos contatos entre diferentes grupos sociais e a dinâmica de transformação que opera nesse âmbito. Ele argumenta que o elo que faz ligação entre esses diferentes grupos e afeta a produção das memórias dos mesmos é o indivíduo, definido, segundo ele, como “ponto de encontro” entre diferentes grupos no interior de uma sociedade. O autor destaca

²²³ Ibid.

²²⁴ Ibid. p. 25-52.

²²⁵ Ibid. p. 36-37.

²²⁶ Ibid. p. 25-52.

²²⁷ Ibid.

que, dentro de um quadro social, sobretudo nas sociedades modernas, um indivíduo dificilmente participa exatamente dos mesmos grupos que outra pessoa, tampouco ocupa a mesma posição e função em cada um deles. Nesse sentido, a dimensão individual da memória é considerada pelo autor como um ponto de vista particular sobre a memória coletiva, correspondente ao singular “ponto de encontro” entre diferentes grupos sociais que cada indivíduo representa em si mesmo. Assim, a individualidade, em seu caráter único, é também resultado de um processo social: “quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social”²²⁸.

Entendendo essa primeira perspectiva da memória, criada por Maurice Halbwachs²²⁹, pode-se dar continuidade à discussão sobre a autoria da memória com as ponderações sucessórias do filósofo, também francês, Paul Ricoeur²³⁰. A discussão que ele empreendeu a esse respeito objetivou, em primeiro lugar, responder à tradição filosófica de reflexão sobre a memória nos primeiros escritos sobre o assunto. Ela é localizada em Santo Agostinho e, de acordo com o autor, teve continuidade em John Locke e em Edmund Husserl, se desenvolvendo no sentido de consolidar uma concepção de atividade anamnésica exclusivamente associada ao indivíduo. Em outras palavras, para essa tradição não só toda memória é individual como também se confunde com a própria existência individual. A essa tradição, Paul Ricoeur²³¹ responde com as contribuições de Maurice Halbwachs²³², o qual, como visto acima, assume que a autoria do ato de representar o passado é, sobretudo, coletiva.

Mas é o segundo objetivo da reflexão realizada por Paul Ricoeur²³³ que mais interessa aqui, uma vez que permite superar alguns limites interpretativos colocados pela tradição dos estudos sociológicos. Pode-se dizer que o autor realiza, simultaneamente à argumentação correspondente ao primeiro objetivo, um movimento inverso, utilizando a tradição filosófica para fazer reparos à sociologia da memória, como será visto. Ele enfatiza a importância da dimensão individual da memória, que, a despeito de ter sido contemplada por Maurice Halbwachs²³⁴ sem maior aprofundamento, conforme mostrado acima, foi negligenciada por seus herdeiros teóricos. Nesse aspecto particular, Paul Ricoeur²³⁵ observa, principalmente, a importância de reconhecer a memória como ato de vontade, isto é, como portadora de

²²⁸ Ibid. p. 51.

²²⁹ Ibid. p. 25-52.

²³⁰ RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 105-142.

²³¹ Ibid.

²³² HALBWACHS, Maurice. Loc. cit.

²³³ RICOEUR, Paul. Loc. cit.

²³⁴ HALBWACHS, Maurice. Loc. cit.

²³⁵ RICOEUR, Paul. Loc. cit.

intencionalidade, como resultado da ação de indivíduos que, na condição de sujeitos sociais, possuem desejo de memória. Além disso, essa interpretação permite visualizar o papel fundamental que a memória coletiva tem em termos da constituição de uma consciência de si pelo indivíduo que recorda, e, portanto, entender adequadamente o apelo e a força social que ela possui.

Em outras palavras, com sua reflexão, Paul Ricoeur²³⁶ mostra que, na mesma medida em que a memória pode ser atribuída “a nós, a vós, a eles”²³⁷, como pretenderam os sociólogos, também pode ser atribuída “a mim, a ti, a ela ou ele”²³⁸, como, há tempo, defenderam os filósofos. Pode-se concluir, por conseguinte, que “coletivo” e “individual” são dimensões distintas de um mesmo ato – segundo ele, uma “intenção objetal” –, a memória. Com efeito, o autor concorda que nunca estamos sozinhos e que usamos o mesmo conteúdo, com símbolos e significados comuns, em nossas memórias. Porém, essa utilização acontece de maneira individual. Cada memória é uma combinação única de informações. Sua produção é um arranjo sempre individual, a partir de um conteúdo sempre coletivo. E, então, não se é possível analisar memórias coletivas e individuais separadamente.

Assim, faz-se necessário destacar o primeiro conjunto de conhecimentos importantes para a pesquisa sobre as memórias oficiais da Esav. Em suma, esta pesquisa deve estar atenta aos imperativos coletivos e individuais que a produção das memórias oficiais da Esav responde ao mesmo tempo. Isto é, deve procurar atender não apenas a determinantes definidos pela instituição, em relação à sua sobrevivência enquanto coletividade – coesão e permanência –, mas, também, exigências individuais dos integrantes e ex-integrantes que, por meio dos materiais coletivos das memórias, procuram compreender sua própria história pessoal. Isso implica considerar as inúmeras trocas e negociações entre memórias pessoais e institucionais que cada nova narrativa oficial sobre a Esav encerra, uma vez que elas também são construídas por integrantes e ex-integrantes na condição de porta-vozes oficiais da sua história. Isso significa entender, principalmente, o papel fundamental que os conteúdos das memórias coletivas, no caso, das memórias oficiais da Esav, tem no entendimento dos seus integrantes sobre suas histórias pessoais e na percepção de si mesmos, residindo aí não só o forte apelo que essas narrativas têm na orientação da construção da identidade institucional entre seus integrantes, como a frequência com que determinados elementos comuns aparecem nas narrativas que esses membros, na condição de memorialistas oficiais, tecem a partir de

²³⁶ Ibid.

²³⁷ Ibid. p. 105.

²³⁸ Ibid.

suas reminiscências pessoais. Em outras palavras, é isso o que explica o modo intrincado com que, na produção institucional da história da Esav, conteúdos de memória oficial e lembranças pessoais muitas vezes podem se misturar. Assim, buscando esclarecer melhor a dinamicidade e a forte comunhão de elementos evidenciados pela leitura conjunta dessa produção oficial que os conteúdos que os grupos compartilham entre si, os conteúdos que os indivíduos compartilham dentro dos grupos e como essas informações são manifestadas serão cuidadosamente considerados.

Dando continuidade à discussão, vale destacar que Maurice Halbwachs²³⁹ leva a entender que a memória coletiva, de maneira geral, é algo substancial ou real. O antropólogo francês Joël Candau²⁴⁰, em um estudo mais atual, alerta sobre o entendimento da utilização desses termos.

Joël Candau²⁴¹ descreve a memória como uma organização neurobiológica complexa, cujas manifestações podem ser divididas em três tipos: 1) *protomemória*, que é aquela que “constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade”²⁴², que está intrínseca a uma atividade em curso e às suas circunstâncias, que é utilizada sem tomada de consciência; 2) *memória* propriamente dita, de recordação, de reconhecimento, construída também por meio do esquecimento; 3) *metamemória*, que é a representação que um indivíduo faz da própria memória, como ele pensa a própria memória, é o conhecimento que ele tem dela e o que ele diz sobre ela.

Para o autor, essas descrições se referem à dimensão individual da memória. Em relação à dimensão coletiva, a única descrição possível, mesmo assim, de uma maneira hipotética, é a metamemória. No âmbito individual, a metamemória é uma manifestação que pode ser atestada; já no coletivo, é uma descrição de um compartilhamento hipotético. O conceito memória coletiva, assim, é uma metáfora²⁴³.

Em outras palavras, para Joël Candau²⁴⁴, observar alguns fatos correspondentes a alguns indivíduos que integram um mesmo grupo e atribuir esses fatos de maneira generalista ao grupo é como atribuir uma existência substancial ou real a algo abstrato. De acordo com ele, a memória coletiva só seria realmente pertinente se todos os integrantes do grupo

²³⁹ Ibid.

²⁴⁰ CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 224 p.

²⁴¹ Ibid. p. 21-27.

²⁴² Ibid. p. 22.

²⁴³ Ibid. p. 21-27.

²⁴⁴ Ibid. p. 28-50.

compartilhassem integralmente as representações do passado. Mas empiricamente, é impossível atingir esse nível de conhecimento compartilhado.

Segundo Joël Candau²⁴⁵, não se pode confundir a evocação – ou seja, a verbalização ou a transcrição, por exemplo – das lembranças manifestadas com as lembranças em si. “Nesse sentido, toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em um dado momento de suas vidas, é reducionista, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado”²⁴⁶. Portanto, não se pode confundir *metamemória coletiva* com memória coletiva propriamente dita, ou seja, confundir o discurso metamemorial com aquilo que supomos que ele descreve. Quando pessoas afirmam que lembram da mesma maneira que outras pessoas lembram, elas estão se referindo à metamemória coletiva.

Assim, o autor conclui que

mesmo que exista em uma determinada sociedade um conjunto de lembranças compartilhadas pelos seus membros, as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequências.²⁴⁷

Portanto, é importante destacar que as referências à memória coletiva da Esav são referências a um compartilhamento hipotético de lembranças, como um conjunto de representações coletivas. Certamente, como explica o autor, a existência de uma metamemória em um grupo revela uma relação particular que os integrantes desse grupo mantêm com as representações que eles fazem da memória que os envolve, como acontece com a Escola. Mas, para análise, não se pode confundir a metamemória coletiva com a memória propriamente dita. Então, para distinção, toda vez que se fala em memória coletiva, nesta dissertação, se refere, na realidade, à metamemória coletiva.

Joël Candau²⁴⁸ apresenta um outro olhar sobre a autoria da memória interessante para esta pesquisa, que é o do antropólogo e linguista francês Dan Sperber²⁴⁹. Para ele, é pertinente notar que um conjunto de representações mentais e públicas comunicado repetidamente difunde-se e permanece relativamente estável. Sendo que cada representação mental “é o

²⁴⁵ Ibid.

²⁴⁶ Ibid. p. 34.

²⁴⁷ Ibid. p. 36.

²⁴⁸ CANDAU, Joël. Loc. cit.

²⁴⁹ SPERBER, Dan. **La contagion des idées**. Paris: Odile Jacob, 1996. Apud CANDAU, Joël. Op. cit. Passim.

produto da interpretação de uma representação pública que é ela própria a expressão de uma representação mental”²⁵⁰.

Considerando essa dinâmica entre representações mentais e públicas, Fernando Catroga²⁵¹ discute a memória individual enquanto coexistência de diversas memórias – “pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.”²⁵² –, que se encontram em constante construção. A partir disso, ele discute a pertinência de se falar tanto de um olhar interno quanto de um olhar externo da memória, assim como da coexistência interna das memórias mentais e públicas, o que leva a entender que as memórias, mentais e públicas, interagem, se influenciam e se transformam simultaneamente. De acordo com o autor, “a relação com o passado não se esgota numa evocação em que o eu se convoca a si mesmo como um *outro* que já foi”²⁵³, mas “decorre, também, do facto de a recordação envolver sujeitos diferentes do evocador e de o desejo de ascender ao verosímil se comprovar com o recurso às recordações dos outros”²⁵⁴. Para ele, o indivíduo possui camadas memoriais adquiridas a partir de narrações realizadas por outros, coletivamente, provando que a memória “é um processo relacional e inter-subjetivo”²⁵⁵.

Assim, como os autores colocam, é importante esclarecer que a memória coletiva da qual esta pesquisa trata não é algo compartilhado igualmente por todos aqueles que participam do grupo referente à Esav e à instituição como um todo. É o conjunto de informações mentais e públicas que interagem, se influenciam e se transformam simultaneamente e que são transmitidas e repetidas coletivamente ao longo dos anos.

Ainda de acordo com Fernando Catroga²⁵⁶, a memória serve à construção e à solidificação de identidades e, portanto, a memória coletiva pode servir como instrumento de poder, por meio do qual se seleciona o que deve ser recordado e o que, consciente ou inconscientemente, deve ser silenciado, esquecido. Ele destaca que, em relação à memória coletiva, a possibilidade de manipulação e de uso político e ideológico é grande. “Assim sendo, escrever uma ‘história social da memória’ só terá sentido se, ao mesmo tempo, se redigir uma siamesa ‘história social do esquecimento’, o que passa pelo julgamento da ‘história-memória’ no *forum* (sic) da história-crítica”²⁵⁷.

²⁵⁰ Ibid. p. 38.

²⁵¹ CATROGA, Fernando. Op. cit. 16-20.

²⁵² Ibid. p. 16.

²⁵³ Ibid. p. 17.

²⁵⁴ Ibid. p. 17-18.

²⁵⁵ Ibid. p. 18.

²⁵⁶ Ibid. p. 55-62.

²⁵⁷ Ibid. p. 55.

Assim, passa-se, efetivamente, para a discussão e o entendimento dos usos que podem ser realizados com a memória. Nesse âmbito, é importante considerar as críticas do sociólogo e historiador austríaco Michael Pollak²⁵⁸, para quem memória é ação e, assim, pressupõe desejo, intencionalidade. Por isso, de acordo com ele, é preciso ter o cuidado de perceber tanto os aspectos positivos da memória coletiva – como, por exemplo, proporcionar coesão social –, quanto as dimensões opressoras e destruidoras que ela pode ter. Para o autor, é preciso dar atenção para os conflitos existentes entre os pontos de vistas individuais e para os processos de constituição, aceitação e de duração da memória coletiva, entre outros.

Michael Pollak²⁵⁹, insere em sua reflexão conceitos que podem ser úteis para a análise das memórias oficiais da Esav. O primeiro é o de memórias subterrâneas, dos excluídos, das minorias que se opõem à memória oficial. Segundo o autor, elas se mantêm em silêncio por muito tempo, resistem sendo transmitidas oralmente em redes afetivas e políticas, e se mostram em momentos de crise, de maneiras súbitas, colocando a memória coletiva em disputa. As memórias subterrâneas sobrevivem, como conta o autor, “esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas”²⁶⁰. Em um Estado, como Michael Pollak²⁶¹ cita como exemplo, isso geralmente resulta em uma revisão do passado e uma mudança política.

O segundo conceito, mais importante para esta pesquisa, é o de memória enquadrada, que é como o autor define toda memória oficial. Essa modalidade da memória coletiva trabalha procurando obter coesão, unidade social, de modo a mascarar as contradições que toda sociedade carrega consigo. Com essa finalidade, ela não apenas oferta uma narrativa onde são apresentados origem, traços definidores, objetivos e valores sociais supostamente comuns e compartilhados por todos os integrantes de um grupo, como também define as fronteiras simbólicas desse grupo, o que, em outras palavras, significa definir o que está fora dele, ou seja, o outro, o estranho, e, algumas vezes, o inimigo comum. Como toda memória social, a memória enquadrada ou oficial produz e procura veicular os pontos de referência que nada mais são do que suportes externos e sensoriais dessa narrativa que responde à manutenção de uma determinada configuração de poder²⁶².

²⁵⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

²⁵⁹ Ibid.

²⁶⁰ Ibid. p. 5.

²⁶¹ Ibid.

²⁶² Ibid. p. 3-15.

No entanto, como Michael Pollak²⁶³ lembra, uma vez que o objetivo da memória enquadrada ou oficial é se impor sobre as demais memórias existentes, são fundamentais outros cuidados. Em primeiro lugar, ela precisa ser acolhida como razoável, crível, por parte de seu público-alvo; em outras palavras, ela não pode jamais se apresentar como fruto de arbitrariedade. Nesse sentido, os agentes responsáveis pela elaboração e controle dessa memória devem ter ciência que a construção dela é condicionada pelas anteriores.

Assim, a memória enquadrada ou oficial também deve surgir sempre ancorada por um cuidado relacionado à objetividade. Em outras palavras, deve se apresentar como portadora da verdade factual do narrado. É por conta disso, e evidentemente para poder ter controle sobre a narrativa, que os grupos dominantes que dela se beneficiam estabelecem os meios e os agentes autorizados para divulgá-la. Assim, é com essa preocupação, em dar credibilidade e garantir que esse quadro de referência não escape a seu propósito social, que todo um esforço se faz necessário em termos de cancelar determinadas testemunhas e testemunhos alçados, por assim dizer, à condição de fontes fiáveis²⁶⁴.

Por tudo que foi exposto acima, fica claro que, para o autor, é mais adequado se referir à memória enquadrada ou memória oficial ao invés de memória coletiva apenas. Portanto, são esses os termos que serão usados nesta dissertação, especialmente o último.

Por fim, outro autor que é útil para a análise que se pretende realizar é o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov²⁶⁵, uma vez que, ao tentar esboçar uma morfologia da memória e seus usos, ele enumera, de modo elucidativo, algumas características de um tipo de memória que, como ficará bastante claro ao longo da argumentação empreendida nesta dissertação, pode ser facilmente identificada às memórias oficiais sobre a Esav e aos objetivos e usos sociais que delas se fez. O autor caracteriza essa modalidade de memória coletiva como literal, singular, intransitiva e superlativa, predicados que, segundo ele, definem esse modo de recordar próprio das memórias ditas oficiais.

No que toca a qualidade literal, Tzvetan Todorov²⁶⁶ diz respeito à pretensão dessas memórias de se passarem como referente absolutamente objetivo e, portanto, verdadeiro do passado que elas narram. Essa preocupação em sempre se mostrar como impecavelmente fiel à verdade dos fatos ocorridos (a despeito da impossibilidade prática disso) é, como será visto, uma constante na forma como se apresentam as memórias da Esav. Quanto ao adjetivo

²⁶³ Ibid.

²⁶⁴ Ibid.

²⁶⁵ TODOROV, Tzvetan. La memoria amenazada. In: _____. **Los Abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000. p. 1-26. Disponível em: <<http://www.felsemiotica.org/site/wp-content/uploads/2014/10/Todorov-Tzvetan-La-memoria-amenazada.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

²⁶⁶ Ibid.

singular, ele diz respeito ao fato de que esse tipo de memória entende e trata seu objeto num grau de singularidade radical e solipsica, que impede que seja associado (mesmo que seja para iluminar diferenças) a outros objetos similares e, portanto, o torna incapaz de contribuir para análises mais gerais, inadequado àquilo que se entende como de valor para o debate e acervo do conhecimento científico sobre a temática em questão. De fato, é praticamente ausente nas narrativas oficiais da instituição, como ficará demonstrado a seguir, qualquer paralelo significativo entre a Esav e as instituições de ensino congêneres.

Dessa última característica é que deriva o terceiro e o quarto predicado mencionado. Um deles é a intransitividade da qual se reveste essa memória, a qual diz respeito ao fato dela se apresentar como um valor em si mesmo, isto é, como se o fato de se recordar fosse independente de qualquer intenção que não a própria memória. O outro é seu carácter superlativo, uma vez que, segundo o filósofo, todas as vezes em que tais narrativas se mostram resistentes à comparação com suas congêneres, como certamente é o caso das memórias oficiais da Esav, como será deixado claro adiante, está oculta a ideia de que sua história é, em alguma medida, particularmente superior em relação às instituições equivalentes em termos de função social²⁶⁷.

A partir de todos esses conhecimentos, então, é importante esclarecer o significado ou os conteúdos correspondentes às memórias oficiais sobre a Esav na perspectiva desta pesquisa. Portanto, nesta dissertação, corresponderão às memórias oficiais sobre a Escola os conteúdos da memória coletiva sobre a instituição produzidos pela mesma ou por pessoas autorizadas por ela, estabelecidos em um quadro de referências comuns – mais ou menos homogêneo e sujeito a transformações –, transmitidos e repetidos ao longo dos anos de maneira a proporcionar coesão e defender as fronteiras – em um sentido amplo – da instituição.

Portanto, como anunciado, neste e no capítulo seguinte, será delineado e analisado o quadro de referências das memórias oficiais da Esav.

Também de acordo com o viés analítico proposto, reforça-se a importância de comparar os pontos convergentes e divergentes entre as informações produzidas e reproduzidas no âmbito das memórias oficiais. Isto é, as eventuais diferenças no interior desse conjunto, que dizem respeito aos diferentes contextos históricos e objetivos político-institucionais que animaram a produção desses discursos sobre o passado da instituição. Conforme fica claro, se faz necessário dar atenção aos processos e cuidados que todo trabalho de enquadramento da memória exige e, desse modo, entender sua produção controlada e

²⁶⁷ Ibid.

autorizada pela instituição, sua aceitação pelo público-alvo, bem como a duração desses conteúdos. Isto é fundamental na medida em que dá condições de compreender as razões da presença de elementos tanto de continuidade quanto de ruptura entre as narrativas oficiais sobre a trajetória da Escola, a partir de uma leitura serializada desse material, que ilumina as diferentes estratégias de enquadramento, às quais estão referidas as mudanças e permanências dos conteúdos narrados ao longo dos anos.

Será a partir da comparação das memórias oficiais com a história da instituição, como dito, então, que será possível encontrar pontos convergentes e divergentes que servirão para identificar e entender as intenções e estratégias dos usos das narrativas de caráter oficial, o que constitui a proposta central desta pesquisa.

Mais uma vez, vale ressaltar que as análises apresentadas nesta dissertação não têm o objetivo de desqualificar as narrativas analisadas. As intenções dessas publicações e dos seus organizadores têm seus propósitos alcançados de acordo com os objetivos institucionais e os públicos para os quais foram produzidos. Nunca é demais deixar claro que o trabalho desta dissertação não é julgar as escolhas dos conteúdos narrados, mas, sim, identificar os diferentes nexos que presidiram essa seleção e seu ordenamento em um conjunto narrativo, além de buscar, sempre que possível, remetê-los a seus respectivos contextos e objetivos institucionais, com a devida atenção à pluralidade dos mesmos. Nesse sentido, como dito, a intenção desta pesquisa é contribuir com uma perspectiva histórica sobre as informações pesquisadas, de maneira a salientar a pluralidade de narrativas associadas à instituição e o papel social das mesmas.

2.2. Características gerais das memórias oficiais da instituição

Como já enunciado nesta dissertação, correspondem às memórias oficiais sobre a Esav os conteúdos produzidos pela mesma ou por pessoas autorizadas por ela, estabelecidos em um quadro de referências comuns – mais ou menos homogêneo e sujeito a transformações –, transmitidos e repetidos ao longo dos anos de maneira a proporcionar coesão e defender as fronteiras – em um sentido amplo – da instituição.

Ainda, se memória pressupõe intencionalidade, também é possível entender que a instituição se orienta basicamente pelas finalidades sociais de que se revestem as memórias oficiais – de promoção de identidade e coesão – para trabalhar as memórias coletivas sobre a Escola e estabelecer seu quadro de referências.

Portanto, a partir desses conhecimentos, foi selecionada uma bibliografia produzida pela própria Universidade e por pessoas autorizadas por ela, que divulga suas memórias oficiais. Vale destacar que essa bibliografia pode ser consultada facilmente na Biblioteca Central da UFV e foi acessada a partir de uma busca realizada pelas palavras e combinações de palavras “Universidade”, “Universidade Federal de Viçosa”, “UFV”, “Escola Superior de Agricultura e Veterinária”, “Esav”, “Universidade Rural do Estado de Minas Gerais”, “Uremg”, “Memória”, “História”.

BIBLIOGRAFIA COM MEMÓRIAS OFICIAIS DA ESAV PESQUISADA:

Publicação	Autoria, direção ou organização	Ano da publicação
<i>Esav 1939</i>	Diplomandos da Esav de 1939, em nome da instituição	1939
<i>Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento - atualidade</i>	José Marcondes Borges	1968
<i>Reminiscências de uma época</i>	Fernando Ribeiro	1996
<i>UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa</i>	Antônio Luiz Lima et al.	1996
<i>Universidade Federal de Viçosa: esboço de uma síntese histórica</i>	Tarcísio Gomide	1996
<i>Relatório de construção da Esav (1929) elaborado pelo engenheiro João Carlos Bello Lisboa</i>	José Marcondes Borges e Gustavo Soares Sabioni	2004
<i>A Universidade Federal de Viçosa no século XX</i>	José Marcondes Borges, Gustavo Soares Sabioni e Gilson Faria Potsch Magalhães	2006
<i>Primeiros tempos da Universidade Federal de Viçosa pelas lentes de Rolfs</i>	José Marcondes Borges e Gustavo Soares Sabioni	2006
<i>80 anos de história do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de</i>	José Enir Jango Júnior et al.	2007

<i>Viçosa</i>		
<i>90 anos UFV (1926 - 2016): Uma viagem pela história da instituição</i>	José Marcondes Borges, Gustavo Soares Sabioni e João Batista Mota	2016

Tabela 1: Bibliografia produzida pela própria Universidade e por pessoas autorizadas por ela, que divulga suas memórias oficiais

Neste item, além de serem contemplados os conteúdos referentes às memórias oficiais sobre a Esav, também serão incluídos alguns textos de apresentações e prefácios, entre outros, contidos na bibliografia. Isso, porque essas informações trazem elementos, como autoria e objetivos, que são interessantes e importantes para a pesquisa, como apontam os autores. Se Michael Pollak²⁶⁸ diz, por exemplo, que enquadrar a memória é permitir o acesso de determinadas pessoas a determinados arquivos, é preciso consultar quem são esses sujeitos.

Pelo mesmo motivo, é importante deixar claro que esta pesquisa não se prende às fontes documentais que a bibliografia selecionada disponibiliza na íntegra, como discursos, cartas, etc. Aqui, é mais importante analisar como a bibliografia trata essas fontes do que as fontes propriamente ditas. Portanto, tais fontes disponibilizadas serão acessadas por meio dos discursos sobre elas.

São esses os conteúdos trabalhados a seguir, apresentados na ordem cronológica em que foram publicados, a fim de possibilitar, também, a análise das possíveis matrizes do quadro de referências do conjunto organizado de conteúdos associado às memórias oficiais sobre a Esav, que estarão no próximo capítulo.

O livro mais antigo encontrado é *Esav 1939*²⁶⁹, produzido pelos diplomandos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de 1939, em nome da instituição. Apesar da publicação informar ter existido um Conselho Organizador responsável pela mesma, sua apresentação deixa claro: “rompem velha praxe **os diplomandos de 1939**, assinalando o seu egresso dos bancos acadêmicos com a publicação do livro Esav, em substituição ao tradicional quadro de formatura”²⁷⁰ (grifo nosso). Portanto, será considerado que o livro foi produzido pelos diplomandos de 1939. Não é destacada a data da sua publicação.

No trecho acima também está o objetivo de comemorar a formatura rompendo a prática habitual de produzir um quadro, produzindo, no lugar dele, um livro. Para justificar a mudança, é dito que o quadro é uma evocação estática do passado restrita no espaço da

²⁶⁸ POLLAK, Michael. Loc. cit.

²⁶⁹ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. *Esav 1939*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia, 1939. Não paginado.

²⁷⁰ Ibid.

Escola, enquanto o livro é capaz de levar as memórias dos diplomandos para diversos lugares e tempos²⁷¹. O livro se diz

uma evocação dinâmica, direta, completa e minuciosa nos detalhes, sempre intensa e vibrátil no presente ou no futuro, projetando-se em todas as direções, à revelia de fronteiras, com a singular e maravilhosa ubiquidade da palavra impressa. Desta sorte, as comemorações de formatura, de que este livro é parte eminente, ao invés de assumirem caráter estritamente local, tornam-se acessíveis a todos os recantos do país²⁷².

Apesar de elogiar esse rompimento da prática habitual – caracterizado como uma “ideia feliz, concretizada de maneira assaz auspiciosa, e destarte, merecedora dos mais calorosos encômios”²⁷³ –, os envolvidos com a publicação deixam claro que não desmerecem o velho e solene quadro²⁷⁴.

Tem-se, assim, as duas primeiras referências. Uma é a utilização de estilos de escrita rebuscados para tornar os textos mais expressivos. Como será visto adiante, essa característica será encontrada na maior parte da bibliografia pesquisada. Assim, considerando que são comumente encontrados em textos mais antigos, mas não tanto em textos mais recentes, já é possível chamar atenção para a manutenção desses estilos de escrita nos livros e na revista que divulgam as memórias oficiais da Esav ao longo do tempo. Talvez porque as publicações mais antigas sirvam como matrizes para as mais recentes ou porque existe uma intenção de denotar primor, perfeição quando se fala sobre a instituição ou ambas as hipóteses.

A segunda referência é a consideração da Esav, dos seus integrantes e atividades como modernos, atuantes de acordo com os progressos recentes; mas, ao mesmo tempo, nunca desvinculados ou desprezando o passado, onde estão seus antecessores, seus valores, etc.

Assim, percebe-se o esforço da bibliografia pesquisada e, portanto, da memória coletiva e dos seus arranjos individuais – explicados pelos autores –, de valorizar a Escola. Principalmente no presente e no futuro, enquanto instituição que não está e nunca estará estática, que se presta ao desenvolvimento; e no passado, considerando sua história e suas representações estimadas, que devem inspirar respeito e até veneração naqueles que têm contato com elas. Assim, tanto a escrita quanto as abordagens compõem as memórias oficiais nesse sentido valorativo, contribuindo para que suas fronteiras também tenham essa feição, de delimitar o que agrega valor. Essas referências serão percebidas em diversos momentos, como será visto à frente.

²⁷¹ Ibid.

²⁷² Ibid.

²⁷³ Ibid.

²⁷⁴ Ibid.

Também é importante destacar que o livro *Esav 1939* não apresenta referências em seu texto e nem uma relação de bibliografia consultada em seu final. Será visto, mais adiante, que esta característica, de não apresentar as metodologias utilizadas nas construções das narrativas e as referências às fontes – deixando indefinidas quais informações são oriundas de outras e quais correspondem a interpretações particulares –, acaba criando a ideia de que a publicação é incontestável, no sentido de não ser proveniente de outros materiais. Porém, aqui, é válido destacar que o livro foi produzido por pessoas que tiveram vínculos com a Esav, enquanto vivenciavam esses vínculos com ela. Ou seja, a produção do livro, a existência e o funcionamento da Escola foram fatos contemporâneos. Portanto, *Esav 1939* pode ser considerado original.

Dando continuidade, tem-se o livro *Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento - atualidade*²⁷⁵, produzido em nome da Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, sob a organização de José Marcondes Borges, e publicado pela Imprensa Universitária da instituição. É informado que a aprovação da obra pelo Comitê de Publicações da Uremg aconteceu em 16 de maio de 1968; portanto, entende-se que a publicação da mesma também aconteceu em 1968²⁷⁶.

Os objetivos desse livro, de acordo com sua apresentação, são registrar as informações mais significativas sobre a Escola Superior de Agricultura da Uremg, desde a sua origem, na Esav, e divulgar a própria instituição. A tarefa foi dada pelo então diretor da ESA, Geraldo Martins Chaves, ao professor, da mesma unidade, José Marcondes Borges, que é apresentado como “pesquisador de mérito, criterioso, apaixonado pela segurança das informações e valor dos dados”²⁷⁷. Ainda segundo a apresentação, a história da Uremg se mescla com a da antiga Escola Superior de Agricultura da Esav e o livro é da mais alta importância para o conhecimento da história da instituição²⁷⁸.

No texto, não são apresentadas referências, mas, no final do livro, é exposta uma literatura consultada para a produção do mesmo, que consiste em documentos dos arquivos oficiais da ESA, de edições do jornal Cidade de Viçosa e oito publicações, entre as quais estão o livro *Esav 1939* e um artigo escrito por Edson Potsch Magalhães, ex-aluno e ex-

²⁷⁵ BORGES, José Marcondes. **Escola Superior de Agricultura: Origem - Desenvolvimento - Atualidade**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1968. Não paginado.

²⁷⁶ Ibid.

²⁷⁷ Ibid.

²⁷⁸ Ibid.

professor da Esav²⁷⁹, que está sendo notado porque aparecerá como colaborador em outras publicações pesquisadas nesta dissertação.

Outra referência encontrada, portanto, é o fato da maioria da bibliografia se caracterizar como voz autorizada, correspondente à verdade e confiável. Assim, o livro em questão diz registrar as informações mais significativas sobre a instituição e se diz da mais alta importância para o conhecimento da história da mesma. No geral, quando essa característica é somada à ausência de metodologias e de referências, em algumas publicações, reforça a ideia de originalidade já comentada.

Também é uma marca os vários elogios direcionados às pessoas e aos personagens citados. Neste caso, José Marcondes Borges não é apresentado de acordo com a sua formação ou seu treinamento para trabalhar com a memória, mas, sim, como pesquisador criterioso, além de apaixonado pela segurança das informações e valor dos dados. Vinculado a isso, considerando os conhecimentos de Michael Pollak²⁸⁰, é possível começar a prestar atenção ao possível grupo de pessoas autorizadas pela instituição a produzir os conteúdos das suas memórias oficiais: o primeiro livro apresentado leva o nome da instituição, enquanto este leva o nome de José Marcondes Borges e uma referência a Edson Potsch Magalhães, que, como visto, ainda aparecerá como colaborador em outras publicações.

Também vale destacar que o livro mais antigo pesquisado nesta dissertação serve como matriz para esse, mais recente.

O terceiro livro, *Reminiscências de uma época*²⁸¹, foi escrito por Fernando Ribeiro e publicado pela Imprensa Universitária da instituição em 1996, ano em que se comemorou o 70º aniversário da Universidade Federal de Viçosa.

Esse livro é sucinto; tem apenas 24 páginas. Assim, também são seu prefácio e um pequeno texto do autor; cada um não possui mais do que dois parágrafos. No entanto, ambos se constituem em espaços nos quais algumas das referências já notadas podem ser encontradas. No prefácio, Fernando Rocha diz que o jornalista Fernando Ribeiro “traz a lume um opúsculo, rico de informações, cinzelado com amor e carinho, que constitui, além de mais uma edição à historiografia da UFV, um estímulo para que outros se aprofundem na tarefa de mapear seu passado”²⁸². Já o autor, ao apresentar a obra, afirma que não é sua intenção

²⁷⁹ MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Edson Potsch Magalhães. **Personagens e pioneiros da UFV**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=edsonPotsch>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

²⁸⁰ POLLAK, Michael. Loc. cit.

²⁸¹ RIBEIRO, Fernando. **Reminiscências de uma época**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1996. 24 p.

²⁸² Ibid. p. 5.

corrigir a história e, sim, mostrar que, por meio de investigação, é possível encontrar as matrizes de tudo²⁸³.

Reminiscências de uma época não apresenta referências em seu texto e nem uma relação de bibliografia consultada em seu final.

Nesses textos vê-se, mais uma vez, um estilo de escrita rebuscado e a qualificação do livro, apesar de sucinto – uma vez que resume os mais de 20 anos de história da instituição em 24 páginas –, como rico de informações, ou seja, importante para o conhecimento das memórias sobre a Esav. Já ao destacar que, com investigação, é possível encontrar as matrizes de tudo, a obra leva a entender que ela própria é resultado de tal investigação e apresenta, então, as matrizes dos conhecimentos sobre a Escola, se aproximando, assim, da caracterização de veracidade e confiabilidade.

Aqui também é possível perceber que algumas publicações referentes às memórias oficiais foram produzidas em datas comemorativas da instituição, como formaturas e aniversários, e, portanto, se pode dizer que carregam consigo uma ideia originadora de caráter celebrativo e reverenciador. Nesse sentido, é possível, de alguma maneira, explicar as composições das memórias oficiais em uma perspectiva de valorizar a Esav e sua história, reforçando esse traço no seu quadro de referências e nas suas fronteiras. Como dito no início do capítulo, existe uma intencionalidade orientada pelas finalidades sociais de que se revestem as memórias oficiais, como a promoção de identidade e coesão.

O quarto livro, *UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa*²⁸⁴, foi organizado por uma comissão que coordenou a programação comemorativa do 70º aniversário da Universidade Federal de Viçosa e, portanto, também reverencia a data. A publicação, realizada em nome da instituição, aconteceu em 1996, pela Imprensa Universitária²⁸⁵.

O livro contou com diversas colaborações, entre as quais será destacada a de José Marcondes Borges, já que aparece pela segunda vez e reforça a existência de um possível grupo de pessoas autorizadas pela instituição a produzir os conteúdos das suas memórias oficiais; Edson Potsch Magalhães, que aparece pela segunda vez; e a de José Maria Bello Lisbôa, filho de João Carlos Bello Lisbôa e responsável pelo prefácio do livro²⁸⁶.

Em seu texto, José Maria Bello Lisbôa elogia a instituição, que, desde a época da Esav, se destacou na história da educação de Minas Gerais, trazendo inovações para o

²⁸³ Ibid. p. 7.

²⁸⁴ LIMA, Antônio Luiz. et al. **UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1996. 112 p.

²⁸⁵ Ibid. p. 4.

²⁸⁶ Ibid.

trabalho e resultados importantes para a sociedade. De acordo com o autor do prefácio, o projeto que deu origem à Escola “ultrapassou e excedeu mesmo as intenções iniciais mais ousadas dos que com ele sonharam”²⁸⁷ e a instituição se desenvolveu a partir da “justeza e a oportunidade de decisão do Presidente Arthur da Silva Bernardes de criá-la”²⁸⁸ e dos trabalhos de Peter Henry Rolfs, “professor emérito e ilustre cientista, detentor de sabedorias que mesmo aos idealistas só os anos possibilitam”²⁸⁹, e João Carlos Bello Lisbôa, “no fulgor da sua juventude, extravasando idealismo e patriotismo”²⁹⁰.

Aqui, se percebe, novamente, a utilização de estilos de escrita rebuscados e os elogios direcionados às pessoas e aos personagens citados.

Além dessas, uma outra referência, a de considerar a instituição, seus integrantes e atividades como modernos e, ao mesmo tempo, vinculados ao passado, pode ser encontrada quando João Maria Bello Lisbôa fala do objetivo do livro. De acordo com ele, por meio da obra, a instituição reconhece a importância e preserva a memória daqueles que contribuíram com ela, promovendo o seu progresso e conservando o seu idealismo esaviaso²⁹¹.

Da mesma maneira, o então reitor da instituição, Antônio Lima Bandeira, ao escrever a apresentação do livro, deixa claro que seu objetivo corresponde a recuperar, recompor e recontar a trajetória da instituição, para que ela não fique perdida no tempo e sua identidade e valores não sejam esquecidos. O ex-reitor complementa esse objetivo destacando que a obra também é útil para que os sucessores dos pioneiros da instituição deem continuidade ao trabalho. Segundo ele, a ideia do livro é despertar amor e zelo pela instituição, além de ânimo para superar desafios, naqueles que, na época, atuavam nela²⁹².

Antônio Lima Bandeira também elogia Arthur Bernardes, Peter Rolfs e João Carlos Bello Lisbôa e, de maneira diferente das outras publicações pesquisadas, deixa claro que a obra não é completa naquilo que se propõe, mas apenas uma versão²⁹³. Ele ainda cita outras possíveis fontes que permitem o conhecimento da história, como pode ser visto abaixo:

Este livro não pretende apresentar uma pesquisa completa do tema, inesgotável por si mesmo, mas fatos que estimulem outros pesquisadores a continuar nessa gratificante busca de novos dados desse rico passado. Há, na UFV, pessoas, teses, livros, museus e muitas outras fontes de informação que precisam ser consultadas,

²⁸⁷ Ibid. p. 5.

²⁸⁸ Ibid.

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ Ibid.

²⁹¹ Ibid.

²⁹² Ibid. p. 7.

²⁹³ Ibid.

para que se reconstrua e se mantenha, cada vez mais íntegra, a viva e admirável história desta instituição.²⁹⁴

Dessa maneira, *UFV 70 Anos: a trajetória da Escola de Viçosa* coloca-se em uma posição diferente das publicações que demonstram serem vozes oficiais, correspondentes à verdade e confiáveis, que condizem com o que Pierre Nora²⁹⁵ chama de memória tradicional.

O livro não apresenta referências em seu texto, mas, em seu final, expõe uma bibliografia consultada, na qual estão *Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento - atualidade*, um artigo de Edson Potsch Magalhães e a dissertação de France Maria Coelho, também citada nesta dissertação. Com isso, percebe-se, novamente, que os livros mais antigos servem como matrizes para os mais recentes.

A próxima obra pesquisada foi *Universidade Federal de Viçosa: esboço de uma síntese histórica*²⁹⁶, também publicada em 1996, pela Imprensa Universitária. Portanto, integra o ano comemorativo do 70º aniversário da Universidade Federal de Viçosa.

Em suas primeiras palavras, o autor, Tarcísio Gomide, agradece alguns colaboradores, sendo dois deles Edson Potsch Magalhães, que aparece pela terceira vez entre as publicações que divulgam as memórias oficiais sobre a instituição e são analisadas nesta dissertação, e José Marcondes Borges, que também aparece pela terceira vez. Ainda há mais um nome que merece destaque, pelas aparições seguintes que terão nesta dissertação: Gustavo Soares Sabioni²⁹⁷. Nota-se, assim, que o grupo de pessoas autorizadas pela instituição a produzir as narrativas de caráter oficial começa, de fato, a se delinear.

Mais uma vez, também é destacada a participação do então reitor Antônio Lima Bandeira na apresentação da obra, a qual define como “tributo à memória da Universidade, de seu idealizador, Dr. Arthur da Silva Bernardes, e a de seus primeiros construtores, Dr. Peter Henry Rolfs e Dr. João Carlos Bello Lisbôa”²⁹⁸. À exemplo das obras já citadas, *Universidade Federal de Viçosa: esboço de uma síntese histórica* repete a aplicação das referências já citadas. De acordo com o ex-reitor, os três personagens foram “figuras singulares que forjaram e legaram à Instituição fisionomia e têmpera, que, hoje, travessaram fronteiras”²⁹⁹.

Ainda na linha das referências, o prefácio assinado por Edson Magalhães diz que, sendo um esboço, o livro não traz detalhes, mas destaca grandes feitos e “exalta, com

²⁹⁴ Ibid.

²⁹⁵ NORA, Pierre. Loc. cit.

²⁹⁶ GOMIDE, Tarcísio. **Universidade Federal de Viçosa: esboço de uma síntese histórica**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1996. 66 p.

²⁹⁷ Ibid. p. 5.

²⁹⁸ Ibid. p. 9.

²⁹⁹ Ibid.

propriedade e justiça, honrando ao mérito, três personalidades singulares e fulgurantes que jamais poderão ser olvidadas, tão incisivas são elas na vida e na história da UFV”³⁰⁰, trecho referenciado a Arthur Bernardes, Peter Rolfs e João Carlos Bello Lisboa. Por fim, Edson Magalhães ressalta que a obra é de grande valor para a memória da instituição³⁰¹.

Por fim, vale destacar que Edson Magalhães caracteriza Tarcísio Gomide como advogado, professor e escritor³⁰² e que o livro não apresenta referências em seu texto, mas expõe uma bibliografia consultada em seu final, na qual está novamente o livro *Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento - atualidade*.

O sexto livro pesquisado foi *Relatório de Construção da Esav (1929) elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa*³⁰³, organizado por José Marcondes Borges e Gustavo Sabioni e publicado em 2004, pela Gráfica Universitária. José Marcondes Borges, então, aparece como idealizador pela quarta vez e, Gustavo Sabioni, pela segunda vez, entre as publicações analisadas nesta pesquisa.

De acordo com o prefácio, foi considerando a importância histórica do relatório de construção da Esav e a fragilidade física do documento original que se decidiu copiá-lo, da maneira mais exata possível, neste livro, a fim de “conservar sua memória”³⁰⁴.

O mesmo prefácio deixa claro, porém, que o formato das páginas e a paginação foram alterados; os títulos e subtítulos foram destacados e uniformizados; as plantas originais dos edifícios em construção ou construídos, que não foram encontradas, foram substituídas por cópias de plantas antigas existentes – considerando que o edifício principal e o dormitório não sofreram alterações em suas paredes –; a planta geral também foi substituída por uma de 1921 e a falta das plantas das casas e dos abrigos que não existem mais foram consideradas irrelevantes. Também é dito que a ordem das fotografias apresentadas foi alterada, considerando como critério apresentar cada imagem o mais próximo possível do texto referente a ela³⁰⁵.

Assim, também é comum encontrar informações que concorrem entre uma publicação e outra e até em um mesmo livro, como esse. Ao mesmo tempo em que se decidiu copiar o relatório da maneira mais exata possível, realizou-se diversas intervenções nele; principalmente por meio de critérios que não são bem justificados pelos organizadores, como

³⁰⁰ Ibid. p. 11-12.

³⁰¹ Ibid.

³⁰² Ibid.

³⁰³ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Relatório de construção da Esav (1929) elaborado pelo engenheiro João Carlos Bello Lisboa**. Viçosa: Gráfica Universitária, 2004. 89 p.

³⁰⁴ Ibid. p. V, VI.

³⁰⁵ Ibid. p. VI, VII.

retirar plantas de casas e abrigos que fizeram parte da instituição por considerá-las irrelevantes.

Pode-se dizer, com isso, que o caráter de voz oficial, verdadeiro e confiável conforme a maioria das publicações apresenta – essa, por exemplo, diz copiar o relatório da maneira mais exata possível, para conservar sua memória – pode acabar ocultando as seleções realizadas das informações que são transmitidas, o que deixa mais clara a intencionalidade que serve ao estabelecimento e à defesa das fronteiras de uma memória oficial, como discutido por Michael Pollak³⁰⁶.

O livro *Relatório de Construção da Esav (1929) elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa* traz a referência ao documento original do relatório citado.

O livro *A Universidade Federal de Viçosa no Século XX*³⁰⁷ foi produzido pela Associação dos Ex-Alunos da UFV, editado por José Marcondes Borges, Gustavo Sabioni e Gilson Faria Potsch Magalhães e publicado pela Editora UFV. Sua primeira edição foi lançada em 2000 e a segunda, na qual consta a informação de ser revista e ampliada, em 2006. Essa última é a analisada nesta dissertação.

Mais um livro reforça a formação do grupo de pessoas autorizadas pela instituição a produzir os conteúdos das suas memórias oficiais. José Marcondes Borges, que aparece como idealizador pela quinta vez entre as publicações analisadas nesta dissertação, é apresentado como engenheiro agrônomo formado pela Esav, com outros graus acadêmicos obtidos em cinco instituições estrangeiras e na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais³⁰⁸. Foi professor nas três fases da instituição viçosense, onde também atuou em diferentes cargos e realizou diversas ações, como organizar o Arquivo Central e Histórico³⁰⁹. José Marcondes Borges ainda é o autor do brasão de armas da Universidade Federal de Viçosa e da cidade de Viçosa e, de acordo com o próprio livro analisado, foi um entusiasta e obstinado coordenador da publicação³¹⁰.

Já Gustavo Sabioni, que aparece como idealizador pela terceira vez entre as publicações, é apresentado como economista formado pela UFV – além de especialista por outras instituições brasileiras –, onde também atuou como assessor especial da Pró-Reitoria de

³⁰⁶ POLLAK, Michael. Loc. cit.

³⁰⁷ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. ed. Viçosa: Editora UFV, 2006. 671 p.

³⁰⁸ Ibid.

³⁰⁹ Ibid. p. 20, passim.

³¹⁰ Ibid. p.17, 20, passim.

Planejamento e Orçamento e integrante de comissões de seleção de ex-alunos e servidores agraciados pela Universidade e por alguns dos seus setores³¹¹.

Gilson Faria Potsch Magalhães aparece como engenheiro agrônomo graduado e pós-graduado pela Universidade, onde também atuou como professor e em diferentes cargos, incluindo administrativos, assim como presidente da AEA e integrante de comissão de seleção de ex-alunos agraciados pela UFV³¹².

Todos os idealizadores deste livro, bem como os das outras publicações, portanto, tiveram ou têm vínculos com a instituição, na condição de estudante, professor ou servidor. Alguns até participaram da sua administração e realizaram outras ações referentes às suas memórias, como organizar o Arquivo Central e Histórico. Ou seja, como mostra Maurice Halbwachs³¹³, eles se identificam, fazem parte e permanecem em contato dentro de um grupo social comum, concordando em relação ao conteúdo das memórias que compartilham. Todos estiveram ou estão inseridos no tempo e no espaço da instituição e possuem concepções, de certa maneira, realizadas dentro da mesma.

A contracapa afirma que *A Universidade Federal de Viçosa no Século XX* é a mais importante obra já editada sobre a UFV e que seu conteúdo a qualifica “quase que como um *vade-mécum* para todos os ex-alunos, professores, historiadores, estudantes e curiosos que procuram conhecer a verdadeira história da UFV, desde os seus primórdios”³¹⁴. Mais uma vez, afirma-se que a publicação contém apenas verdades definitivas e é, portanto, confiável e importante dentro do contexto das memórias da instituição.

O livro é iniciado pelo prefácio da primeira edição, no qual Gilson Magalhães conta que as inspirações para a publicação foram o fim do século XX e a comemoração dos 65 anos da Associação dos Ex-Alunos da UFV e que a iniciativa obteve “o incontestável”³¹⁵ apoio da Universidade³¹⁶. De acordo com o texto, o livro tem como objetivo (grifo nosso):

(...) **revelar a mais veraz das radiografias da nossa Universidade**, ressaltando seus principais feitos e conquistas, desde a sua fundação, e, ao mesmo tempo, prestar desadornada homenagem a todos os ex-alunos, professores e servidores, que ajudaram a construir sua belíssima gesta, sempre grande e gloriosa. Portanto, por se tratar de inusitado e verdadeiro documento histórico, este trabalho procura demonstrar, com a mais absoluta e legítima autenticidade, a narrativa dos memorosos fatos da nossa hoje Universidade Federal de Viçosa³¹⁷.

³¹¹ Ibid. Passim.

³¹² Ibid.

³¹³ HALBWACHS, Maurice. Loc. cit.

³¹⁴ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³¹⁵ Ibid. p. 15.

³¹⁶ Ibid.

³¹⁷ Ibid.

Novamente, é apresentado um estilo de escrita rebuscado, valorização dos tempos passado, presente e futuro, elogios aos personagens – ex-alunos, professores e servidores – e o reforço da caracterização da publicação como confiável e importante para as memórias da instituição. E as mesmas referências continuam a aparecer, como se segue.

O então presidente da Associação dos Ex-Alunos também destaca que os editores não tiveram “a pretensão de encobrir nenhuma modéstia que pudesse obnubilar o fulgor”³¹⁸ do livro e que foram realizadas profundas e complexas pesquisas em documentos e registros históricos e colhidos depoimentos de pessoas que conheceram e vivenciaram a UFV de alguma maneira³¹⁹.

Após o prefácio da primeira edição enaltecer o livro e a autenticidade de sua narrativa, o prefácio da segunda edição diz que a primeira contém equívocos:

A inquietude dos seus editores, que nunca se perdoaram pelos pequenos erros e imperfeições registrados na 1ª edição, não obstante não se lhes deva debitar a carga desse tributo; a sua surpreendente demanda, levando-a a esgotar-se rapidamente; e o fato de a Associação dos Ex-Alunos da UFV, a grande inspiradora desta obra, haver comemorado mais um lustro de sua gloriosa existência, festejando, incisivamente, no final do ano passado, seu Jubileu de Diamante (75 anos), aliado ao octogésimo aniversário da Universidade Federal de Viçosa, que se comemorará em 28 de agosto de 2006, tudo isso são razões mais que suficientes para justificar este lançamento³²⁰.

Mais uma vez, percebe-se a presença de informações que concorrem: apesar de o prefácio da primeira edição afirmar que o livro revela uma descrição verdadeira e aprofundada sobre a história da Universidade, o prefácio da segunda edição rebate essas informações, deixando claro que a primeira edição possui pequenos erros e imperfeições, que foram retratadas na segunda edição. Isso também mostra como cada reescrita se apresenta como uma versão melhorada da anterior, como se fosse mais fiel.

O prefácio da segunda edição também esclarece que foram adicionados ao livro fatos históricos recém-encontrados, como o discurso de Arthur Bernardes na inauguração da Esav, que “simplesmente agigantam e conferem maior brilhantismo à época e à história que se procurou registrar”³²¹. O que expõe mais uma referência das publicações: por meio das palavras usadas, a maioria qualifica a época histórica em que a Esav existiu, deixando perceptível os tons mais pessoais que os textos possuem e as relações já citadas dos autores

³¹⁸ Ibid.

³¹⁹ Ibid. p. 16.

³²⁰ Ibid. p. 18.

³²¹ Ibid.

com a instituição; isto é, os resultados das suas experiências pessoais com a mesma. Essa qualificação, no geral, seguindo a linha das características que moldam as publicações, é positiva.

A Universidade Federal de Viçosa no Século XX não apresenta referências em seu texto, mas expõe uma bibliografia consultada em seu final, na qual estão os livros *Esav 1939, Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento - atualidade, UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa, Universidade Federal de Viçosa: esboço de uma síntese histórica, Relatório de Construção da Esav (1929) elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa* e a dissertação de France Maria Coelho.

O oitavo livro pesquisado, *Primeiros tempos da Universidade Federal de Viçosa pelas lentes de Rolfs*³²², foi produzido por José Marcondes Borges e Gustavo Sabioni e publicado pela Editora UFV, em 2006 – quando a instituição completou 80 anos de existência.

A obra também apresenta os autores para os leitores, de maneira muito semelhante a *A Universidade Federal de Viçosa no Século XX*. Assim, José Borges é engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária e tem outros graus acadêmicos obtidos em instituições estrangeiras e na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Foi professor nas três fases da instituição viçosense, onde também atuou em diferentes cargos e realizou diversas ações. Gustavo Sabioni é economista formado pela UFV – além de especialista por outra instituição brasileira –, onde também atuou como assessor especial da Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento e integrante de comissões de seleção de ex-alunos e servidores agraciados pela Universidade e por alguns dos seus setores³²³.

O prefácio, que não é assinado, mas parece ter sido escrito por José Marcondes Borges e Gustavo Sabioni, diz que a UFV tem muitos motivos para se orgulhar do seu passado e presente e que seu desenvolvimento intenso e contínuo a tornam mundialmente conhecida. Esses são os motivos que impulsionaram os autores a “tornar viva a sua história”³²⁴, resgatando a história “dessa tão querida e renomada Instituição”³²⁵ – nota-se, então, a característica de valorizar a instituição em diversos sentidos.

O mesmo texto do prefácio explica que o livro traz as fotografias consideradas historicamente mais importantes do acervo fotográfico de Peter Henry Rolfs, de maneira a resgatar e transmitir a história da instituição. As imagens foram produzidas entre 1921 e

³²² BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Primeiros tempos da Universidade Federal de Viçosa pelas lentes de Rolfs**. Viçosa: Editora UFV, 2006. 70 p.

³²³ Ibid. p. 6.

³²⁴ Ibid. p. 7

³²⁵ Ibid.

1928³²⁶. Apesar de não ser dito onde está esse acervo, subentende-se que está na biblioteca da Universidade da Flórida, pois é feito um agradecimento a Carl Van Ness, diretor de tal biblioteca, “pelo envio das fotografias da ‘Peter Rolfs Collection’ para a Universidade Federal de Viçosa”³²⁷.

Primeiros tempos da Universidade Federal de Viçosa pelas lentes de Rolfs não apresenta referências em seu texto, mas expõe uma bibliografia consultada em seu final, na qual estão *Relatório de Construção da Esav (1929) elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa* e *A Universidade Federal de Viçosa no Século XX*, dos mesmos autores.

A penúltima publicação pesquisada foi *80 anos de história do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa*³²⁸, produzido pelo Departamento de Zootecnia da UFV, editado por José Enir Jango Júnior, Maria Ignez Leão, Ângelo Adriano Faria de Assis e José Antônio Obeid e publicado em 2007.

José Enir Jango Júnior é apresentado como graduado em História pela UFV. Já Maria Ignez Leão, como doutora em Ciência Animal pela Universidade Federal de Minas Gerais, além de professora titular e então chefe do Departamento de Zootecnia da Universidade. Ângelo Adriano Faria de Assis é apresentado como doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e professor adjunto do Departamento de Artes e Humanidades da instituição viçosense e José Antônio Obeid é doutor em Zootecnia pela UFV e professor titular na mesma universidade³²⁹. Vale destacar que, em uma nota dos editores, que abre o livro, informa-se que a publicação também contou com a colaboração de Gustavo Soares Sabioni³³⁰.

É a primeira vez, entre as publicações pesquisadas, que existem referências claras de que alguns colaboradores possuem formações especializadas para trabalhar com memória histórica. Mais uma vez, também é deixado claro que a publicação é considerada uma parte de um todo e um esforço sempre contínuo e nunca definitivo: na nota dos editores é afirmado que recuperar a História é um “trabalho tortuoso e sempre incompleto”³³¹ e que se deseja que ele “sirva de incentivo e convite a todos que compreendam a importância de recuperar os passos da Zootecnia e das demais Ciências”³³².

³²⁶ Ibid.

³²⁷ Ibid. p. 5.

³²⁸ JANGO JÚNIOR, José Enir; LEÃO, Maria Ignez; ASSIS, Ângelo Adriano Faria de; OBEID, José, Antônio. **80 anos de história do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa: DZO, 2007. 191 p.

³²⁹ Ibid. p. V.

³³⁰ Ibid. p. VII.

³³¹ Ibid. p. VII.

³³² Ibid. p. VII.

Entre as referências apresentadas em seu texto e expostas em seu final, estão *Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento - atualidade, Relatório de Construção da Esav (1929) elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa e A Universidade Federal de Viçosa no Século XX*, além de um artigo de Edson Potsch Magalhães.

A última publicação pesquisada, intitulada *90 Anos UFV (1926 - 2016): uma viagem pela história da instituição*³³³, é caracterizada como uma revista, que conta com a organização de Gustavo Sabioni, José Marcondes Borges e João Batista Mota. Ela foi publicada em 2016, quando a instituição completou 90 anos de existência.

A apresentação da revista é assinada pelo então vice-reitor João Carlos Cardoso Galvão, que esclarece que o objetivo é disponibilizar um breve histórico da instituição, com cronologia e fotografias, incluindo seus principais fatos, personagens e edificações. Já o prefácio, da reitora Nilda de Fátima Ferreira Soares, deixa clara a intenção de “reverenciar”³³⁴ a UFV em seu aniversário. A reitora identifica a instituição como grande e pujante Universidade, uma das melhores do país, um patrimônio nacional, de vitoriosa existência, que trilhou um caminho de perseverante excelência³³⁵.

Por fim, é importante destacar que *90 Anos UFV (1926 - 2016): uma viagem pela história da instituição* não apresenta referências em seu texto e nem uma relação de bibliografia consultada em seu final.

Com isso, o quadro de referências formado até aqui já evidencia a intencionalidade que serve à instituição, no sentido de tecer elogios às gestões passadas e às vigentes, consolidando os grupos que ocuparam funções de destaque na instituição, bem como de proporcionar, sob a proteção desse quadro de poder, coesão entre seus membros. De uma maneira geral, a maioria das publicações que divulgam as memórias oficiais sobre a Esav foi produzida em datas comemorativas da instituição e, por isso, reverencia a mesma, valorizando sua história. Como dito, essas datas, que se referem a formaturas e aniversários, revelam a intencionalidade que orienta as finalidades sociais das memórias oficiais, como a promoção de identidade e coesão daqueles que compõem o grupo que forma a instituição e a manutenção da valorização e do status social da, hoje, UFV. Pode-se até dizer que essa referência guia as demais, que contribuem nos mesmos sentidos.

Assim, observa-se a utilização de estilos de escrita rebuscados para tornar os textos mais expressivos; afirmação dos textos como vozes oficiais, correspondentes à verdade e

³³³ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. **90 anos UFV (1926 – 2016): Uma viagem pela história da instituição**. Viçosa: Divisão Gráfica da UFV, 2016. 71 p.

³³⁴ Ibid. p. 2-3.

³³⁵ Ibid.

confiáveis; a ausência de esclarecimentos a respeito das metodologias utilizadas nas construções das narrativas e das referências às fontes utilizadas; considerar a instituição, seus integrantes e atividades como modernos e, ao mesmo tempo, vinculados aos valores e virtudes do passado e daqueles que foram responsáveis pelo seu desenvolvimento e os elogios direcionados às pessoas e aos personagens citados.

Também é possível identificar integrantes do possível grupo de pessoas autorizadas pela instituição a produzir os conteúdos das suas memórias oficiais. Acredita-se que esse possível grupo não represente um conjunto estritamente formado para servir; ou, em outras palavras, formado de maneira intencional ou manipulada pela Esav, Uremg e UFV. Supõe-se que essas pessoas tenham se destacado e se tornado integrantes desse possível grupo ao longo dos anos, principalmente pela afinidade e dedicação demonstradas às iniciativas e questões memorialísticas dentro da instituição. Como foi dito baseado nos suportes teóricos, eles foram se identificando, fazendo parte e permanecendo em contato dentro do grupo, concordando no conteúdo das memórias compartilhadas. É claro que, concomitante à afinidade e dedicação demonstradas às iniciativas e questões memorialísticas, esse possível grupo também concordou com aqueles que estiveram nas diferentes esferas do poder nesses anos, ou seja, as administrações da Esav, da Uremg e da UFV, assim como as administrações estaduais e federais, que também respondiam a outras influências, até mesmo internacionais. De outra maneira, é muito pouco provável que pessoas que não tenham concordado com aqueles que estiveram no poder tivessem tido sucesso ao divulgar, com o apoio da instituição, tantas informações.

Esclarecido isso, pode-se destacar dentro desse possível grupo: José Marcondes Borges, que aparece como idealizador ou colaborador sete vezes, sendo o mais antigo, dentro desse grupo, referenciado; Gustavo Soares Sabioni, que aparece seis vezes; Edson Potsch Magalhães, que aparece quatro vezes – entre colaborações e referências –, e Gilson Faria Potsch Magalhães, que aparece uma vez, enquanto presidente da Associação dos Ex-Alunos da UFV, mas cujo sobrenome indica consanguinidade com o colaborador anterior e, portanto, a manutenção de uma posição familiar dentro do grupo. Com efeito, por meio de uma busca no site Personagens e Pioneiros da UFV³³⁶ na internet, foi possível identificar Gilson como filho de Edson Magalhães. Outro laço íntimo de parentesco notado é o do colaborador José Maria Bello Lisbôa, filho de João Carlos Bello Lisbôa, um dos personagens referenciados e elogiado pelas publicações referentes às memórias oficiais.

³³⁶ MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

Aqui, ainda cabe um comentário a respeito da revista *90 Anos UFV (1926 - 2016): uma viagem pela história da instituição*. Ela traz o nome de José Marcondes Borges como seu organizador. O portal da Universidade³³⁷, no entanto, publicou a nota de falecimento do ex-aluno e ex-professor da instituição no dia 8 de janeiro de 2009. A revista, portanto, foi divulgada posteriormente e não é dada explicação para o nome de José Marcondes Borges constar entre seus organizadores. Pode-se considerar que ou ele iniciou o projeto da revista ou, devido a sua numerosa participação nas divulgações e sua condição de ser o colaborador mais antigo referenciado, seu nome continua sendo considerado entre os integrantes do grupo de pessoas autorizadas pela instituição a produzir os conteúdos das suas memórias oficiais.

Assim, já é possível perceber o trabalho dos livros e da revista e, portanto, da memória coletiva e dos seus arranjos individuais – dos autores –, de referenciar, valorizar a Esav. Mais do que uma repetição, também é possível dizer, após analisar a bibliografia pesquisada, que as referências encontradas são mantidas ao longo do tempo, já que os materiais mais antigos servem como matrizes para os mais recentes, formando, de fato, um quadro de referências comuns. Tudo isso também será investigado nos conteúdos das memórias oficiais propriamente ditos a partir de agora. Assim, será possível confirmar ou não o que se tem até então.

³³⁷ PORTAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. José Marcondes Borges (1922 - 2009). **Notícias**. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=8247>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Capítulo 3. As memórias oficiais da Esav (segunda parte): conteúdos

Neste capítulo, será dado seguimento à análise das memórias oficiais da Esav. Particularmente, será analisado como os conteúdos das publicações se relacionam entre si e com a história da instituição – apresentada no primeiro capítulo.

3.1. Personagens

Nas publicações, existe um número grande de personagens citados. Nomes aparecerem a todo momento e, muitas vezes, rapidamente, sem serem, de fato, contextualizados em relação à própria Esav. Como já pôde ser percebido no item anterior, entre eles, três se destacam – Arthur da Silva Bernardes, Peter Henry Rolfs e João Carlos Bello Lisbôa – e, por isso, também são destacados neste capítulo. Abaixo, esses três personagens estão citados na ordem de importância em que aparecem nas publicações pesquisadas e serão seguidos por outras informações das memórias oficiais sobre a Escola.

O político Arthur da Silva Bernardes, de acordo com José Marcondes Borges, Gustavo Sabioni e Gilson Faria Potsch Magalhães³³⁸, atuou principalmente no contexto da Primeira República, “no declinar de velhos valores e no emergir de novas ideias”³³⁹. O capítulo dedicado a ele no livro *A Universidade Federal de Viçosa no século XX* diz que Arthur Bernardes “caminhou à frente de seu tempo e de suas circunstâncias”³⁴⁰, qualidade que caracteriza os grandes estadistas³⁴¹.

Já é possível, aqui, destacar como os contextos esmiuçados pelas teses e pelas dissertações aparecem entre as publicações referentes às memórias oficiais. Suas vinculações com a Esav, na maioria das vezes, acontecem por meio dos personagens e de frases com caráter mais generalista, acompanhadas de opiniões. Por exemplo, quais foram esses velhos valores e as novas ideias citados? Quais foram as circunstâncias que Arthur Bernardes teve que superar? Isso, mais uma vez, mostra a seleção das memórias oficiais sobre a Esav, apontada por Michael Pollak³⁴², e chama a atenção para o fato de que não é apenas com destaques de informações que se constrói essa memória, mas com a supressão delas também.

³³⁸ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 49.

³³⁹ Ibid.

³⁴⁰ Ibid.

³⁴¹ Ibid.

³⁴² POLLAK, Michael. Loc. cit.

Nas publicações, é informado que Arthur Bernardes – nascido no dia 8 de agosto de 1875, em Viçosa (MG) – percorreu diversos níveis políticos “sem deixar que o poder o corrompesse”³⁴³. Enquanto presidente do Estado, entre 1918 e 1922, realizou inúmeros empreendimentos e deixou a situação financeira de Minas Gerais em “franca prosperidade”³⁴⁴. Após ser eleito, em 1º de março de 1922, foi empossado presidente da república em 15 de novembro do mesmo ano, cargo que assumiu em um momento conturbado do país, “pontilhado de revoluções e de outros fatos que o obrigaram a governar grande parte do seu período recorrendo ao expediente de exceção do ‘Estado de Sítio’”³⁴⁵. Ainda de acordo com as publicações, foi presidente da república de 1922 a 1926³⁴⁶.

Ao mesmo tempo em que é possível entender o oferecimento dessas informações sobre a vida do personagem como um merecido reconhecimento por sua participação na criação da Esav e como uma maneira de aproximá-lo, vinculá-lo aos leitores, percebe-se que os contextos, além de terem um caráter generalista, também são apresentados com aparências a favor do personagem e da instituição – e isso será destacado ao longo da dissertação. Por meio da bibliografia do primeiro capítulo, viu-se, por exemplo, que a Escola espelhou, em diversos momentos, os regimes de rigidez experimentadas pelo próprio país. Inclusive em momentos em que Arthur Bernardes atuava em alguma esfera do poder político. Até 1926, por exemplo, foi dito que o então presidente da República enfrentou uma situação política e econômica nacional difícil, com muitas heranças negativas e pouca disposição para continuar defendendo o café em meio à sua crise no mercado mundial. Impopular nas áreas urbanas, Arthur Bernardes recorreu à repressão para governar.

Mas nas memórias oficiais da Esav, a ideia passada é a de que o então presidente viçosense foi obrigado, forçado a governar em estado de sítio, como se não tivesse envolvimento algum com as adversidades políticas, entre outras, da época e com a própria decisão de governar em regime de exceção. Em contradição a isso, José Marcondes Borges, Gustavo Sabioni e Gilson Faria Potsch Magalhães³⁴⁷ chegam até a citar que o viçosense recebeu uma educação democrática e se opunha à ditadura.

Entre esses contextos de caráter generalista, também se destacam os elogios, que ganham um caráter de subserviência e de endeusamento, como quando direcionados a Arthur

³⁴³ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 50.

³⁴⁴ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 10.

³⁴⁵ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁴⁶ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 10.

³⁴⁷ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 51.

Bernardes. Já é possível perceber e isso ficará ainda mais claro adiante, que nos momentos de prosperidade, poucas referências são feitas a outras pessoas, como se Arthur Bernardes tivesse atuado de maneira soberana; mas nos momentos de declínio, a responsabilidade é de outrem. O viçosense é posto como um sujeito inocente em relação aos eventos negativos, quase uma vítima dos acontecimentos.

Isso pode ser notado em relação à revolta militar de Copacabana, de 5 de julho de 1922, onde José Borges, Gustavo Sabioni e Gilson Magalhães³⁴⁸ destacam que “Bernardes não tivera nenhuma responsabilidade”³⁴⁹. No episódio das cartas falsas, “Bernardes foi vítima da mais violenta e odiosa campanha”³⁵⁰ e “enfrentou a crise, altivo e dignamente”³⁵¹. Na Revolução Constitucionalista de 1932, ficou do lado do estado de São Paulo, “opção corajosa e honesta”³⁵², que o levou à prisão e ao exílio em Portugal³⁵³. Todas as ações consideradas negativas são justificadas:

Político nacional, Bernardes jamais perdeu de vista sua terra, sua região, seu estado natal. Por outro lado, seu profundo amor ao Brasil fazia-o agir, muitas vezes, contra poderes constituídos, levando-o a atitudes incompreensíveis para a época, ditadas pelo seu acerbadado nacionalismo³⁵⁴.

Sabendo que, em épocas passadas, o Brasil e, portanto, Minas Gerais viviam em meio à censura, ao controle de informações, é até possível entender a ausência ou a contenção de informações como essas em publicações mais antigas, como *Esav 1939*. Entretanto, esse entendimento pode ser considerado incoerente, por exemplo, com *A Universidade Federal de Viçosa no século XX*, de 2006.

Mesmo com dificuldades políticas e financeiras, as publicações analisadas dizem que o governo do presidente viçosense deixou um saldo positivo, com realizações elogiadas em diversas áreas, como na educação, em que acabou “consolidando, com extraordinária antecedência, uma política educacional realista e promissora”³⁵⁵.

Por fim, *A Universidade Federal de Viçosa no século XX* ainda cria uma ponte entre o ex-presidente do Estado e do país e a atualidade, talvez como mais uma tentativa de aproximá-lo e torná-lo cativo ao leitor:

³⁴⁸ Ibid. p. 50.

³⁴⁹ Ibid. p. 50.

³⁵⁰ Ibid.

³⁵¹ Ibid.

³⁵² Ibid. p. 51.

³⁵³ Ibid.

³⁵⁴ Ibid.

³⁵⁵ Ibid.

O nacionalismo de Bernardes ainda está presente no contexto do País e suas ideias continuam atuais. A atualidade de Bernardes é verdade incontestável nas lutas pela soberania e cidadania comuns na presente conjuntura socioeconômica e política do Brasil³⁵⁶.

Mais uma vez, vê-se que os fatos são colocados sem uma contextualização condizente. Sabe-se, como foi visto no primeiro capítulo, que, nesta época, o ensino agrícola estava recebendo atenção dos governantes e se desenvolvendo em meio a muitos acontecimentos políticos, econômicos e sociais. Havia um entusiasmo pela educação e pela busca da confirmação da vocação agrícola do país por meio da modernização da agricultura. Inclusive, as teses, dissertações e livros mostram que muitas regulamentações e fiscalizações de tal ensino surgiram com o tempo, assim como novas propostas para organizá-lo. Porém, quando colocada isoladamente, a informação contribui para uma subserviência ao personagem, como se suas ações não fossem influenciadas e realizadas integradas com o cenário estadual e nacional.

O livro que contextualiza o leitor é *UFV 70 anos: A trajetória da Escola de Viçosa*. No texto de Antônio Luiz Lima et al.³⁵⁷ é dito que, na década de 1920, a política brasileira era dominada por oligarquias regionais fundamentadas na agricultura, principalmente na produção do café para exportação. Nessa época, nas palavras dos autores, os estados de São Paulo e Minas Gerais se revezavam quase que sucessivamente no poder político do país. Isso porque São Paulo se caracterizava como propulsor da economia agroexportadora brasileira e Minas Gerais, como maior colégio eleitoral, com “uma bancada coesa e sintonizada com o Palácio da Liberdade”³⁵⁸. Os mesmos autores dizem que, como o país tinha a agricultura como sua principal atividade econômica e atividade que legitimava o poder político-econômico das elites brasileiras, a criação de uma escola de agricultura seria um mecanismo de consolidação das oligarquias agrárias.

Em outro momento, a mesma publicação também esclarece que os Estados Unidos estavam começando a se destacar como potência hegemônica internacional, após terem saído vitoriosos da Primeira Guerra Mundial e sucederem a Inglaterra como “nação majoritária no capitalismo mundial”³⁵⁹. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que Minas Gerais importava os métodos de ensino norte-americano, o livro também afirma que o estado atendia ao interesse

³⁵⁶ Ibid. p. 52.

³⁵⁷ LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 13-14.

³⁵⁸ Ibid.

³⁵⁹ Ibid. p. 33.

dos Estados Unidos de ampliação da sua influência. A criação da Esav, portanto, atendia interesses de Minas e dos Estados Unidos³⁶⁰.

Quando se passa a falar da relação de Arthur Bernardes com a Esav, não são encontradas referências tão diferentes. Assim, vê-se que “a visão do grande estadista plantara as sementes que se desenvolveriam, transformando-se em frondosas árvores no futuro”³⁶¹.

As publicações pesquisadas contam que, após a época da exploração do ouro, de abundância de riqueza para Minas Gerais, as atividades agrícolas passaram a ser as principais para a maioria da população do estado. Porém, com o tempo, as práticas danificaram os solos mineiros e as enxurradas modificaram sua fertilidade. Mesmo a pecuária era praticada com empirismo e não contribuía para melhorar a situação da população rural³⁶².

Em frente a esse cenário, é dito que outros homens públicos se preocuparam com o problema, mas foi o presidente do Estado de Minas Gerais Arthur Bernardes que o solucionou³⁶³. Ele assinou a Lei nº 761, de 6 de setembro de 1920, junto com o secretário de Agricultura Clodomiro Augusto de Oliveira, autorizando o governo do estado a criar uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária mineira no local que apresentasse as melhores condições para o seu funcionamento³⁶⁴.

Diferente da maioria das publicações pesquisadas, mais uma vez, e como exemplo da contextualização valorizada nesta dissertação, pode-se apontar o livro *UFV 70 anos: A trajetória da Escola de Viçosa*, que, ao tratar dos motivos da criação da Esav, é a publicação que mais se aproxima das discussões apresentadas no primeiro capítulo. De acordo com seus autores, na época em que a presidência do Brasil era disputada por paulistas e mineiros, a criação de uma escola de agricultura pelo então presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur Bernardes, representaria “uma ótima oportunidade de fechar a sua participação à frente do governo estadual, por ser a economia mineira predominantemente baseada na agropecuária extensiva e, ou, de subsistência”³⁶⁵ e também “uma forma de competir com São Paulo no jogo político e no desenvolvimento econômico”³⁶⁶. Em outro momento, quando trata da

³⁶⁰ Ibid. p. 35.

³⁶¹ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 49.

³⁶² BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁶³ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 20.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 9.

³⁶⁴ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 9.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 13-14.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 3.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 3.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 9.

³⁶⁵ LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 14.

³⁶⁶ Ibid.

inauguração da Escola, o livro diz que a Esav se mostrava, além do desejo de Arthur Bernardes, como afirmação da vocação brasileira, “exemplo da influência norte-americana na condução da economia, peça-chave da tentativa mineira de aparelhar-se técnica e cientificamente para concorrer política e economicamente com São Paulo”³⁶⁷.

Essa contextualização mostra que as mudanças na sociedade e nas suas relações no final do século XIX e início do século XX já conjecturavam e influenciavam o surgimento de um tipo do ensino agrícola que viria a ser implementado na Esav, porém, não é realizada na maioria das publicações. Em geral, não é entendido que a Escola era um produto do momento histórico em que foi criada, marcado, principalmente, pela transformação do trabalho após a abolição da escravidão, pela busca da confirmação da vocação agrícola do país por meio da modernização da agricultura e pelos interesses políticos de diferenciação e aumento da produção agrícola de Minas Gerais, como mostrado no primeiro capítulo. Tampouco é considerado o fato de os Estados Unidos estar expandindo suas áreas de investimento no Brasil. Nesse contexto, também é destacado que o presidente do Estado Arthur Bernardes estava em campanha para a presidência da república e a criação da Escola representaria uma atenção que seu futuro governo teria com a causa agrícola.

A escolha do local para a construção da Esav é uma das passagens das memórias oficiais da instituição que, como nos trabalhos acadêmicos, gira em torno de Arthur Bernardes e é tratada com incerteza. Entre a bibliografia pesquisada, porém, seu desfecho é um pouco diferente, seguindo a linha das características abordadas até aqui.

As publicações contam que o governo mineiro especificou que esse local deveria ser na região da Zona da Mata, onde estava a maior população agrícola. Então, sabe-se que algumas cidades foram visitadas e Viçosa escolhida³⁶⁸. Um trecho da conferência ministrada por João Carlos Bello Lisbôa na Associação de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em 1935, é destacado para contrapor as dúvidas sobre o caráter dessa escolha:

Cada vez mais se manifestou o acerto do critério que prevaleceu na escolha do local em que se construiu a Escola e hoje só podem acreditar não haver prevalecido o julgamento técnico aqueles que quiserem se furtar à realidade de argumentos concretos³⁶⁹.

³⁶⁷ Ibid. p. 16.

³⁶⁸ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit. BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Loc. cit.

³⁶⁹ GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 15.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 14.

O livro *A Universidade Federal de Viçosa no século XX* chega a declarar que a escolha de Viçosa é polêmica, já que é a cidade de origem de Arthur Bernardes e haveria outros locais mais apropriados em Minas Gerais. Porém, a publicação defende que o caráter dos integrantes da comissão responsável pela escolha leva a crer que um estudo foi realizado para justificar a opção³⁷⁰.

Assim, diferentemente das teses e das dissertações, que admitem e analisam as influências ora técnicas, ora políticas, a maioria das publicações referentes às memórias oficiais levanta tais questões a fim de afirmar que, apesar de qualquer dúvida, a escolha do local seguiu aspectos técnicos, justos.

Novamente Antônio Luiz Lima et al.³⁷¹ se diferenciam dos demais autores das publicações que divulgam as memórias oficiais sobre a Esav, afirmando que “é naturalmente compreensível que, psicologicamente, Viçosa tivesse posição prioritária perante os membros da comissão, visto que o próprio presidente do Estado de Minas era viçosense”³⁷², mas que a altitude e o clima de Viçosa também foram importantes na decisão tomada. Os mesmos autores também escreveram, em outro momento, quando falam da inauguração da Escola, que, “presente à solenidade, Arthur Bernardes, já Presidente da República, assistia ao seu objetivo (da Esav) de presentear sua terra com uma instituição de ensino criada para fomentar a agropecuária mineira”³⁷³. E ainda, em outra passagem, dizem:

O desejo de fomentar a agricultura mineira, elemento básico da economia do País, o desejo de dotar a sua terra natal de um investimento estatal de grande vulto que pudesse dinamizar e projetar Viçosa no cenário estadual e nacional, o desejo de ser precursor do progresso, trazendo a ciência e a técnica a uma sociedade acostumada ao empirismo, além de outros, acenderam a fagulha da determinação de Bernardes em fundar uma escola agrícola na década de 20³⁷⁴.

Mais uma vez, então, é o livro *UFV 70 anos: A trajetória da Escola de Viçosa* que se aproxima dos trabalhos acadêmicos, admitindo as influências ora técnicas, ora políticas na escolha da cidade para sediar a Escola. No geral, a diferença da maioria das publicações relativa às memórias oficiais com as pesquisas acadêmicas mostra, mais uma vez, como as referências podem ser consideradas ferramentas da intencionalidade da instituição, mostrando as seleções das informações transmitidas.

³⁷⁰ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁷¹ LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 16.

³⁷² Ibid.

³⁷³ Ibid.

³⁷⁴ Ibid. p. 22.

Já foi destacado anteriormente, mas vale salientar mais uma vez, que as teses e as dissertações analisadas se preocupam mais em contextualizar a criação e o desenvolvimento da Esav do que a maioria das publicações pesquisadas neste terceiro capítulo; estas últimas, por exemplo, de uma maneira geral, não citam que o momento de criação da Esav coincidiu com o momento em que os Estados Unidos saíam vitoriosos da Primeira Guerra Mundial e iniciavam o seu expansionismo na disputa da hegemonia econômica e política mundial, nem que o presidente do Estado Arthur Bernardes estava em campanha para a presidência da república do Brasil, como coloca France Maria Coelho³⁷⁵.

Mesmo que os trabalhos acadêmicos também tenham uma natureza parcial e provisória, como tudo o que se refere à história e à memória, eles não deixam de questionar, de submeter à crítica. Fabrício da Silva³⁷⁶ é um que examina o fato de algumas publicações que celebram a história da Universidade e se dizem preocupadas em preservar a memória da instituição afirmarem que a Esav resultou “do ‘desejo’, da ‘glória’ e da ‘visão do futuro’ de um ‘grande estadista’, o ‘viçosense’ Arthur da Silva Bernardes”³⁷⁷, sem contextualizar o momento histórico e os motivos políticos, econômicos, sociais e culturais que levaram a tal criação. O mesmo autor apresenta perguntas que diz direcionar sua dissertação, como “que forças sociais ‘personificadas’ na figura política de Arthur Bernardes foram responsáveis pela criação da Esav?”³⁷⁸, que se assemelham e contribuem para fortalecimento do tocante desta dissertação.

É possível perceber que, na maioria das publicações pesquisadas, existe uma preocupação maior em apresentar os personagens, datas e outros números relacionados aos eventos. Tanto que este terceiro capítulo apresenta o conteúdo correspondente ao item *Criação e organização da instituição* do primeiro capítulo a partir de personagens, datas e outros números.

Assim, destaca-se também a importância que as informações de caráter mais técnico, como as datas e outros números citados, ganham entre a maioria dos livros e na revista, o que pode ser percebido como uma tentativa de mostrar detalhes dos fatos apresentados, uma riqueza de informações, sem se aprofundar, conquistando, dessa maneira, mais um pouco da confiança do leitor em relação à veracidade e confiabilidade das publicações. É possível supor que a ideia geral pretendida é a de que quanto mais detalhes apresentados, mais atenção se prestou à produção dessa apresentação e mais crível se torna o que é narrado por ela.

³⁷⁵ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 35-36, 47.

³⁷⁶ SILVA, Fabrício Valentim da. Op. cit. p. 14-15.

³⁷⁷ Ibid.

³⁷⁸ Ibid.

Dando continuidade às análises, é lembrado que o presidente de Minas Gerais iniciou o processo de criação da Escola, mas o vice-presidente, no exercício do cargo de presidente, Eduardo Carlos Vilhena do Amaral, foi quem, de fato, criou a instituição e a instalou em Viçosa pelo Decreto nº 6.053, de 30 de março de 1922³⁷⁹. Isso, mesmo alguns trabalhadores da construção já terem iniciado suas atividades anteriormente, em 18 de janeiro do mesmo ano³⁸⁰.

Durante o processo de criação da Escola, rompeu-se – e muitas publicações afirmam que foi Arthur Bernardes quem rompeu – com a tradição de organizar o ensino no molde europeu, optando-se pelo molde norte-americano dos *Land-Grant Colleges*, por conhecer a experiência, a eficiência e os avanços da agricultura e da veterinária nos Estados Unidos³⁸¹. Sabe-se que, ainda em 1920, o presidente de Minas Gerais, solicitou e recebeu, por intermédio do governo norte-americano, a indicação de um especialista capaz de fundar, organizar e dirigir tal Escola nesse molde³⁸².

As publicações relativas às memórias oficiais, assim como as acadêmicas, observam que a terceira pessoa indicada, convidada e que aceitou a função foi Peter Henry Rolfs, então diretor da Escola Superior de Agricultura do Estado da Flórida – também chamada de Faculdade de Agricultura, Escola de Agricultura, *Florida Agricultural College* e apenas *Agricultural College* da Universidade da Flórida³⁸³. Ainda sobre o fato, as memórias oficiais observam que, antes dele, foram convidados para vir para o Brasil o diretor da Escola Superior de Agricultura do Estado de Illinois, Eugene Davenport, e do especialista em Zootecnia do Departamento de Agricultura, Romel. De acordo com as publicações, Eugene

³⁷⁹ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 13.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 29.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 17.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 23, 49.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 4-5.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 9.

³⁸⁰ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 23.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 4-5.

³⁸¹ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 9.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 16, 23.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 20-21, 64.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 3.

³⁸² ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 9.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 16.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 14.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 20-21.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 3.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 11, 14.

³⁸³ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 21, 64.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 16, 24.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 9.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 14.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 11.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 4.

Davenport não aceitou a função porque se considerava velho demais na época. Já Romel não queria interromper suas pesquisas em Zootecnia Especializada³⁸⁴.

Nesse contexto, não é informado, como faz a bibliografia explorada no primeiro capítulo, que o molde dos *Land-Grant Colleges* agradou a elite agrária na mesma época em que os Estados Unidos saíam vitoriosos da Primeira Guerra Mundial e iniciavam o seu expansionismo na disputa da hegemonia econômica e política mundial. Nem que esse expansionismo, como dito anteriormente, foi interpretado como uma contribuição para o progresso do Brasil. Isso significa que as influências norte-americanas ganhavam força em diversas direções, até mesmo na educação.

Em relação ao personagem Peter Rolfs, o tratamento é semelhante ao de Arthur Bernardes. A maioria das informações também é contextualizada por meio de frases de caráter generalista e apresentada com uma aparência a favor do personagem e da instituição. No caso de Peter Rolfs, porém, é possível perceber que essa intenção também é direcionada para a questão da internacionalização da Esav. Apesar de não ser uma característica exclusiva dos livros e da revista – estando presente nos trabalhos acadêmicos –, eles valorizam o país e os valores de origem de Peter Rolfs, bem como as grafias das palavras relacionadas a ele na língua inglesa.

De acordo com as publicações pesquisadas, Peter Henry Rolfs nasceu em 17 de abril de 1865, em *Le Claire*, no estado de Iowa, nos Estados Unidos³⁸⁵. Ele era formado como bacharel – *Bachelor of Science* – em Agricultura pelo *Iowa State Agricultural College* (em 1889), mestre – *Master of Science* – também pelo *Iowa State Agricultural College* (1891) e doutor – *Doctor of Science* – pela *University of Florida* (1920)³⁸⁶.

Ao aceitar fundar, organizar e dirigir a Esav, as publicações contam que Peter Rolfs foi contratado para servir ao Estado de Minas Gerais no dia 1º de janeiro de 1921 e desembarcou no Rio de Janeiro no dia 4 de fevereiro do mesmo ano³⁸⁷.

Ao pensar nos motivos que levaram o então diretor da instituição norte-americana a ir para Viçosa, sendo que tinha dificuldades com a língua portuguesa e onde inicialmente ficou hospedado em uma casa de fazenda de pau-a-pique, onde não havia luz elétrica e vidraça, nem

³⁸⁴ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 64.

³⁸⁵ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 63.

³⁸⁶ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁸⁷ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 3.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 21.

água encanada³⁸⁸, encontra-se apenas que ele “era um idealista corajoso”³⁸⁹ – ou seja, a explicação acontece por meio de um elogio. Somente no final de 1923, é dito que Peter Rolfs ocupou a residência que o Estado havia construído para ele³⁹⁰.

O norte-americano também é muito elogiado, em várias passagens, como é possível ver nas palavras de José Marcondes Borges, Gustavo Sabioni e Gilson Faria Potsch Magalhães³⁹¹: “o *scholar* notável que veio para Viçosa realizar o admirável trabalho que nasceu, cresceu, se expandiu e aqui está para a grandeza do País e orgulho de todos nós”³⁹².

Como dito, Peter Rolfs foi quem implementou o molde dos *Land-Grant Colleges* na Esav, seguindo três áreas principais de atuação: ensino, pesquisa e extensão. Sabe-se que ele trabalhou na organização da Escola até o início das aulas, em 1º de agosto de 1927, quando se tornou o primeiro diretor da instituição – cargo que ocupou até 1º de fevereiro de 1929, quando João Carlos Bello Lisbôa assumiu a direção da Escola e ele se tornou consultor técnico de Agricultura do Estado³⁹³.

É creditado à sua atuação – elogio restrito à ele – o fato de a Escola já ser reconhecida, em 1931, “por muitas instituições de ensino na Alemanha, Bélgica, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, Inglaterra, Itália e Portugal”³⁹⁴, valorizando a internacionalização não apenas pelas influências recebidas dos Estados Unidos, mas pelo alcance que a própria Escola também tinha.

O terceiro personagem destacado pelas publicações referentes às memórias oficiais é João Carlos Bello Lisbôa. Antes de falar sobre ele, porém, é importante dizer que são encontradas duas grafias para o seu sobrenome, uma com acento e outra sem: Lisbôa e Lisboa. Será seguida a grafia mais antiga encontrada, que possui acento.

É dito que João Carlos Bello Lisbôa nasceu em 18 de agosto de 1894, ano também especificado como 1892, na cidade referenciada como Ipiranga e Vassouras (RJ)³⁹⁵. Esse é mais um dos trechos em que é gerada dúvida em relação aos dados informados e pode-se

³⁸⁸ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁸⁹ Ibid.

³⁹⁰ Ibid.

³⁹¹ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁹² BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁹³ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 26.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 21, 64.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 7.

³⁹⁴ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 35.

³⁹⁵ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. V.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 67.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 12.

dizer que é presumível que, no processo de priorizar as informações de caráter mais técnico, as publicações pesquisadas acabam criando brechas para questionamentos, para o confronto de detalhes que parecem concorrer.

É destacado que João Carlos Bello Lisbôa nasceu em uma família pobre e que, “desde cedo, mostrou firme determinação de ser alguém na vida, para o que não mediu esforços”³⁹⁶. Dando continuidade a essa valorização do personagem, é citado que ele estudou com dificuldades em Juiz de Fora (MG), São Paulo (SP) e no Rio de Janeiro (RJ), obtendo diversas formações, como a de engenheiro civil³⁹⁷.

De acordo com as publicações, João Carlos Bello Lisbôa realizou uma reforma urbanística em Ponte Nova (MG), cidade vizinha a Viçosa, solucionando problemas de abastecimento de água³⁹⁸, sendo que José Borges, Gustavo Sabioni e Gilson Magalhães³⁹⁹ dizem que ele solucionou problemas de abastecimento de energia elétrica e de calçamento – destacam-se mais informações que parecem concorrer. Mais tarde, em 5 de agosto de 1922, é informado que o personagem foi nomeado engenheiro do Estado e assumiu a função de engenheiro-auxiliar e logo, em 16 de dezembro do mesmo ano, de engenheiro-chefe das obras da Esav⁴⁰⁰.

Em Viçosa, como contam as publicações, João Carlos Bello Lisbôa ficou conhecido por ter contribuído para a alfabetização e melhora da saúde dos operários da Escola e por ter revertido a falta de materiais de construção na região criando carpintaria, fábrica de telhas de cimento, ferraria, marcenaria, olarias, pedreira, serraria, etc. Elas informam que a areia consumida na construção, inclusive, foi extraída do subsolo local e os ladrilhos, balaustradas e mobiliários da Escola, entre outros, foram feitos na própria obra. Também é dito que foram organizadas 32 indústrias, também chamadas de oficinas, que ficaram em um barracão localizado entre o prédio principal e o dormitório⁴⁰¹. Mais uma vez, de maneira elogiosa, é

³⁹⁶ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁹⁷ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

³⁹⁸ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Loc. cit.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 45.

³⁹⁹ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 68.

⁴⁰⁰ RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 13.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 45.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 17.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. V, VI.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 5.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 12.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 9.

⁴⁰¹ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 45.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 76-80.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 12, 27.

complementado que, “dessa maneira, grande economia foi feita e algumas centenas de brasileiros tiveram a oportunidade de receber ensinamento profissional e ser multiformemente assistidos”⁴⁰².

Vale destacar que, em relação ao analfabetismo citado acima, são apresentadas informações que concorrem, e pode-se dizer que isso acontece devido à valorização já notada dos números. Algumas estatísticas apresentadas mostram que todo operário sofria de algum tipo de doença e que 92% deles eram analfabetos⁴⁰³. Informações, estas, que contradizem os índices de 90% de analfabetos e de 100% de doentes, que chegaram a 0% em 1935 em outras passagens⁴⁰⁴. Também é afirmado que Peter Rolfs e João Carlos Bello Lisbôa criaram uma escola primária diurna para os filhos dos operários, que, mais tarde, passou a oferecer cursos noturnos para os próprios trabalhadores. No fim de 1926, a porcentagem de analfabetos caiu de 80 para 6%⁴⁰⁵ – dados que também contradizem os colocados anteriormente. O livro *Primeiros tempos da Universidade Federal de Viçosa pelas lentes de Rolfs* coloca, ainda, que a constatação era de que havia 80% de analfabetos e 98% doentes⁴⁰⁶.

Apesar de alguns números não se diferenciarem tanto, em nenhuma das publicações citadas são encontradas referências diretas às suas fontes. Ou seja, para o leitor interessado em conhecer a história da Esav, tais informações abrem espaços não apenas para dúvidas relacionadas às informações específicas confrontadas, mas para questões mais abrangentes, como, por exemplo, do caráter de voz oficial, verdadeiro e confiável que as memórias oficiais assumem.

De acordo com os materiais pesquisados, por incentivo da administração da Escola e de João Carlos Bello Lisbôa, foi fundada uma Caixa Beneficente, custeada pelos próprios operários, para resolver essas questões de analfabetismo e doença, estabelecendo, por exemplo, o ensino primário. É dito que a primeira iniciativa de ensino a funcionar foi uma escola diurna para os filhos dos operários, cuja professora era paga pela Caixa Beneficente. Mais tarde, também foram iniciados cursos noturnos para os próprios operários e a professora passou a ser paga pelo estado. Em 1926, o analfabetismo já havia caído e a escola passou a aceitar outros alunos, da vizinhança⁴⁰⁷.

⁴⁰² BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴⁰³ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 72.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 23.

⁴⁰⁴ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 68.

⁴⁰⁵ Ibid. p. 24.

⁴⁰⁶ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 20.

⁴⁰⁷ Ibid. p. 20-21.

Mais uma vez, é dada uma aparência a favor da instituição. Sobre esse assunto, as publicações não comentam que João Carlos Bello Lisbôa também foi o responsável por impor a obrigatoriedade de cuidados com a saúde e com a educação aos operários, assim como o sistema de controle, rígido, sob o qual eles viviam, como mostrado no capítulo anterior. Novamente se chama atenção para a seleção operada na construção da memória oficial da Escola.

Assim, é dito que, mesmo com as dificuldades de aquisição e de transporte de materiais até o interior do estado e com as oscilações políticas e burocráticas da época, “concretizou-se o que parecia impossível: uma obra ciclópica e de alta qualidade, como atesta seu estado físico atual, setenta e oito anos depois”⁴⁰⁸. Fala-se do prédio principal.

Apesar de enaltecer a construção do primeiro prédio, como pode-se ver pelas palavras usadas, também é dito que “a honestidade com que as obras foram realizadas foi tal que, mesmo com todo o apoio do governo estadual, o Prédio Principal, que fora projetado para três andares, ficou reduzido a dois, por falta de verbas”⁴⁰⁹, possibilitando o entendimento de que a construção não saiu exatamente como planejada, devido a dificuldades externas, também melhor comentado no primeiro capítulo. Mesmo assim, isto é devido a um aspecto positivo: a honestidade com que as obras foram realizadas.

As publicações referentes às memórias oficiais também contam que João Carlos Bello Lisbôa foi professor de Álgebra e de Economia Rural⁴¹⁰ – também referida como Engenharia Rural⁴¹¹. Foi vice-diretor entre 1927 e 1931 e diretor da Esav entre 1932 e 1936⁴¹². Sobre essa última atuação, as publicações também mostram datas diferentes: no final de 1928⁴¹³ e entre 1º de fevereiro de 1929 e 21 de janeiro de 1936⁴¹⁴.

O capítulo do livro *A Universidade Federal de Viçosa no Século XX* dedicado a ele – intitulado *Bello Lisbôa: um homem à frente do seu tempo* e escrito por João Maria Bello

⁴⁰⁸ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 23.

⁴⁰⁹ Ibid. p. 33.

⁴¹⁰ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

⁴¹¹ Ibid.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 27.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 68.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 8.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 12.

⁴¹² ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 8.

⁴¹³ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. VI.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴¹⁴ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 17.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 32.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 12.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 8.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10.

Lisbôa, que, apesar de ter o mesmo sobrenome, é identificado apenas como ex-aluno da Uremg – diz que:

Dr. João Carlos Bello Lisbôa, modéstia à parte, foi um sonhador bem-sucedido; um lutador leal e honesto, que nutria grande amor pelo Brasil e pelo seu povo; profissional capacitado da engenharia; incansável valorizador da atividade rural, sob vários aspectos; administrador equilibrado e enérgico; e educador por vocação, que almejava o crescimento e melhoramento integral do homem, vale dizer de seus alunos, visando ao seu desempenho global, da melhor forma, no mistério que constitui a vida⁴¹⁵.

Os esforços dos elogios e das transmissões de imagens positivas do personagem, ou melhor, dos personagens, assim como os esforços para aproximá-los dos leitores, não são poupados. Já são claros a intencionalidade da instituição e o trabalho da sua memória oficial, ora destacando e ora suprimindo informações, a fim de defender suas fronteiras, no sentido amplo dado por Michael Pollak⁴¹⁶. Para somar às referências destacadas neste capítulo, pode-se dizer que o quadro da memória oficial da instituição, até então, também se constitui de um aspecto mais humanizado, em que personagens dotados de virtudes e boas intenções desbravaram diversas dificuldades para estabelecer uma Escola que beneficiasse a nação.

3.2. O ensino

Como visto, os eventos e desenvolvimentos discutidos pelas teses, dissertações e pela bibliografia sobre história geral aparecem entre as publicações referentes às memórias oficiais muito vinculados aos personagens. Isso continuará a ser percebido a partir daqui. Nesse sentido, também é interessante notar que as informações que não foram apresentadas até agora, ou seja, que não se encaixaram entre as vivências e tomadas de atitudes de Arthur Bernardes, Peter Rolfs e João Carlos Bello Lisbôa, não são tão aparentes como no primeiro capítulo. Pode ser dito que isso também se deve ao fato de que a maioria dos acontecimentos que não se relacionam intimamente com os três personagens é referente à década de 1930 e aos anos posteriores a ela, ou seja, época em que o país e o mundo passaram por diversas crises e instabilidades, com as quais, provavelmente, não é desejado ter a imagem da instituição vinculada. Até mesmo pelo volume de informações que este e, principalmente, os próximos dois itens apresentam, também é visível esta questão.

Assim, são contempladas mais informações que antecedem a década de 1930, como será visto, seguindo o quadro de referências formado até aqui. Entre as informações que

⁴¹⁵ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 69.

⁴¹⁶ POLLAK, Michael. Loc. cit.

sucedem a década de 1930, são encontradas prioritariamente aquelas que podem ser trabalhadas em um sentido valorativo da instituição e outras mais técnicas, que marcam a passagem do tempo e os acontecimentos sem se debruçar sobre os contextos relacionados. Entre frases generalistas, datas e outros números, então, também se repetem referências como informações que concorrem. Essas são as características mais marcantes deste e dos próximos dois itens, como será visto.

Então, como dito anteriormente, Arthur Bernardes, enquanto presidente de Minas Gerais, autorizou o governo do estado a criar uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária mineira no local que apresentasse as melhores condições para o seu funcionamento⁴¹⁷. Assim como as teses e as dissertações, as publicações referentes às memórias oficiais pesquisadas neste capítulo destacam que o objetivo da Esav foi definido como ministrar o ensino prático e teórico de Agricultura e Veterinária e realizar estudos experimentais que contribuíssem para o desenvolvimento de tais ciências no estado⁴¹⁸.

Também como os trabalhos acadêmicos, as publicações dizem que o esboço do primeiro regulamento da Esav foi apresentado por Peter Rolfs ao governo de Minas Gerais em 10 de agosto de 1921. Também existe a informação de que Peter Rolfs apresentou o primeiro projeto de regulamento da Escola em 12 de abril de 1926 – nota-se que nem os nomes (*esboço do primeiro regulamento e primeiro projeto de regulamento*) e nem as datas são as mesmas, deixando espaço para dúvidas dos leitores –, mas ele não agradou ao governo e um outro projeto foi produzido, em junho do mesmo ano, por agrônomos e educadores de Belo Horizonte (MG). A partir desses dois projetos, foi João Carlos Bello Lisbôa quem elaborou um terceiro projeto, transformado no Decreto nº 7.323, de 25 de agosto de 1926⁴¹⁹.

É destacado que, no período de 1922 a 1926, foram iniciados os trabalhos agrícolas. Com a iniciativa de Peter Rolfs, foram plantados arroz, milho, cana-de-açúcar e citros, entre outros, alguns com mudas trazidas dos Estados Unidos⁴²⁰. E as atividades foram mais desenvolvidas quando os dois primeiros professores da instituição tomaram posse: Diogo

⁴¹⁷ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 3.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 20.

⁴¹⁸ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 9.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 14.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 3.

⁴¹⁹ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 17.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 21-25;

⁴²⁰ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 24.

Alves de Mello, no Departamento de Agronomia, e Hermann Rehaag, no Departamento de Zootecnia⁴²¹.

Concluída a construção do prédio principal, as publicações referentes às memórias oficiais afirmam que a Esav foi inaugurada por meio de uma cerimônia presidida por Arthur Bernardes, já como presidente da república, em 28 de agosto de 1926⁴²². Ainda segundo as publicações, o Decreto nº 7.461 regulamentou o início dos cursos Fundamental ou Elementar e Médio em 1º de agosto de 1927. O curso Fundamental, com duração de um ano, durou até 1947. Já o curso Médio, com duração de dois anos, durou até 1959⁴²³ - esta última data se difere da apresentada no primeiro capítulo: até 1943⁴²⁴.

Na época, como explicado, as obras do dormitório, também chamado de prédio do internato, não estavam concluídas e os alunos dormiam no porão do prédio principal, que também abrigava ou passou a abrigar mais tarde – essa informação não é clara – a parte administrativa, os departamentos e gabinetes dos professores, alguns laboratórios e salas de aulas teóricas, entre outros, como bibliotecas e o correio⁴²⁵.

É informado que as duas primeiras seções do dormitório, que permitiam o funcionamento do sistema de internato, foram inauguradas pelo então presidente do Estado de Minas Gerais Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, entre outras autoridades, em 26 de junho de 1928⁴²⁶ – data também diferente da apresentada no primeiro capítulo: 28 de fevereiro de 1928⁴²⁷. A obra, com o total de seis seções, foi totalmente concluída em 1929 e, segundo as publicações, não era esperado que o internato para alunos de cursos superiores desse certo, já

⁴²¹ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴²² BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 16.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 15.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 4.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 25.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 35.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. p. 6, 9.

⁴²³ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 15.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 16.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 18.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 25-26, 39.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 6-7.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10.

⁴²⁴ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 1-2.; AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 119-122.; COMETTI, Ellen Scopel. Op. cit. p. 60, 64-66.

⁴²⁵ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 12.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 42.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2006). Op. cit. p. 38-40.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 23.

⁴²⁶ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 15.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 4.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 28.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10.

⁴²⁷ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 24.; SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 44.; AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 71-72.

que outras iniciativas semelhantes, em outras instituições, também não deram. Porém, na Esav, o sistema obteve sucesso⁴²⁸.

A primeira aula do curso superior de Agricultura, com duração de quatro anos, como é mostrado, só aconteceu no dia 1º de março de 1928⁴²⁹, sendo que esta data também é referenciada como 1º de maio de 1928⁴³⁰. A colação de grau da primeira turma de engenheiros agrônomos, segundo as informações, aconteceu em 15 de dezembro de 1931⁴³¹. Na mesma data, 15 de dezembro de 1931, é dito que aconteceu a publicação do Decreto Estadual nº 10.154⁴³², número também referenciado como 10.104⁴³³, que deu autonomia didática e administrativa, além de novo regulamento e organização, à Esav.

Até aqui, são encontradas, então, exemplos das referências destacadas. Vê-se uma história desenrolada por meio de aspectos mais generalistas e técnicos, que podem ser apresentados para os leitores sem se ater aos meandros. Não é possível compreender, de fato, por exemplo, quais mudanças o Decreto Estadual que deu autonomia didática e administrativa, novo regulamento e organização à Esav promoveu. Como contraponto, sabe-se, pelos trabalhos acadêmicos, que a Esav tomou como sua responsabilidade um ensino mais direto para os agricultores e seus filhos, serviços de fomento e de assistência das saúdes vegetal e animal, a formação de cientistas agrícolas e a formação de médicos veterinários. De acordo com o primeiro capítulo, foi então que o curso de Medicina Veterinária foi criado e, em 1932, iniciou suas atividades.

Entrando especificamente na década de 1930, as publicações referentes às memórias oficiais esclarecem que a primeira aula do curso superior de Veterinária foi realizada no dia 1º

⁴²⁸ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴²⁹ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 15.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 18.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 10.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10.

⁴³⁰ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 7.

⁴³¹ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 35.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 27.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10.

⁴³² ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 19.

⁴³³ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

de maio de 1932⁴³⁴ – algumas afirmam que foi em 1º de março de 1932⁴³⁵ – e a colação de grau da primeira turma de médicos veterinários, em 15 de dezembro de 1935⁴³⁶.

Ainda em 1935, é dito que Getúlio Vargas e o ministro da Agricultura, Odilom Braga, reconheceram a Esav como oficial pelo Decreto nº 112, de 4 de abril. Porém, é chamada a atenção para o Decreto-Lei nº 824, de 20 de janeiro de 1942, assinado pelo governador do Estado Benedito Valadares Ribeiro e pelo seu secretário da Agricultura Israel Pinheiro da Silva, que transferiu o curso para Belo Horizonte⁴³⁷.

Nesse contexto, outras dúvidas suscitam. Não é explicado por que o Decreto-Lei transferiu o curso de Veterinária para Belo Horizonte – no primeiro capítulo, as teses e as dissertações expõem junto com essa informação o fato de a Escola, marcada pela figura de Arthur Bernardes, ter sido marginalizada e enfraquecida pelo governo de Getúlio Vargas⁴³⁸.

No geral, durante a década de 1930, as teses, dissertações e a bibliografia sobre história geral mostram como o Brasil sofreu rupturas na sua organização política, especialmente depois da chamada Revolução de 1930 e o início da Segunda República, com o governo provisório de Getúlio Vargas. É citada a crise do comércio mundial e o fato das oligarquias então no poder do país terem sido desarticuladas. A cafeicultura, apesar de não ter deixado de ter sua importância, passou a disputar a atenção econômica com outras atividades urbano-industriais. As instituições de ensino agrícola sofreram com a fiscalização rígida e punitiva por parte dos governos e com a falta de apoio para suas manutenções e melhorias, tanto que muitos cursos foram extintos e até Escolas foram fechadas. A administração da Esav também foi modificada e os acontecimentos sucessórios, de instabilidade política, econômica e social, nacionais e internacionais, influenciaram e chegaram a colocar sua existência em cheque.

Quando as publicações relativas às memórias oficiais contam que a autonomia da Esav foi cassada por meio da Lei nº 146⁴³⁹, pouco é dito por José Enir Jango Júnior et al.⁴⁴⁰, que

⁴³⁴ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 36-37.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 27.

⁴³⁵ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 19.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10.

⁴³⁶ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴³⁷ GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 19.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 27.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10-11.

⁴³⁸ Ibid. Op. cit. p. 107.

⁴³⁹ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 37-38.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 28.

⁴⁴⁰ JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 28.

destacam que a época era de entraves políticos com a instituição, com atrasos de vencimentos e outras dificuldades. De acordo com José Borges, Gustavo Sabioni e Gilson Magalhães⁴⁴¹, a partir disso, era sabido que o governo planejava fechar a Escola Superior de Agricultura (nessa época, a Esav já estava sem a Escola de Veterinária) e transformar as instalações em um quartel da polícia. A explicação para a não continuidade do plano é: “alguém havia advertido Benedicto Valladares de que tal mudança iria desgostar os fazendeiros mineiros, pela extinção da Semana do Fazendeiro, e isso teria levado o Governador a desistir da transformação”⁴⁴². Dessa vez, porém, os trabalhos acadêmicos também não aprofundam o acontecimento, apesar de chamarem a atenção para a pouca documentação encontrada sobre o assunto nos arquivos da Esav⁴⁴³.

Da mesma maneira, nos anos próximos a 1939, o livro dos diplomandos diz que o ensino estava entre os problemas vitais e em vias de solução no Brasil. As divergências culturais entre a população, a deficiência da alfabetização nas classes mais humildes, bem como a deficiência da tradição humanística nas classes mais ilustradas, as desastrosas reformas do ensino e a falta de uma orientação nacionalista são alguns fatores citados como agravantes no ensino na época⁴⁴⁴.

Enfim, no primeiro capítulo, é possível ver como a contextualização esclarece e relaciona os fatos sobre o desenvolvimento da Escola, que, neste item, aparecem citados de maneira genérica e, pode-se dizer, desarticulada. Essa opção de marcar a passagem do tempo e os acontecimentos com informações mais técnicas, além de representar a valorização de alguns traços e o não aprofundamento dos conhecimentos sobre outros, pode ser entendida como uma tentativa de preservar a imagem da instituição, não a relacionando, por exemplo, com o então crescimento dos movimentos totalitários e autoritários no mundo e no Brasil, entre outras crises e instabilidades registradas na época. Porém, pode-se dizer que, com isso, ao mesmo tempo em que as publicações abrem espaço para que as informações que concorrem sejam mais percebidas e gerem dúvidas nos leitores, também deixam de aproveitar tais contextos para salientar que a instituição conseguiu passar por momentos difíceis, mantendo suas atividades, se desenvolvendo e crescendo até se tornar a Universidade reconhecida que é hoje.

No que diz respeito ao ensino, o próximo número destacado pelas publicações se refere à Lei nº 272, de 13 de novembro de 1948, assinada pelo governador do Estado Milton

⁴⁴¹ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴⁴² Ibid. p. 38.

⁴⁴³ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 96.

⁴⁴⁴ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

Soares Campos e pelos secretários de Agricultura Américo René Giannetti e de Finanças José Magalhães Pinto, que criou a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, que incorporou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ainda com funcionamento em Belo Horizonte⁴⁴⁵. Por fim, marcando a transformação da Esav em Uremg, um parágrafo do livro *A Universidade Federal de Viçosa no século XX* diz elogiosamente:

Sólidos alicerces, trajetória de seriedade, dedicação à ciência, pioneirismo em muitos aspectos importantes da educação nacional, notadamente na área agrícola, lutas, vitórias, sacrifícios e muitos outros atributos positivos, constante progresso, dentro do Estado, no País e até no exterior, conduziram a Instituição e seu inevitável destino, sua transformação em Universidade⁴⁴⁶.

3.3. A pesquisa

Assim como nos trabalhos acadêmicos, entre as publicações pesquisadas, não é certa a data do início da pesquisa na Esav, mas é dito que, antes de 1927, quando foram iniciadas as aulas, a instituição já realizava atividades na área, como os campos experimentais de citricultura, sob coordenação de Peter Rolfs⁴⁴⁷.

Exceto algumas atividades especificamente citadas, as publicações não abordam de maneira abrangente quais e como as pesquisas eram realizadas na Escola, assim como os trabalhos acadêmicos fazem. Seguindo as tendências já destacadas, aqui, a história é contada com um caráter generalista, por meio dos marcos, principalmente de datas e outros números. As publicações também trabalham as informações a fim de proporcionar imagens positivas sobre a instituição.

É considerado um marco, assim, a publicação do Decreto Estadual que deu autonomia didática e administrativa, além de novo regulamento e organização à Esav. Algumas publicações levam a entender que, a partir de então, foram iniciados os cursos de especialização para engenheiros agrônomos e médicos veterinários com duração de dois anos⁴⁴⁸ –, sendo que José Enir Jango Júnior et al. definem esta data como 1932⁴⁴⁹. O livro *Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento - atualidade* afirma que esses

⁴⁴⁵ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 31.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 12.

⁴⁴⁶ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 39-40.

⁴⁴⁷ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

⁴⁴⁸ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 35-36.

⁴⁴⁹ JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 27.

cursos foram abertos em 1939⁴⁵⁰ e, juntamente com outra publicação, explica que o início efetivo só aconteceu em 1960, já na segunda fase da instituição, a Uremg⁴⁵¹.

As publicações também destacam a atuação do norte-americano John Benjamin Griffing, que assumiu a direção da Escola em 1937 e impulsionou a área. É dito, por exemplo, que, no mesmo ano, os professores iniciaram viagens para realizar especializações, mestrados, doutorados e pós-doutorados, principalmente nos Estados Unidos, mas também em alguns países europeus⁴⁵². O livro dos diplomandos de 1939 afirma que dois professores eram enviados anualmente para cursos de especialização em universidades “alienígenas”⁴⁵³ e isso era um dos fatores que elevaram o nível do ensino e incentivavam a atividade científica⁴⁵⁴.

Nota-se que os fatos são mostrados, mas não contextualizados. As teses e dissertações mostram, de maneira clara, por exemplo, que essa oportunidade de treinamento no exterior foi uma saída para a grande rotatividade de professores resultante, entre outros fatores, das dificuldades orçamentárias enfrentadas pela Esav.

Também não se fala da influência norte-americana, entre outros pontos, a não ser de maneira generalista. O livro *Esav 1939*, não deixa dúvidas de que a instituição era um centro de pesquisa e que os trabalhos experimentais realizados nela projetavam seu nome no cenário científico nacional e internacional⁴⁵⁵. E destaca: “em cada laboratório do Departamento observam-se os fatos novos que surgem, investigam-se, estudam-se possibilidades, criam-se novas verdades, orientam-se novas diretrizes”⁴⁵⁶. Os trabalhos acadêmicos notam que, de certa maneira, as experimentações realizadas foram novidade e promoveram inovação na Esav; porém, também explicam que a maioria dos conhecimentos era produzida nos Estados Unidos e apenas demonstrada, reaplicada e adaptada na Escola⁴⁵⁷.

Além dessas informações, as publicações referentes às memórias oficiais destacam que também foi de John Griffing a iniciativa de fundar o Clube Ceres, em 1938, com o objetivo de divulgar as novidades científicas, sociais e econômicas por meio de conferências, palestras e publicações periódicas, entre outras⁴⁵⁸. Um dos informativos do Clube era a revista Ceres – cujo primeiro número foi publicado em 1939 – que tinha como objetivo intermediar a relação entre a Escola e o fazendeiro, divulgando artigos, resultados e observações de

⁴⁵⁰ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.

⁴⁵¹ Ibid.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴⁵² BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 38.

⁴⁵³ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

⁴⁵⁴ Ibid.

⁴⁵⁵ Ibid.

⁴⁵⁶ Ibid.

⁴⁵⁷ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 55-56.

⁴⁵⁸ Ibid.

pesquisas realizadas pelo pessoal técnico da instituição⁴⁵⁹. Com o mesmo objetivo de divulgação técnico-científica, além de outros informativos foi criada a revista *Seiva*, coordenada pelo Centro de Estudantes da Esav, em agosto de 1940⁴⁶⁰.

É visto, como já anunciado no item anterior, portanto, como as informações que não se encaixaram entre as vivências e tomadas de atitudes de Arthur Bernardes, Peter Rolfs e João Carlos Bello Lisbôa, não são tão frequentes nas memórias oficiais da instituição. Apenas para comparação, os trabalhos acadêmicos informam, por exemplo, sobre pesquisas realizadas nas áreas da fruticultura, fungos e insetos, adubação verde, bovinocultura, suinocultura, avicultura, bacteriologia e parasitologia, legislação e sociologia rural, contabilidade e economia rural, horticultura, arroz, batata-doce, batatinha, café, cana-de-açúcar, fumo, mandioca, soja, trigo, algodão, milho, plantas antileprosas, taxonomia vegetal, anatomia e citologia das plantas e jardinocultura, entre outras.

3.4. A extensão

Antes de iniciar suas atividades na Esav, o livro dos formandos de 1939 afirma que Peter Rolfs já havia iniciado estudos sobre a agricultura mineira e compreendido que a Escola deveria servir à mocidade rural do estado, mas não deveria se restringir a um estabelecimento de instrução. Ela deveria orientar a todos que a procurassem. Como parte da filosofia da instituição, é dito que a extensão sempre foi valorizada e, inicialmente, era exercida por meio de exposições, boletins técnicos, assistências, consultas e cursos direcionados para agricultores⁴⁶¹.

Mas a atividade que ganha destaque nesse meio é a Semana do Fazendeiro. Segundo as publicações, foi o mês de julho de 1929 que marcou o início do evento extensionista tido como o primeiro do tipo realizado no Brasil, idealizado pelo diretor João Carlos Bello Lisbôa e por colaboradores e alunos, a fim de oferecer ensinamentos e cursos para agricultores⁴⁶². Vale destacar que o livro de José Enir Jango Júnior et al.⁴⁶³ afirma que o evento aconteceu

⁴⁵⁹ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 11.

⁴⁶⁰ GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 19.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 11.

⁴⁶¹ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 34.

⁴⁶² ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 33-34, 69.; JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Loc. cit. p. 8.; RIBEIRO, Fernando. p. 19.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. p. 10.

⁴⁶³ JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 8.

“em meados de setembro”. Não são comentados os registros, destacados pelos trabalhos acadêmicos, de que a iniciativa da Esav foi antecedida pela Escola Agrícola de Lavras⁴⁶⁴.

Assim como nos trabalhos acadêmicos, é dito que a inspiração para a realização da Semana do Fazendeiro foi uma visita do clínico e agricultor de Ubá (MG), Jacinto Soares de Souza Lima, à Escola, em 1928. Ele foi acompanhado por um grupo de agricultores e, junto com os alunos da instituição, firmaram o compromisso de realizar uma nova visita com agricultores à Escola no ano seguinte para estágio de alguns dias. Desde então, a Semana do Fazendeiro acontece anualmente de maneira ininterrupta⁴⁶⁵.

Já em 24 de maio de 1939, fala-se da criação do Departamento de Educação Rural, que passou a coordenar as atividades de extensão e a realizar ações relacionadas à saúde, à educação e ao social para os seus operários e familiares⁴⁶⁶.

Por meio do corpo docente e discente e das atividades de extensão, como afirma o livro *Esav 1939*⁴⁶⁷, a Escola atuava na melhora do meio rural “explorado e abandonado”, no melhoramento de sementes e rebanhos, contra a pilhagem da terra e pela “verdadeira independência do Brasil” – o mesmo livro considerava que, economicamente, o país vivia como uma colônia trabalhando para muitas metrópoles.

Ressalta-se, com essas informações, como a extensão é mostrada de maneira sucinta nas publicações referentes às memórias oficiais. Mesmo breves, as informações ainda recebem o tratamento já observado ao longo deste capítulo: elas aparecem em meio às outras atividades da Escola, de maneira generalista, valorizando os dados com um caráter mais técnico e um tratamento positivo em relação à instituição. No primeiro capítulo desta dissertação, ambos os temas são mais trabalhados.

3.5. A disciplina

Foi destacado, no primeiro capítulo, que a Esav mantinha um sistema de controle com todos os seus servidores e alunos. Devido a esse realce, o assunto também será abordado especificamente neste terceiro capítulo, a fim de perceber as nuances dos posicionamentos. Pode-se afirmar, de início, por causa de todas as referências já citadas, que a rigidez não é tão marcante nas publicações referentes às memórias oficiais quanto nos trabalhos acadêmicos.

⁴⁶⁴ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 218.; SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 5.

⁴⁶⁵ RIBEIRO, Fernando. Op. cit. p. 19.; GOMIDE, Tarcísio. Op. cit. p. 18-19.; SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. Op. cit. p. 10.

⁴⁶⁶ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 34.

⁴⁶⁷ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

Assim como nas teses e dissertações, as publicações referentes às memórias oficiais mostram que a rigidez existia e era justificada para que a instituição alcançasse seus objetivos de formar lideranças para a agricultura de Minas Gerais, mas, mais do que isso, as publicações também abordam a rigidez como algo positivo, uma maneira correta de ser, de prevenir e corrigir comportamentos não aceitos na época. E isso não apenas no âmbito da Esav: mesmo ao falar da vida de Arthur Bernardes, por exemplo, é dito que ele teve educação familiar rígida, baseada numa hierarquia de valores em que a honestidade e princípios morais e religiosos firmes solidificaram os alicerces de seus estudos no tradicional Colégio do Caraça e em Ouro Preto (MG). Vê-se pela combinação de palavras – educação rígida, honestidade, princípios morais e religiosos – como o tópico também é trabalhado em favor dos personagens e da instituição⁴⁶⁸.

É importante notar, no entanto, a importância dos livros mais antigos, como *Esav 1939*, serem analisados de maneira diferenciada novamente, já que foram produzidos em épocas em que o Brasil vivia sob sistemas de controle e repressão e, portanto, não podiam divulgar conteúdos senão enquadrados por esses sistemas. Nesse sentido, é possível entender por que a rigidez é apresentada com nuances positivas, justificadas nessas publicações, como a seguir.

No mesmo sentido colocado por Denílson de Azevedo⁴⁶⁹ no capítulo anterior, em que o ensino agrícola era a saída para os problemas da época e, por isso, também incluía uma formação mais integral dos seus alunos, o livro dos diplomandos de 1939 destaca que, além do ensino teórico-prático completo e minuciosos, com o objetivo de preparar homens eficientes, também existia uma rigorosa orientação moral e um “nacionalismo sadio”⁴⁷⁰. O texto destacou na época que: “o esaviano não pode ser apenas um profissional competente. Deve ser, ao mesmo tempo, um homem digno e um cidadão cômico dos seus deveres”⁴⁷¹. Ao tratar da formação integral, por meio da qual a rigidez era justificada, vê-se a ligação do tema com palavras e frases de caráter mais ameno, como homens eficientes, nacionalismo sadio, profissional competente e homem digno.

O livro *Esav 1939* também mostra, por meio de um texto de Antônio Secundino de São José, que o sistema de internato, que era novidade no país e não havia obtido êxito em outras instituições, alcançou bons resultados na Esav devido ao fato de a administração da

⁴⁶⁸ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 49-50.

⁴⁶⁹ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 43.

⁴⁷⁰ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

⁴⁷¹ Ibid.

instituição tê-lo baseado no princípio da responsabilidade pessoal: “(...) era necessário que a disciplina fosse rígida, observada de perto. E era-o, sem a menor sombra de dúvida”⁴⁷². Novamente, vê-se a rigidez sendo justificada: era necessário.

No mesmo texto, Antônio Secundino de São José diz que a entrada nos dormitórios aos sábados era “depois do cinema”⁴⁷³ e que essa informação era interpretada da maneira mais conveniente aos interesses dos alunos, que entravam uma, duas ou três horas da madrugada⁴⁷⁴. Como disse Antônio Secundino de São José, “tudo era simples questão de camaradagem com o ronda, nosso fornecedor assíduo de ovos frescos”⁴⁷⁵. Ainda no mesmo trecho tem-se que “(...) as estatísticas mostraram tão elevado número de transgressões, que a lei foi modificada para menos drástica”⁴⁷⁶. Ou seja, a rigidez, na publicação mais antiga entre as analisadas, muitas vezes é acompanhada de palavras e frases de caráter ameno.

Entretanto, o entendimento de que os livros mais antigos representavam os sistemas de controle e repressão e, portanto, não podiam divulgar conteúdos senão enquadrados pelos mesmos não corresponde às publicações mais recentes. Mesmo assim, a rigidez é abordada como algo positivo.

José Enir Jango Júnior et al.⁴⁷⁷ expõem, por exemplo, que, no dormitório, havia inspeção disciplinar, realizada por um Conselho de Disciplina, formado por chefes de seções eleitos e por um professor, chefe do Conselho, nomeado pelo diretor da Escola. Assim, o chefe permitia ou não as saídas para a cidade nos dias não regulamentados – exceto domingos, sábados, feriados e vésperas de feriados. E junto com essa informação, encontra-se outra de caráter mais ameno: “(...) tal regalia só é autorizada quando acontece passarem, na cidade, um filme muito bom que a maioria não quer perder, ou quando outro qualquer acontecimento relevante justifica essa medida”⁴⁷⁸.

No capítulo dedicado ao aluno Paulo Penna de Salvo, no livro *A Universidade Federal de Viçosa no século XX*, é dito que “a disciplina na Esav era rígida, de maneira geral. Os horários das refeições e de recolhimento tinham de ser cumpridos à risca. A frequência dos alunos às aulas era rigorosamente verificada”⁴⁷⁹. Ao mesmo tempo, e mais uma vez, observa-se informações mais amenas logo a seguir. Paulo de Salvo contrapõe a rigidez com as boas relações entre alunos, professores e demais funcionários:

⁴⁷² Ibid.

⁴⁷³ Ibid.

⁴⁷⁴ Ibid.

⁴⁷⁵ Ibid.

⁴⁷⁶ Ibid.

⁴⁷⁷ JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 15-16.

⁴⁷⁸ Ibid.

⁴⁷⁹ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 78.

O sistema de ensino adotado possibilitava grande aproximação entre a Junta Administrativa e os alunos e o entrosamento entre estes. O regime de internato e o contato permanente entre os rapazes provavelmente foram fator preponderante para que houvesse grande coleguismo entre eles, fazendo com que as turmas fossem unidíssimas⁴⁸⁰.

Nesse contexto, é destacado que os alunos participavam diariamente de reuniões gerais, com lições de moral, civismo e cultura, que, mais tarde, passaram a ser realizadas duas vezes por semana e, depois, uma vez. Segundo as publicações referentes às memórias oficiais, essas reuniões aconteciam no Salão Nobre do prédio principal e deixaram de existir quando o número de alunos ultrapassou a lotação do local⁴⁸¹. José Enir Jango Júnior et al.⁴⁸² citam, de uma maneira geral, que era ministrada instrução moral, cívica e higiênica aos alunos, o que leva a entender que a prática correspondia a essa rotina de reuniões gerais. Os mesmos autores dizem que “estas práticas demonstram a extrapolação dos limites técnicos-científicos da atuação dos professores e o **importante trabalho de conscientização** que era desenvolvido junto aos alunos” (grifo nosso)⁴⁸³.

É certo que existiam exceções nesse sistema de controle da Esav, assim como boas relações entre professores e alunos. Porém, é claro que a rigidez, nas publicações, ganha uma aparência positiva. As informações referentes a esse sistema de controle, além de não serem discutidas como nos trabalhos acadêmicos, na maioria das vezes em que são expostas, são seguidas e vinculadas a outras informações de caráter mais agradável, o que pode ser entendido como uma tentativa de dar uma feição positiva ao tema.

A rigidez é destacada em meio aos alunos, mas percebe-se que ela também chegava aos trabalhadores. É dito que os servidores chamados de encarregados de serviços ou encarregados de departamentos, que dirigiam os trabalhos dos diaristas sob a orientação dos professores catedráticos e professores chefes de seções, também participavam de reuniões semanais com a diretoria da Escola. Essas reuniões tinham finalidades educativas; o diretor passava informações sobre a administração geral da instituição e sobre campanhas que deveriam ser realizadas frequentemente com o objetivo de melhorar as condições e hábitos de vida dos servidores mais humildes. Por meio da instrução e da educação, a Escola pretendia

⁴⁸⁰ Ibid.

⁴⁸¹ Ibid. p. 26.

⁴⁸² JANGO JÚNIOR, José Enir et al. Op. cit. p. 24.

⁴⁸³ Ibid.

tornar seus operários mais felizes – mais uma vez, nota-se a mesma dinâmica de casar as passagens relacionadas à rigidez com palavras e frases de caráter mais ameno⁴⁸⁴.

Vale notar que são poucas as referências aos operários da Esav nas memórias oficiais da instituição e, na maioria das vezes, estas são vinculadas ao tema da rigidez, da disciplina. Os operários foram responsáveis por erguer a Esav e possivelmente estiveram por trás de todas as atividades desenvolvidas nela, preparando e mantendo os espaços propícios para isso. Porém, de uma maneira geral, como visto, as construções dos prédios são elogiadas porque João Bello Lisboa contribuiu para a alfabetização e melhora da saúde desses trabalhadores e reverteu a falta de materiais de construção na região criando carpintaria, fábrica de telhas de cimento, ferraria, marcenaria, olarias, pedreira, serraria, etc. Com certeza o então engenheiro-chefe, na função de confiança e responsabilidade que ocupava, teve os discernimentos e as atitudes certas, que impulsionaram a construção da Esav. Mas sem operários que correspondessem às orientações e às demandas da época, pouco teria sido realizado. Portanto, é importante notar que pouco é creditado a esses funcionários. Eles ficam em um segundo plano nas memórias oficiais da instituição; na maioria das vezes, apenas como receptores das mensagens enviadas pelos professores e pela administração da Escola, dentro de sistemas de disciplina que os fizeram bons trabalhadores.

Também vale lembrar que os operários não são destacados pelos trabalhos acadêmicos e que isso foi observado por France Maria Coelho⁴⁸⁵, que ressaltou a importância de dar atenção para as ações anônimas dos mesmos. Portanto, nas memórias oficiais sobre a Esav, assim como nos trabalhos acadêmicos, é notável a ausência de informações sobre os trabalhadores.

Não é possível saber por meio dos materiais analisados, no entanto, se esses silêncios são resultados da falta de informações a respeito. Ou, como outra hipótese, resultados da ausência de funcionários nas autorias das memórias oficiais. Em outras palavras, seria possível pensar que, ao serem escritas por professores e alunos, mesmo aposentados e graduados, respectivamente, essas memórias estariam privilegiando tais categorias. Porém, a aparição do economista Gustavo Sabioni como idealizador ou colaborador das memórias oficiais da instituição por seis vezes se opõe a isso: apesar de ser ex-aluno da UFV, ele também atuou como servidor na instituição. Sabendo que os materiais sobre as memórias oficiais mais antigos servem como matrizes para os mais recentes, ainda é possível pensar que, mesmo que alguns idealizadores e colaboradores das publicações não se enquadrem

⁴⁸⁴ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. (2004). Op. cit. p. 72.

⁴⁸⁵ COELHO, France Maria Gontijo. Op. cit. p. 63.

totalmente no grupo de professores e alunos, eles reforçam as narrativas onde os protagonismos são de tais professores e alunos. Portanto, uma última hipótese seria a de que as memórias oficiais da instituição, quando não são reescritas por professores e alunos, são reescritas para os mesmos, ou seja, de maneira que esse grupo dominante nas publicações conte a sua gênese.

O que se pode afirmar, de qualquer maneira, é a importância de lembrar dessas pessoas, do papel que tiveram na história da instituição e, no caso da primeira suspeita ser verdadeira – o que depende de um estudo mais específico e aprofundado –, da falta de informações a respeito.

Assim, como visto, nas publicações analisadas, a rigidez ganha aspectos mais agradáveis, de cuidado da Escola com seus servidores e alunos. A impressão é a de que a rigidez existia para o bem de todos. Sabe-se, como visto no capítulo anterior, que, de fato, ela era divulgada dessa maneira, mas, diferentemente das publicações referentes às memórias oficiais, os trabalhos acadêmicos esclarecem que essas condutas resultavam dos desejos das elites agrárias da época, que atribuíam aspectos de saúde, moral e trabalho à questão educacional, a fim de moldar a mão de obra necessária para o progresso do país.

3.6. O poder militar

Essa amenização da rigidez também pode ser vista quando se fala da relação do poder militar com a Esav. Enquanto nos trabalhos acadêmicos é exposto que, em 1928, a Congregação da Escola passou a contar com a participação de um integrante designado pelo exército para ministrar a instrução militar aos alunos maiores de 16 anos; que, em 1935, a instituição quase foi fechada e transformada em um quartel militar; e que, em 1936, sua Junta Administrativa passou a ser composta também por quatro militares com patente de coronel, o poder militar aparece nas publicações de maneira muito sucinta e em meio a diversos assuntos. Mesmo não sendo explicitado, é possível perceber sua presença pelas palavras e até pelos postos militares conferidos a alguns personagens.

O primeiro contraste entre as teses e as dissertações analisadas e as memórias oficiais é que, nestas últimas, é encontrada apenas uma referência aos militares na rotina da Esav, principalmente administrativa. Após 15 de dezembro de 1931, quando aconteceu a publicação do Decreto Estadual que deu autonomia didática e administrativa e novos regulamento e organização à Escola, foi criada a Junta Administrativa, que passou a funcionar como um conselho superior da administração da instituição. Sua primeira reunião foi realizada no dia 1º

de fevereiro de 1932, presidida por Norberto Custódio Ferreira e secretariada pelo Major Antônio Salvo⁴⁸⁶.

Como dito no primeiro capítulo, as pesquisas acadêmicas informam que os militares também estiveram vinculados às atividades de ensino, como, por exemplo, para ministrar instrução militar aos alunos maiores de 16 anos. Também se sabe que em 1930, a instituição colocou alunos e professores à disposição do governo, que também vivenciou diversos momentos protagonizados pelos militares.

É no esporte que a relação fica mais clara. E muito é falado sobre o esporte na instituição. Ele era levado a sério, não apenas como um passatempo. Os alunos, inclusive, participavam de atividades de educação física obrigatórias⁴⁸⁷.

A primeira iniciativa esportiva da Esav citada é a criação de um time de futebol de operários – cuja data não é especificada. Mesmo assim, é considerado que o esporte foi iniciado na instituição em 1928, tendo como primeiro técnico de esportes e instrutor militar o Sargento P. Pereira Paiva. É o primeiro registro encontrado de militar a se envolver com a área. Em 1930, é dito que a Esav já vivia um período áureo no futebol, disputando partidas com times de Viçosa e da região⁴⁸⁸.

Em 1931, é informado sobre o envolvimento de um segundo militar: o Primeiro-Sargento Raul Waldemar Kümmler – cujo nome também aparece como Waldemar Raul Kümmler –, que foi nomeado como chefe do Departamento de Educação Física e Esportes. Conta-se que o Primeiro-Sargento organizou o Departamento, que, no mesmo ano, 1931, passou a oferecer o curso de Educação Física – vale destacar que existem referências ao início e ao fim da organização do Departamento no ano de 1932. Também é contado que foi o Primeiro-Sargento que construiu, junto com os alunos, o primeiro estádio da Escola. Na época, o livro dos diplomandos de 1939 afirma que também começaram a ser praticados o basquete, tênis e voleibol, sendo acrescentado, ainda, o atletismo, entre outros menos praticados. A mesma publicação diz que as disputas também se intensificaram com times de cidades mais distantes e maiores⁴⁸⁹.

De acordo com as publicações referentes às memórias oficiais, os atletas da Escola chegaram a competir em vários campeonatos brasileiros, vencendo e obtendo bons resultados.

⁴⁸⁶ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 35.

⁴⁸⁷ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

⁴⁸⁸ Ibid.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 28, 30.

⁴⁸⁹ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

Muitos nomes são citados, como o de José Cândido de Mello Carvalho, que, em 1937, no Sul-Americano de Atletismo, obteve o terceiro lugar no decatlo. No mesmo ano, o mesmo atleta chegou a participar dos VII Jogos Universitários Internacionais, em Paris, conquistando a quinta colocação para o Brasil em pentatlo⁴⁹⁰. Segundo *Esav 1939*⁴⁹¹, José Cândido Carvalho foi considerado “o maior atleta da Esav – apontado como exemplo de fibra e de perseverança esportivas, senhor absoluto de quasi (sic) todas as provas atléticas”.

Em 1933, um tenente, Roberto Soares, assumiu a chefia do Departamento. Em 1934, a função foi de Raymundo Lopes de Faria e, em 1935, voltou a ser do Primeiro-Sargento Raul Waldemar Kummel até 1938, quando o livro dos diplomandos de 1939 conta que as modalidades esportivas foram distribuídas para técnicos especializados, entre professores e alunos. A publicação também relata que, em 1939, o esporte passou por um momento de menor entusiasmo por falta de técnicos para a maioria das modalidades esportivas, tendo alguns professores assumido a função nas horas de descanso. Também se fala da saída de diversos jogadores que terminaram seus cursos nessa época⁴⁹².

Por meio do esporte, portanto, fica evidente a participação do poder militar na Esav e, considerando todas as referências já destacadas, é entendido o porquê. O esporte, de uma maneira geral, é considerado uma prática saudável, prazerosa. Então, permitir que fique evidente o envolvimento com o poder militar pode não levantar questionamentos e ter uma receptividade mais positiva do que se essa evidência fosse no ensino, por exemplo.

3.7. Palavras de ordem

As palavras de ordem da época da Esav também ganham destaque nas publicações referentes às memórias oficiais. São palavras – algumas criadas – que, segundo essas narrativas, ganharam significados específicos e expressivos para a vida daqueles que viveram na Escola. É perceptível que essas palavras já serviam, na época, para proporcionar coesão social e defender as fronteiras, os interesses da instituição. Então, tem-se, aqui, traços da memória oficial da Esav que vêm sendo transmitidos com o tempo, até hoje. É claro que, na atualidade, eles não servem aos mesmos propósitos, mas ainda são conhecidas, caracterizam, diferenciam e unem por meio da história aqueles que tiveram e têm vínculos com a instituição.

⁴⁹⁰ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁴⁹¹ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

⁴⁹² Ibid.

Um exemplo é o chamado *espírito esaviano* citado pelos trabalhos acadêmicos, criado para difundir o projeto político em questão e abrir espaços para o modelo de ensino utilizado na América do Norte. Mas, desta vez, é nos trabalhos acadêmicos que essas palavras de ordem apareceram de maneira mais discreta, entre os acontecimentos narrados. Nas publicações referentes às memórias oficiais, elas são explicitadas.

Sobre o *espírito esaviano*, Antônio Luiz Lima et al.⁴⁹³, com suas críticas no estilo dos trabalhos acadêmicos, explicam que é resultado da época romântica, em que era exaltado tudo o que fosse benéfico à imagem do país. “E a própria pátria tinha um pai, quer dizer, um responsável por tal clima nacionalista: Getúlio Vargas”⁴⁹⁴, os autores expõem, identificando o então presidente, no poder desde 1930, que “condenava a nação a exorcizar as ameaças ao desenvolvimento do Brasil”⁴⁹⁵. De acordo com a mesma publicação, o nacionalismo vivido até o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1945, durou mais algum tempo entre os brasileiros, assim como o *espírito esaviano* entre os alunos da Escola.

De acordo com Antônio Luiz Lima et al.⁴⁹⁶, o espírito esaviano se referia à inculcação de disciplina nos alunos. Os autores até mesmo questionam: “como é que um instrumento de controle e disciplinização (sic) tão bem sucedido (sic) que fazia com que os próprios alunos interiorizassem os valores da Instituição não conseguiu sobreviver (...)?”⁴⁹⁷. Segundo os autores, as palavras de ordem englobavam instrumentos utilizados para manter a disciplina física e ideológica na Esav. São citados como exemplos desses instrumentos competições, congressos, cerimônias comemorativas do Dia da Árvore, Dia da Juventude e Dia da Pátria, além de atividades culturais vinculadas ao Centro dos Estudantes, entre outros meios de divulgação da ideologia e de engajamento de tal espírito⁴⁹⁸.

Outras palavras destacadas são as pensadas pelo professor João Moogen de Oliveira a partir da sigla Esav: “Estudar, Saber, Agir e Vencer”⁴⁹⁹; que, mais tarde, foram modificadas para “Ensinar, Saber, Agir e Vencer”⁵⁰⁰. O dizer, que representa qualidades entendidas e difundidas pela instituição, foi traduzido para o latim “*Ediscere, Schire, Agere, Vincere*”⁵⁰¹ e gravado no brasão e nas quatro pilastras da entrada da Universidade⁵⁰². Ainda hoje, as

⁴⁹³ LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 48.

⁴⁹⁴ Ibid.

⁴⁹⁵ Ibid.

⁴⁹⁶ Ibid. p. 49.

⁴⁹⁷ Ibid.

⁴⁹⁸ Ibid.

⁴⁹⁹ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 26, 8.; LIMA, Antônio Luiz et al. Op. cit. p. 51.

⁵⁰⁰ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁵⁰¹ Ibid.

⁵⁰² Ibid.

pilastras e as palavras são vistas e conhecidas por aqueles que entram no campus universitário. Como dito, essas palavras não servem exatamente aos mesmos propósitos da época da Esav, mas, estampadas na entrada da instituição, ainda caracterizam, diferenciam e unem a comunidade universitária de alguma maneira.

Outro dizer, trazido da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, e utilizado por Peter Rolfs para divulgar os objetivos da Escola, foi “aprender fazendo”⁵⁰³, cuja ideia aliava teoria e prática e se diferenciava da tradição brasileira livresca da época⁵⁰⁴. “Espírito Esaviano”⁵⁰⁵, criado pelo professor Nello de Moura Rangel, também foi utilizado para caracterizar aqueles que faziam parte da comunidade acadêmica da época, no sentido já explicado no capítulo anterior e retomado neste item⁵⁰⁶. Apesar de nem representar mais o nome da instituição, as palavras ainda são conhecidas.

É possível perceber que todos eles possuíam e ainda possuem significados sempre positivos e estimulantes. Na publicação de 1939, por exemplo, John Benjamin Griffing afirma que “pelo trabalho incansável, construtivo, impregnado do ideal Esaviano, todos os filhos desta grande Escola, em todos os ramos de sua atividade, serão sempre os propulsores do progresso e bem-estar da grande classe rural”⁵⁰⁷. O significado do dizer espírito esaviano, no caso, aparece como ideal esaviano.

Finalizando este terceiro capítulo, então, vê-se que a Universidade Federal de Viçosa trabalha a memória coletiva sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária estabelecendo um quadro de referências comuns, que é transmitido e repetido ao longo dos anos de maneira a proporcionar coesão e forjar uma determinada identidade à instituição, como indicam Michael Pollak⁵⁰⁸, Dan Sperber⁵⁰⁹ e Joël Candau⁵¹⁰.

Ainda de acordo com Michael Pollak⁵¹¹, pôde-se entender que, a partir da comparação dos conteúdos das publicações que divulgam as memórias oficiais sobre a Esav com a história da instituição, seria possível encontrar pontos convergentes e divergentes, construtivos e destrutivos que pudessem servir para identificar e entender as intenções e estratégias dos usos das narrativas de caráter oficial, ou seja, que pudessem delinear esse quadro de referências. E a isso foram dedicados o segundo e o terceiro capítulos: delinear o quadro de referências das

⁵⁰³ BORGES, José Marcondes. Loc. cit.; BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 28.

⁵⁰⁴ Ibid.

⁵⁰⁵ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Loc. cit.

⁵⁰⁶ Ibid.

⁵⁰⁷ ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. Loc. cit.

⁵⁰⁸ POLLAK, Michael. Loc. cit.

⁵⁰⁹ SPERBER, Dan. Loc. cit.

⁵¹⁰ CANDAU, Joël. Loc. cit.

⁵¹¹ POLLAK, Michael. Loc. cit.

memórias oficiais da Esav e a analisá-lo de acordo com as comparações possível com os conteúdos da história da instituição determinados no capítulo anterior.

Assim, encontrou-se dez referências principais, condizentes com a maioria das publicações pesquisadas. São elas: (1) a maioria das publicações foi produzida em datas comemorativas da instituição e, portanto, pode-se dizer que carrega uma pretensão de caráter celebrativo à mesma e às suas efemérides, sendo, assim, trabalhada em uma perspectiva de valorizar a Esav e sua história; (2) utiliza estilos de escrita rebuscados para tornar os textos mais expressivos, portadores de uma estética também celebrativa e afeita à tradição; (3) considera a Esav, seus integrantes e atividades como modernos, atuantes de acordo com os progressos recentes e, ao mesmo tempo, vinculados ao passado, onde estão seus antecessores, seus valores, etc.; (4) de uma maneira geral, não expõe as metodologias utilizadas nas construções das narrativas e as referências às fontes, deixando indefinidas quais informações são oriundas de outras e quais correspondem a interpretações particulares, levando a entender que os livros e a revista pesquisados são originais, legítimos e incontestáveis, no sentido de não serem provenientes de outros materiais; (5) caracteriza-se como voz autorizada, correspondente à verdade e confiável, o que, somado à não exposição de metodologias e de referências, reforça a ideia de originalidade; (6) apresenta algumas informações que parecem concorrer; (7) geralmente apresenta os contextos vinculados aos personagens e por meio de frases com caráter mais generalista, acompanhadas de opiniões, mostrando que não é apenas com destaques de informações que se constrói as memórias oficiais, mas com supressão também; (8) apresenta os contextos por meio de aparências a favor e elogiosas aos personagens e à instituição; (9) também apresentar os contextos valorizando datas e outras informações de caráter mais técnico.

A décima e última referência principal encontrada é que (10) as publicações pesquisadas identificam um grande possível grupo de pessoas autorizadas pela instituição a produzir os conteúdos das suas memórias oficiais, que fazem parte e permanecem em contato dentro do grupo social comum à instituição, concordando nos conteúdos que compartilham. Entre esses integrantes, nota-se alguns mais atuantes, como José Marcondes Borges, Gustavo Soares Sabioni e Edson Potsch Magalhães, que colaboram de alguma maneira com a maioria das publicações. No geral, esse grupo também inclui uma grande quantidade de pessoas que participou ou participa da administração da instituição e se familiarizava ou familiariza com os personagens mais divulgados da sua história. Se encaixam nesses casos o ex-reitor, os atuais reitora e vice-reitor e a ex-chefe do Departamento de Zootecnia, que contribuíram em prefácios e textos de apresentação das obras, por exemplo, além de Gilson Faria Potsch

Magalhães, ex-presidente da Associação dos Ex-Alunos da UFV e filho de Edson Potsch Magalhães e José Maria Bello Lisbôa, filho de João Carlos Bello Lisbôa, como mencionado.

Portanto, após conhecer os conteúdos das memórias oficiais sobre a Escola e analisar como eles são manifestados e se relacionam entre si e com a história da UFV, é possível perceber que existe uma intenção de valorizar, de denotar excelência quando se fala sobre a Esav e que essa e as outras referências encontradas são mantidas ao longo do tempo, já que, como mostrado, os materiais mais antigos servem como matrizes para os mais recentes, formando, de fato, um quadro de referências comuns. Pode-se dizer ainda que esse quadro de referência se revela nas próprias intenções e estratégias dos usos das narrativas oficiais, que serão melhor explanadas nas considerações finais desta pesquisa.

Considerações finais

A relação do ser humano com o passado permeou toda esta dissertação, orientando desde o estudo mais abrangente sobre memória, até a pesquisa mais específica sobre as memórias oficiais referentes à Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Foi possível entender que a memória é construída e reconstruída constantemente, tanto por lembranças quanto por esquecimentos, e que também sofre transformações por meio de outros processos, como o da narração. A partir disso, também foi possível entender como a memória pode pressupor intencionalidade e como a análise das suas autorias e dos seus usos guiaram o entendimento de que a instituição – hoje, Universidade Federal de Viçosa – estabelece um quadro de referências comuns por meio das suas memórias oficiais, que é transmitido e repetido ao longo dos anos de maneira a proporcionar coesão e defender suas fronteiras – em um sentido amplo.

A partir das publicações sobre as memórias oficiais da Esav pesquisadas, percebeu-se que, apesar de divergirem em alguns aspectos, tais materiais concordam no essencial e revelam um conjunto de lembranças comum. Ou seja, revelam representações do passado comuns, delineando um quadro de referências das memórias oficiais da instituição. Ao relacionar esse quadro com uma versão histórica sobre a Escola, produzida a partir de trabalhos acadêmicos e livros sobre a história geral, também foi possível analisar como os conteúdos dessas memórias oficiais são manifestados e utilizados.

Portanto, como visto, as fronteiras defendidas pelas memórias oficiais da Esav, ou seja, as intenções dessas memórias oficiais referem-se a qualificações e valorizações positivas da instituição, dos seus servidores, alunos e atividades; como espaço com um passado de excelência, que contribuiu para a construção de um presente igualmente de excelência; como um espaço para se ter orgulho e ser mantido, para aqueles que fazem parte dele, e para ser admirado pelos outros. As estratégias utilizadas para isso vão desde divulgações em datas comemorativas e reverenciadoras à instituição, passando pelos estilos de escrita rebuscados e as indefinições de metodologias e fontes utilizadas nas construções das narrativas, até a afirmação dessas memórias oficiais como verdadeiras e confiáveis e o tratamento elogioso dos personagens e da própria Escola.

Ainda é destacado, dentro desse quadro de referências, que a intencionalidade também é praticada por meio dos idealizadores e colaboradores das publicações pesquisadas, que se revezam e se repetem, configurando um grupo de pessoas selecionadas e coesas autorizadas a escrever sobre as memórias oficiais da instituição.

Como dito, acredita-se que esse grupo não represente um conjunto estritamente formado para servir; ou, em outras palavras, formado de maneira intencional ou manipulada pela Esav, Uremg e UFV. Supõe-se que essas pessoas tenham se destacado e se tornado integrantes desse grupo ao longo dos anos, principalmente pela afinidade e dedicação demonstradas às iniciativas e questões memorialísticas dentro da instituição. Como foi dito, baseado nos suportes teóricos, eles foram se identificando, fazendo parte e permanecendo em contato dentro do grupo, concordando no conteúdo das memórias compartilhadas. É claro que, concomitante à afinidade e dedicação demonstradas às iniciativas e questões memorialísticas, esse possível grupo também concordou com aqueles que estiveram nas diferentes esferas do poder nesses anos, ou seja, as administrações da Esav, da Uremg e da UFV, assim como as administrações estaduais e federais, que também respondiam a outras influências, até mesmo internacionais. De outra maneira, é muito pouco provável que pessoas que não tenham concordado com aqueles que estiveram no poder tivessem tido sucesso ao divulgar, com o apoio da instituição, tantas informações.

Ao notar a transmissão e repetição das referências nas publicações referentes às memórias oficiais, nota-se, também, a transmissão e a repetição de um caráter descontextualizado das memórias oficiais da Esav ao longo do tempo. Como visto no primeiro capítulo, as mudanças na sociedade brasileira e nas suas relações, no final do século XIX e início do século XX, influenciaram o surgimento e o desenvolvimento do tipo do ensino agrícola que viria a ser realizado, a partir da década de 1920, na Esav. Porém, isso não é claro entre as publicações referentes às memórias oficiais, que também deixam escapar outros acontecimentos que se sucederam, como a saída vitoriosa dos Estados Unidos da Primeira Guerra Mundial e suas investidas expansionistas na disputa da hegemonia econômica e política mundial; os desejos pela diferenciação e pelo aumento da produção agrícola do Brasil; a disputa política e econômica, principalmente entre Minas Gerais e São Paulo; a crise da economia mundial; o aumento da expressão política pelos segmentos urbano-industriais no país, a Revolução de 1930, etc.

É possível perceber que as intenções e estratégias utilizadas continuam quase as mesmas, sendo ressaltadas de maneira automática. Elas parecem repetir um padrão desde a criação da Esav, época em que existia controle de informações, censura e outros instrumentos de controle social. Nesse sentido, nota-se que as publicações mais antigas pesquisadas servem como matrizes para as mais recentes. Portanto, os destaques, assim como as ausências e as contenções das memórias oficiais, podem ser entendidos, de maneira geral, como heranças do

passado. Pode-se dizer que o trabalho com as memórias oficiais da Esav acaba se revelando como algo não planejado.

Mas por que não planejado? Mesmo que esta pesquisa e, portanto, esta dissertação possua uma natureza parcial e provisória, como tudo o que se refere à história e à memória, como já foi destacado, ela é capaz de mostrar como a história da Esav vai além daquilo que as memórias oficiais da instituição divulgam. Ela é capaz de mostrar que a história da Esav é ampla e significativa e que suas informações, se contextualizadas, poderiam contribuir ainda mais para a boa reputação da Universidade.

É possível questionar, por exemplo, por que a instituição, por meio das suas memórias oficiais, não realiza uma leitura exemplar da sua história, como discute Tzvetan Todorov⁵¹²? Vê-se que as informações consideradas incongruentes do passado, como o fato de a Escola também ter sido fruto de relações políticas que envolveram Arthur Bernardes, além dos seus regimes de rigidez, que eram experimentadas pelo próprio país, que vivia momentos de diferenças e disputas políticas, se trazidas do nível inconsciente para o consciente, como destaca o autor, poderiam salientar ainda mais o fato de a instituição ter conseguido passar por momentos difíceis, mantendo suas atividades, se desenvolvendo e crescendo até se tornar o que é hoje.

As lembranças, nesse caso, como discute o mesmo autor, não dariam continuidade às causas e consequências do passado. Dentro de um cenário amplo, contextualizados, elas permitiriam analogias e entendimentos com resultados positivos para a instituição. Seria o que Tzvetan Todorov⁵¹³ considera como converter o passado em princípio de ação para o presente.

Como visto por meia desta dissertação, é preciso perceber os aspectos positivos dos processos de constituição, aceitação e duração das memórias oficiais, que estão desde as intenções elogiáveis das publicações referentes às memórias oficiais e dos seus organizadores, que garantiram e garantem a transmissão e o conhecimento das informações ao longo do tempo, até a defesa e manutenção da imagem positiva da instituição como um espaço e uma comunidade de servidores e estudantes de excelência. Mas também é preciso perceber as dimensões opressoras e destruidoras que essa memória pode ter, como as que foram discutidas nos últimos parágrafos.

Portanto, é possível entender, até o momento, que os processos de constituição das memórias oficiais da instituição se desdobram sobre as percepções atuais da história da

⁵¹² TODOROV, Tzvetan. Op. cit. p. 1-26.

⁵¹³ Ibid. p. 11.

mesma. E é preciso questionar se isso, em um período de tempo maior, ou seja, no futuro, resultará no desconhecimento do cenário mais amplo e tão significativo quanto o que já é repetido e transmitido.

Nesse sentido, também é possível perceber que o conjunto das publicações que divulgam tais memórias oficiais é pequeno, considerando os quase 100 anos de existência da instituição. É claro que existem outros materiais, outras fontes de informações. Mas uma busca na Biblioteca Central da própria Universidade não revela uma coleção robusta. Onde estão outras memórias, outros pontos de vista sobre essa história? Por que eles não estão sendo registrados de alguma maneira?

Quando uma retórica que considera uma compreensão integral dos fatos, e não das suas partes isoladas, como discute Joël Candau⁵¹⁴, se refere a representações reais compartilhadas por um grupo, é possível que seu grau de pertinência seja grande. Ao contrário, quando essa retórica se refere a representações semânticas, é possível que seu grau de pertinência seja menor e até nulo. Assim, Joël Candau⁵¹⁵ lança uma distinção entre conhecer um fato constatado pessoalmente, com grau de pertinência maior, e conhecer um fato por meio de um discurso sobre supostas constatações, com grau de pertinência menor. Nesse último caso, de acordo com ele, o entendimento depende dos significados acordados para as palavras usadas, que, por sua vez, dependem dos valores e crenças dos indivíduos que as usam.

Assim, além de reforçar os desdobramentos dessas representações semânticas das memórias oficiais da instituição sobre as percepções atuais da história da mesma, o autor permite pensar o quanto é importante que outras memórias, outros pontos de vista, outras representações reais sobre essa história sejam reveladas e registradas, agregando relevância às narrativas e sempre reavivando e dando novo fôlego para os conteúdos que dizem respeito à história da instituição. Nesse sentido é que será proposto o projeto de expansão para o programa de vídeos *Memória Viva*, na segunda parte desta dissertação.

Assim, esta pesquisa contribui com mais uma perspectiva histórica sobre a Esav, salientando a pluralidade das narrativas associadas a ela e o papel social das mesmas. Isso, claro, sem deixar de ressaltar a importância de todas essas narrativas existentes e dos seus idealizadores ou colaboradores.

⁵¹⁴ CANDAU, Joël. Op. cit. p. 30-50.

⁵¹⁵ Ibid. p. 40-41.

PARTE II

Capítulo 4. Projeto de expansão para programa *Memória Viva*

Sabendo da exigência dos programas de mestrado profissional, por meio da qual o mestrando pratica a temática estudada a fim de atender a alguma demanda do seu mercado profissional e, conseqüentemente, da sociedade⁵¹⁶, a dissertação *Continuidades e descontinuidades da memória: um estudo sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (MG) por meio de publicações de 1939 a 2016* inclui a proposta de produção de um projeto de expansão para o programa de vídeos *Memória Viva*, da Universidade Federal de Viçosa. Por meio da execução deste projeto, será possível desenvolver, na instituição, uma abordagem das suas memórias de maneira mais proveitosa, tanto no que toca aos conteúdos quanto aos suportes materiais e simbólicos das mesmas. Em outras palavras, será possível proporcionar aos servidores técnico-administrativos e colaboradores da Diretoria de Comunicação Institucional da Universidade – que são responsáveis pelo programa e entre os quais a mestranda atua profissionalmente como jornalista – um instrumental para compreender as narrativas sobre a instituição de maneira mais crítica e abrangente em termos de possibilidades e elementos envolvidos com essas memórias, contribuindo para o levantamento, o registro e a organização das mesmas, disponibilizando ainda mais conteúdos de qualidade para a sociedade.

É importante destacar que o programa *Memória Viva* constitui um objeto de estudo interessante e poderia ser minuciosamente examinado. Dessa maneira, esse projeto poderia concentrar muitos outros conhecimentos e propostas. Porém, isso não faz parte dos objetivos desta dissertação. A pretensão, aqui, é permitir que novos estudos e outras ações relacionados às memórias sobre a instituição sejam desenvolvidos e que a própria Universidade sempre renove seus esforços reflexivos sobre esse tipo de informação.

Também é importante esclarecer que as propostas apresentadas a seguir tem como ponto de partida o documento de planejamento original do programa⁵¹⁷ e, por isso, serão feitas referências ao mesmo. Esse documento foi elaborado em junho de 2016, quando a DCI ainda respondia pelo nome de Coordenadoria de Comunicação Social e mantinha vínculos profissionais e estruturais com a emissora de televisão TV Viçosa – cuja concessão é da

⁵¹⁶ COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Mestrado Profissional: o que é?**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

⁵¹⁷ A transcrição do documento de planejamento original do programa está disponível no Anexo 1

Fundação de Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa, uma personalidade jurídica de direito privado e sem fins lucrativos que tem o objetivo de produzir e veicular programas de rádio e televisão que contribuam para a melhoria da educação e da cultura regional⁵¹⁸. Além do documento de planejamento original, o projeto também parte de uma análise dos vídeos do programa divulgados até o momento de elaboração desta pesquisa e, portanto, desta dissertação, uma vez que é com base nesse exame que foram pensadas as possibilidades, limites e exigências das propostas apresentadas.

4.1. Apresentação do programa

A Diretoria de Comunicação Institucional é a proponente e produtora do programa *Memória Viva*, que tem o objetivo de realizar entrevistas com pessoas que se destacaram no ensino, na pesquisa e na extensão da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e da Universidade Federal de Viçosa, a fim de registrar e recuperar suas memórias sobre as três fases da instituição. Esse objetivo, além de estar no documento de planejamento original do programa⁵¹⁹, é destacado pelo jornalista da DCI Marcel Ângelo durante a abertura do primeiro vídeo do *Memória Viva* divulgado:

Uma instituição que chega a 90 anos de existência tem muita história para contar. Nessas nove décadas, a Universidade Federal de Viçosa transformou a vida de milhões de pessoas, direta ou indiretamente. Mas também foi transformada por muita gente, que contribuiu para criar uma marca de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão. No programa *Memória Viva*, nós temos a oportunidade de conhecer essa trajetória, contada por quem ajudou a percorrê-la, superando obstáculos e desafios⁵²⁰.

Esse primeiro vídeo foi divulgado no dia 24 de agosto de 2016. No total, desde esse início do programa, até o momento de elaboração desta dissertação, foram divulgados seis vídeos, com os entrevistados, durações, datas e lugares mostrados na tabela seguinte:

⁵¹⁸ FUNDAÇÃO DE RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA E CULTURAL DE VIÇOSA. **Sobre**. Disponível em: <<http://fratevi.org.br/pagina-sobre>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

⁵¹⁹ A transcrição do documento de planejamento original do programa está disponível no Anexo 1

⁵²⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. *Memória Viva UFV Prof. Flávio Couto - Bloco 1*. In: **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube**. Disponível em: <<https://youtu.be/BIvcusHIY0?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

VÍDEOS DIVULGADOS PELO PROGRAMA MEMÓRIA VIVA:

Entrevistado	Duração	Data da divulgação	Lugar da divulgação
Ex-Aluno e professor aposentado Flávio D'Araújo Couto – orientador da primeira tese de mestrado defendida no Brasil	1º bloco: 20min55s 2º bloco: 21min43s 3º bloco: 22min36s 4º bloco: 15min36s	24 de agosto de 2016	<i>YouTube</i> ⁵²¹ Portal da UFV ⁵²² TV Viçosa
Ex-aluno Lúcio Roscoe Cardinali – representante dos ex-alunos da instituição na cerimônia comemorativa dos 90 anos da mesma	Bloco único: 6min52s	29 de agosto de 2016	<i>YouTube</i> ⁵²³ Portal da UFV ⁵²⁴
Funcionário aposentado Expedito Balbino – representante dos funcionários aposentados da instituição na cerimônia comemorativa dos 90 anos da mesma	Bloco único: 3min17s	29 de agosto de 2016	<i>YouTube</i> ⁵²⁵ Portal da UFV ⁵²⁶
Ex-aluno João Maria Bello Lisbôa – filho do engenheiro civil e ex-diretor da instituição João Carlos Bello Lisbôa	Bloco único: 44min38s	6 de fevereiro de 2017	<i>YouTube</i> ⁵²⁷ Portal da UFV ⁵²⁸
Ex-aluno Eliseu Roberto de Andrade Alves – participante	Bloco único: 41min16s	15 de agosto de 2017	<i>YouTube</i> ⁵²⁹ Portal da UFV ⁵³⁰

⁵²¹ Disponível no Anexo 2

⁵²² Disponível no Anexo 3

⁵²³ Disponível no Anexo 4

⁵²⁴ Disponível no Anexo 6

⁵²⁵ Disponível no Anexo 5

⁵²⁶ Disponível no Anexo 6

⁵²⁷ Disponível no Anexo 7

⁵²⁸ Disponível no Anexo 9

⁵²⁹ Disponível no Anexo 8

⁵³⁰ Disponível no Anexo 9

da criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)			
Ex-aluno Wilson Araújo – ex-aluno mais velho da instituição (no ano de 2017)	Bloco único: 28min02s	11 de dezembro de 2017	<i>YouTube</i> ⁵³¹ Portal da UFV ⁵³²

Tabela 2: Lista dos vídeos divulgados pelo programa *Memória Viva*

De uma maneira geral, no primeiro vídeo, Flávio Couto fala sobre o desenvolvimento da instituição a partir da sua chegada nela, em 1942, o seu ingresso como professor na Uremg, no final da década de 1940 e início da década de 1950, sobre a Semana do Fazendeiro e o início da pós-graduação na instituição, assim como outras atuações profissionais, como nas empresas Agroceres e Embrapa. Já a narrativa do ex-aluno Lúcio Cardinali passa pela sua chegada na instituição, no final de 1951, pela rotina e características da mesma na época, assim como Expedito Balbino aborda sua relação com a Esav, na qual iniciou sua atuação profissional no início da década de 1940, aos 14 anos de idade. João Maria Bello Lisbôa também conta como foram suas vivências na instituição, enquanto filho do engenheiro civil e ex-diretor da Esav João Carlos Bello Lisbôa, e enquanto aluno. O entrevistado também fala sobre suas experiências profissionais após a formatura, em 1949, e sobre algumas atuações do pai. Eliseu Alves, após contar sucintamente como foi o período em que estudou na instituição, no início da década de 1950, fala das suas atuações profissionais, principalmente na Acar-MG e na criação da Embrapa. Wilson Araújo também aborda sua ida para Viçosa, em 1936, sua rotina e relação com outros alunos, professores e funcionários da Esav.

Como o vídeo possibilita a difusão de diversas informações, principalmente imagéticas, também foi considerado interessante apresentar – além dos dados mostrados na tabela acima – alguns quadros dos vídeos do *Memória Viva*:

⁵³¹ Disponível no Anexo 10

⁵³² Disponível no Anexo 11



Figura 1: Vídeo com o entrevistado Flávio D'Araújo Couto



Figura 2: Vídeo com o entrevistado Lúcio Roscoe Cardinali



Figura 3: Vídeo com o entrevistado Expedito Balbino



Figura 4: Vídeo com o entrevistado João Maria Bello Lisbôa



Figura 5: Vídeo com o entrevistado Eliseu Roberto de Andrade Alves



Figura 6: Vídeo com o entrevistado Wilson Araújo

Ao assistir a esses vídeos, percebe-se que as entrevistas geralmente são realizadas por uma ou duas pessoas, incluindo um jornalista da Diretoria e uma pessoa que tenha participado ou tenha conhecimento sobre a história da instituição e seja capaz de comentar os temas

abordados – essas características também podem ser notadas nos créditos dos vídeos e por meio de observações, como da interlocução ou do som da voz dos entrevistadores ao fundo.

Também é visto que não existe uma regra referente ao posicionamento dos entrevistadores, sendo que eles se colocam tanto na frente da câmera, se identificando e aparecendo junto aos entrevistados, quanto atrás da câmera, sem se identificarem, deixando o foco nos entrevistados. Da mesma maneira, não existe uma locação fixa para a realização das entrevistas: a primeira foi realizada na TV Viçosa, com a qual a DCI mantinha vínculos profissionais e estruturais, como dito anteriormente; sobre as demais locações, não é possível identificá-las.

Em dois desses vídeos, com o ex-aluno e professor aposentado Flávio Couto e com o ex-aluno João Maria Bello Lisbôa, é possível ver que as entrevistas foram realizadas respectivamente pelos jornalistas da DCI Marcel Ângelo e Léa Medeiros, acompanhados pelo economista e servidor aposentado da Universidade Gustavo Sabioni – idealizador e colaborador em seis das dez publicações sobre as memórias oficiais da instituição pesquisadas na dissertação.

Exceto essas variações, os vídeos apresentam uma estrutura semelhante. Todos possuem uma abertura padronizada – na qual imagens antigas e recentes de atividades e espaços da instituição são mostradas em sequência, junto com alguns efeitos gráficos e uma trilha sonora –, que é finalizada pela mesma identidade visual, como exemplificado na sequência de imagens a seguir.



Figura 7: Abertura do programa *Memória Viva*



Figura 8: Abertura do programa *Memória Viva*



Figura 9: Abertura do programa *Memória Viva*



Figura 10: Abertura do programa *Memória Viva*



Figura 11: Identidade visual do programa *Memória Viva*

A finalização também segue esta padronização, porém, contém a ficha técnica com os nomes das pessoas envolvidas na produção do vídeo em questão.

De uma maneira geral, os entrevistadores apresentam questionamentos semelhantes para os entrevistados, mas, em cada entrevista, dão ou não seguimento aos temas abordados de acordo com as respostas recebidas. Por isso, a ordem dos questionamentos é diferente em cada vídeo. Pelo mesmo motivo, alguns temas são tratados de maneira mais superficial e outros, mais aprofundada.

Aqui, vale destacar que o penúltimo vídeo divulgado, o que traz a entrevista com o ex-aluno Eliseu Alves, se diferencia dos outros por focar mais em um momento posterior ao dos estudos na instituição. A entrevista foca, principalmente, no percurso profissional do ex-aluno, pois foi nele que Eliseu Alves se destacou, participando da criação da Embrapa. Portanto, nota-se que, na prática, o objetivo do programa é excedido; vai além de realizar entrevistas com pessoas que se destacaram no ensino, na pesquisa e na extensão da Esav, da Uremg e da UFV. O programa também valoriza pessoas que possuíram vínculos com a instituição e se destacaram, de alguma maneira, nos cenários nacional e internacional.

Dando continuidade à análise dos questionamentos apresentados pelos entrevistadores, em um levantamento realizado a partir dos vídeos divulgados, tem-se as seguintes abordagens comuns:

- Como foi tomada a decisão de estudar ou trabalhar na instituição;
- Em qual data e como foi a ida para Viçosa;
- Quais foram as impressões iniciais sobre a cidade;
- Como era a cidade;

- Quais foram as impressões iniciais sobre a instituição e sobre o curso ou trabalho;
- Como era o campus universitário;
- Como era a rotina acadêmica;
- Como eram as relações entre alunos, professores e funcionários;
- Como a instituição vivenciava a internacionalização;
- O que acontecia no estado, no país e no mundo na época;
- Como foi o futuro profissional após estudar na instituição (para os ex-alunos).

Vale descrever uma dúvida suscitada pelos vídeos. Ao assisti-los, percebe-se que os entrevistadores, quando se posicionam na frente da câmera, assumem uma postura atuante – pode-se dizer interventiva e controladora dos percursos narrativos dos entrevistados. Porém, devido à edição, não é possível perceber se os entrevistadores têm a mesma postura ou uma postura diferente nos vídeos em que eles se posicionam atrás da câmera. Portanto, fica claro que os entrevistadores assumem tal postura, mas não é possível dizer se de maneira diferente quando se posicionam na frente ou atrás da câmera.

Ainda sobre a edição, percebe-se que, principalmente nos vídeos em que os entrevistadores aparecem atrás da câmera, os assuntos comuns e relacionados são mais agrupados em blocos de conteúdos e, na maioria das vezes, ordenados cronologicamente. Nesse processo, só é possível supor que as narrações dos entrevistados a respeito do que lembram do passado da instituição são ora contempladas totalmente, ora em partes.

Os tempos de duração dos vídeos variam muito. O maior é o que traz a entrevista com o ex-aluno e professor aposentado Flávio Couto – único com quatro blocos; cada bloco com cerca de vinte minutos. O menor é o que traz a entrevista com o funcionário aposentado Expedito Balbino – com cerca de três minutos. Também é importante notar que Expedito Balbino é o único funcionário aposentado entrevistado – todos os outros ou são professores aposentados ou ex-alunos.

Como visto por meio da tabela acima, não existe uma periodicidade fixa para a divulgação dos vídeos. Quatro deles foram divulgados no mês de agosto, devido às comemorações do aniversário da instituição, e um foi divulgado em dezembro, relacionado à comemoração da Reunião Anual dos seus ex-alunos, como mostram as notícias do portal da UFV anexas. Apenas o vídeo que traz a entrevista com o ex-aluno João Maria Bello Lisboa

foi divulgado fora das datas do calendário comemorativo da instituição. Isso pode dificultar que o público seja cativado a esperar pelo próximo vídeo.

Para finalizar essa apresentação do programa e dar seguimento para a apresentação das propostas de expansão para o mesmo, também se tem que as divulgações acontecem no canal da Universidade na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* – www.youtube.com/ufvbroficial – e no portal da instituição, além do canal da TV Viçosa, atualmente, parceira da UFV.

Sabendo disso, é possível iniciar as proposições de expansão para o *Memória Viva*. Como já afirmado, elas se referem à intenção de proporcionar à UFV recursos para que esta trabalhe com suas memórias de maneira mais proveitosa quanto às possibilidades do material já acumulado e de outros que vierem a ser produzidos, isto é, que privilegia uma abordagem crítica e multidisciplinar, contribuindo para o levantamento, o registro e a organização das mesmas, disponibilizando ainda mais conteúdos de qualidade para a sociedade. Além disso, as proposições objetivam permitir que novos estudos e ações relacionadas a essas memórias sejam desenvolvidos e que a própria Universidade sempre renove seus esforços reflexivos sobre esse tipo de informação.

Porém, para descrever tais propostas, é importante estabelecer alguns conhecimentos que embasem as mesmas, que seguem na justificativa e no referencial bibliográfico.

4.2. Justificativa

Por meio da pesquisa sistematizada na dissertação *Continuidades e descontinuidades da memória: um estudo sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (MG) por meio de publicações de 1939 a 2016*, percebe-se que a produção do programa *Memória Viva* possui referências semelhantes à das publicações referentes às memórias oficiais da instituição.

A maioria dos vídeos foi produzida em datas comemorativas da instituição e, portanto, pode-se dizer que carrega uma pretensão de caráter reverenciador à mesma; é trabalhada em uma perspectiva de valorizar a Esav, a Uremg e a UFV, assim como a história que as cerca. Nesse sentido, os conteúdos também são veiculados com aparências a favor e elogiosas aos personagens e à instituição.

Os vídeos não deixam claro para os espectadores que seus conteúdos correspondem a uma versão de uma história ou de um conjunto de memórias maior; que correspondem a uma versão pessoal. Como visto nesta dissertação, tudo o que se refere à história e à memória

possui uma natureza parcial e provisória. Porém, a falta da enunciação disso contribui para que as entrevistas veiculadas se caracterizem como vozes oficiais, acabando ocultando as seleções realizadas das informações que são transmitidas, tanto nas memórias relatadas – considerando a seletividade e contínua reconstituição destacadas por Jacques Le Goff⁵³³ e Fernando Catroga⁵³⁴ – quanto nas próprias edições.

Outras referências notadas é que a equipe envolvida é integrada por um número fixo de pessoas pertencentes à DCI e, até o momento, o programa recebeu a contribuição externa de apenas uma pessoa. Os realizadores e colaboradores do *Memória Viva*, portanto, além de manterem vínculos com a instituição, compõem um grupo selecionado e coeso que recebe a chancela da própria Universidade para tal realização.

Essas referências despertam questionamentos, como apontado pela dissertação, e, neste projeto, abrem espaço para a proposição de expansões para o programa em questão. Antes, porém, vale destacar que, assim como as publicações, as intenções dos vídeos e, portanto, dos seus realizadores, são importantes para a transmissão e conhecimento de partes da história da Esav. Eles foram produzidos com objetivos e para públicos específicos. Este projeto, assim, é oferecido como uma contribuição da atual pesquisa para a ampliação do programa já realizado, para que ele sirva ainda mais ao objetivo de registrar e recordar as memórias, ou seja, as perspectivas históricas sobre as três fases da instituição.

Como visto, por meio da dissertação, os conteúdos da memória oficial da instituição geralmente são manifestados valorizando sua comunidade e suas atividades, de maneira quase independente dos acontecimentos externos e das dificuldades existentes no mundo na época, no sentido de mostrar que a Universidade sempre foi e sempre será de excelência. Porém, notou-se que esse caráter é repetido, transmitido ao longo do tempo, deixando de mostrar uma história mais ampla e também significativa, cujas informações, até então ausentes ou contidas, poderiam contribuir para a boa reputação da UFV.

Assim, além dos diversos conhecimentos de Joel Candau⁵³⁵ já compartilhados nesta dissertação, é interessante acrescentar suas referências sobre o processo de petrificação da memória como um perigo para a mesma.

O autor destaca que “uma tradição petrificada é uma tradição que morre”⁵³⁶, levando a entender que, muitas vezes, quando se quer conservar uma tradição intacta, tira-se dela o que era a sua força. O autor exemplifica que é impossível ter acesso à memória falada dos gregos

⁵³³ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p. 423-483.

⁵³⁴ CATROGA, Fernando. Op. cit. p. 13-35.

⁵³⁵ CANDAU, Joël. Op. cit. p. 21-50.

⁵³⁶ Ibid. p. 190.

por meio da epopeia de Homero, porque ela foi petrificada pela escrita e sua variação, impedida. Assim, ele conclui que

Porque se quer autorizada, não está disponível para as interpretações sucessivas que caracterizam toda memória viva e já não assegura o trabalho que, no decorrer das gerações, seleciona o que é admitido pelo grupo e o que deve ser rejeitado. Por essa razão, as chances de que venha a ser compartilhada se reduzem consideravelmente.⁵³⁷

Assim, vê-se que a possibilidade de variação da memória assume um papel importante no processo de construir vínculos com seus interlocutores e de continuidade do seu compartilhamento. E, assim, percebe-se também a importância de permitir que essa dinamicidade aconteça entre as memórias sobre a instituição, para aqueles que se relacionam com a Universidade se sintam participantes e responsáveis por ela e, então, deem continuidade ao compartilhamento das suas memórias, mantendo-as vivificadas e abrindo espaço para que novas narrativas sejam construídas. Por esta razão, é proposto este projeto de expansão para o programa *Memória Viva*, permitindo que mais pessoas participem da vivificação, da construção e da transmissão das memórias da instituição.

Ao mesmo tempo, chama-se a atenção para o fato de o projeto ter sua origem e seu desenvolvimento vinculados à Universidade Federal de Viçosa e, portanto, para a necessidade de estar em acordo com os objetivos da mesma, que são:

- I – ministrar, desenvolver e aperfeiçoar a educação superior, visando à formação e ao aperfeiçoamento de profissionais de nível universitário;
- II – estimular, promover e executar pesquisa científica;
- III – promover o desenvolvimento das ciências, letras e artes;
- IV – estender à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades do ensino, e os resultados da pesquisa.⁵³⁸

Esses objetivos, portanto, também vão ao encontro da expansão do programa em um sentido multidisciplinar, agregando conhecimentos científicos de áreas diferentes, que são o porquê e para os quais a Universidade existe, a fim de qualificar ainda mais o programa e seus conteúdos que são entregues para a sociedade.

O fato de o projeto ter sua origem e seu desenvolvimento vinculados ao ambiente universitário ainda contribui para o entendimento da necessidade de amparar o programa cientificamente, dentro das áreas específicas do conhecimento que aborda, ou seja, o passado,

⁵³⁷ Ibid. p. 190.

⁵³⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Estatuto. In: **Portal da Universidade Federal de Viçosa**. Disponível em: <<https://www.ufv.br/a-ufv/estatuto-e-regimento-geral/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

a história e a memória, além da comunicação. Assim, dentro da multidisciplinaridade, também se justifica a participação de especialistas nessas temáticas, como os da História, na equipe envolvida, para a promoção de mais e qualificadas críticas às fontes, como bem coloca Jacques Le Goff⁵³⁹. Segundo o autor, mesmo as fontes mais subjetivas, como as orais, devem sofrer críticas por comparações a outras fontes, assim como o inverso também é possível. Para que um documento contribua para uma história geral, não deve ser isolado do conjunto do qual faz parte.

Assim, para contribuir com a disponibilização de memórias sobre a instituição e de informações sobre os contextos relacionados a ela com o passar do tempo, de maneira global, crítica e com aportes multidisciplinares, é que se propõe a ampliação do programa *Memória Viva* da UFV. A expansão vem contribuir para que tanto os aspectos positivos dos processos de constituição, aceitação e duração da memória oficial da instituição quanto as dimensões opressoras e destruidoras possam ser percebidos e trabalhados. A proposta vem contribuir para que a história ampla e significativa não se petrifique, não se perca com o tempo e possa contribuir para a boa reputação da Universidade.

Com a ampliação do programa, mais memórias seriam mostradas e agregariam à história da instituição. Como visto, memórias e história não são estáticas e não podem ser percebidas a partir de poucas fontes ou de uma única vez. Sua seletividade e contínua reconstituição, as possibilidades de obtenção de novas informações, de relacionar e checar dados, bem como contradições e omissões, são sempre atualizadas e ampliadas. E um projeto que propõe a expansão de um programa de vídeos promovido e produzido pela própria instituição, além de contribuir com esse processo de descobertas e de novos olhares, agrega e reforça a importância e o interesse da própria Universidade e da sua comunidade em pensar e construir suas memórias, bem como suas memórias oficiais.

Portanto, se justifica tanto abrir espaço para que as memórias da instituição exerçam tal dinamicidade quanto estabelecer um tratamento crítico das mesmas, fazendo com que o programa congregue ainda mais relevância para a instituição, para a comunidade universitária e para a sociedade.

4.3. Objetivos

A partir do que foi exposto, tem-se como objetivo geral deste projeto proporcionar que a UFV, por meio dos servidores técnico-administrativos e colaboradores da DCI, trabalhe

⁵³⁹ LE GOFF, Jacques. Loc. cit.

com as memórias sobre a instituição de maneira multidisciplinar, contribuindo para o levantamento, o registro e a organização das mesmas, permitindo que novos estudos e iniciativas relacionadas a essas memórias sejam desenvolvidos e que a própria Universidade avance nas suas reflexões e críticas sobre esse tipo de informação.

Assim, os objetivos específicos se desdobram em: (1) tornar a equipe do programa multidisciplinar, integrando e sempre proporcionando a participação de novos colaboradores capacitados para tratar questões sobre história, memória e comunicação; (2) ampliar o público de entrevistados, correspondendo a todos que fizeram e fazem parte da história da Esav, da Uremg e da UFV e têm interesse em narrar suas memórias referentes a elas, contemplando os relatos sobre os fatos que se destacaram ao longo do tempo e aqueles ainda desconhecidas, contribuindo para o entendimento da instituição e para o crescimento e desenvolvimento do seu acervo memorialístico, bem como para novos estudos sobre suas memórias; (3) agregar o tratamento crítico ditado pela História e, portanto, a consideração das diversas perspectivas desta área sobre as memórias e a história da instituição, às práticas metodológicas de produção e realização do programa.

4.4. Referencial bibliográfico

Além do referencial bibliográfico apresentado nesta dissertação, essenciais para o entendimento de passado e memória, também é importante agregar outros saberes que embasam este projeto. E pode-se começar pensando sobre a natureza do discurso.

Beatriz Sarlo⁵⁴⁰ aponta que os relatos testemunhais, como os do programa *Memória Viva*, são discursos e, assim, se inserem em um âmbito persuasivo. Eles possuem um narrador envolvido e comprometido com o que é narrado, “que não persegue uma verdade externa no momento em que ela é enunciada”⁵⁴¹. De acordo com a autora, o narrador busca apresentar coesão e sentido por meio de sua narração e, assim, insere marcas do presente no seu discurso, fazendo com que os tempos verbais do passado fiquem sujeitos ao presente. Com isso, “o passado se distorce para introduzir-se coerência”⁵⁴². Ou seja, os relatos testemunhais são baseados na memória e na subjetividade da rememoração, condicionados à atualidade. Segundo Beatriz Sarlo⁵⁴³, “o discurso da memória e as narrações em primeira pessoa se

⁵⁴⁰ SARLO, Beatriz. A retórica testemunhal. In: _____. **Tempo Passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 45-56.

⁵⁴¹ Ibid. p. 49.

⁵⁴² Ibid.

⁵⁴³ Ibid. p. 50.

movem pelo impulso de bloquear os sentidos que escapam; não só eles se articulam contra o esquecimento, mas também lutam por um significado que unifique a interpretação”⁵⁴⁴.

Não se pode esquecer, então, que os relatos testemunhais não são completos. Mesmo que apresentem detalhes e precisões. Apesar dessas narrações estabelecerem laços sociais de confiança, é preciso admitir, de um ponto de vista da História, a desconfiança. Os detalhes narrados muitas vezes dão a aparência ilusória de completude a um enredo, mas é importante que eles não ocupem o lugar da análise⁵⁴⁵. Assim, a mesma autora sugere um caminho de tratamento para tais relatos:

(...) existe uma massa de material escrito, contemporâneo aos fatos – folhetos, reportagens, documentos de reuniões e congressos, manifestos e programa, cartas, jornais partidários –, que seguiam ou antecipavam o correr dos acontecimentos. São fontes ricas, que seria insensato deixar de lado, pois é frequente que digam muito mais que as lembranças dos protagonistas ou, pelo menos, as tornem compreensíveis, já que acrescentam a moldura de um espírito de época.⁵⁴⁶

Esses conhecimentos coincidem com o que Jacques Le Goff⁵⁴⁷ aponta: a importância da crítica. É claro que a memória pode subsidiar a história, mas faz-se necessário destacar que a crítica à fonte, como um historiador aprende a fazer, deve acontecer para qualquer tipo de fonte. Mesmo as subjetivas, como a oral, devem sofrer críticas por comparações a outras fontes assim como o inverso também é possível. Esse é um destaque de Jacques Le Goff⁵⁴⁸: para que um documento contribua para uma história geral, não deve ser isolado do conjunto do qual faz parte.

Mesmo com as revoluções documental e tecnológica, o autor não deixa de destacar o dever principal do historiador, de criticar o documento. Ele lembra que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”⁵⁴⁹ e ressalta que apenas a crítica permite que o historiador use o documento da maneira adequada, de maneira científica⁵⁵⁰.

Em um programa de vídeo, como o *Memória Viva*, as fontes principais são as orais e Gwyn Prins⁵⁵¹ diz que elas são vulneráveis a problemas que também afetam as fontes documentais. Ambas estão sujeitas ao que o autor chama de invenção da tradição. Porém, as

⁵⁴⁴ Ibid.

⁵⁴⁵ Ibid. p. 52-68.

⁵⁴⁶ Ibid. p. 61.

⁵⁴⁷ LE GOFF, Jacques. Loc. cit.

⁵⁴⁸ Ibid.

⁵⁴⁹ Ibid. p. 545.

⁵⁵⁰ Ibid.

⁵⁵¹ PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 163-198.

orais, de acordo com ele, são capazes de apresentar informações que não podem ser encontradas nas documentais.

Gwyn Prins⁵⁵² diz que existem dois tipos de fontes orais: a tradição oral e a reminiscência pessoal. A tradição oral, de acordo com o autor, é um testemunho transmitido por gerações, é “a substância daquilo que possuímos para reconstruir o passado de uma sociedade com uma cultura oral”⁵⁵³. Já a reminiscência pessoal é “uma evidência oral específica das experiências devida do informante”⁵⁵⁴, que não é transmitida por gerações, senão com menos intensidade.

Dentro da reminiscência pessoal, ou seja, das tradições que não são apreendidas de modo automático, estão as narrativas, nas quais se enquadram os relatos dos entrevistados do programa. Para fazer um bom uso delas, o autor também afirma a importância de relacioná-las a fontes múltiplas, convergentes e independentes e respeitar a cronologia que revelam, já que podem produzir uma história sequenciada, sem necessariamente serem datadas de maneira rigorosa. Portanto, para se obter certa precisão em relação às informações de uma narrativa, é importante relacioná-las a outras fontes externas⁵⁵⁵. “Quando presos às fontes externas, podemos nos defender contra a tradição inventada, apresentar algumas datas do tempo serial e desse modo reconstruir esse tipo de passado”⁵⁵⁶.

Gwyn Prins⁵⁵⁷ destaca que a competência metodológica, nesse sentido, é uma obrigação para o historiador. É preciso ter consciência e se proteger das ciladas da tradição inventada. E se não for possível, o mesmo deve dizer que não é possível e explicar o porquê. O autor destaca:

É para essas partes vitais da tarefa do historiador que a história oral – tradição e reminiscência, passado e presente – com seu detalhe, sua humanidade, frequentemente sua emoção e sempre seu muito desenvolvido ceticismo com relação a todo o empreendimento historiográfico – é principalmente dirigida. Sem acesso a tais recursos, os historiadores das sociedades modernas, maciçamente alfabetizadas e industriais, ou seja, a maior parte dos historiadores profissionais, vão consumir-se em um poço de compreensão circunscrito por sua própria cultura, como amantes abandonados colocados sob o círculo de luz tremulante de um poste isolado em uma rua escura e varrida pelo vento.⁵⁵⁸

⁵⁵² Ibid.

⁵⁵³ Ibid. p. 172.

⁵⁵⁴ Ibid. p. 172-173.

⁵⁵⁵ Ibid. p. 186-187.

⁵⁵⁶ Ibid. p. 187.

⁵⁵⁷ Ibid. p. 198.

⁵⁵⁸ Ibid.

Diante de todas essas informações, cabe, agora, discutirmos como elas podem estar relacionadas ao procedimento metodológico do programa *Memória Viva*, que é a entrevista jornalística. Assim, serão reunidos os conhecimentos expostos até agora com os da área da Comunicação.

Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁵⁹, em um artigo recente, mostrou como a entrevista jornalística vem sendo estudada no Brasil – sendo que entrevista, de acordo com ela, corresponde a um aspecto central da apuração no jornalismo, a “interação oral face a face, baseada no par dialógico pergunta-resposta, utilizada por jornalistas e outros profissionais da comunicação na elaboração de notícias, reportagens e documentários”⁵⁶⁰. Por esse recorte, esse artigo traz boas contribuições de um panorama amplo para que se possa contribuir com as propostas deste projeto. Porém, é importante deixar claro que ele também não esgota o tema. Portanto, a DCI, para a qual o projeto será proposto, deve considerar que o conhecimento e aprimoramento das ações propostas deve ser constante.

A autora construiu esse panorama a partir de textos publicados entre 2005 e 2015, nos anais eletrônicos do maior congresso da área da Comunicação, o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. No geral, ela observou, entre outros aspectos, que a entrevista, na Comunicação, vem sendo estudada de maneira esporádica e fragmentada e que a bibliografia sobre o tema é moderada e antiga, sendo que os conteúdos mais citados foram o texto *A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão*, de Edgar Morin, e o livro *Entrevista: o diálogo possível*, de Cremilda Medina, publicados há mais de vinte anos⁵⁶¹.

As discussões dos textos pesquisados, de acordo com Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁶², acontecem em torno de três eixos principais: discurso, interação e memória. Segundo a autora, o interesse pela perspectiva da memória é mais recente, aparecendo nos textos de 2012 a 2015, e suscitam alguns dilemas éticos, como “possíveis prejuízos que poderiam ser causados ao entrevistado com a divulgação de partes das entrevistas”⁵⁶³ e “efeitos da própria entrevista sobre o entrevistado e o entrevistador”⁵⁶⁴.

É interessante notar que tais dilemas, citados pela autora, são semelhantes e são discutidos há mais tempo por outras áreas do conhecimento, como a História, como visto

⁵⁵⁹ MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. A entrevista como tema de pesquisa no campo da comunicação. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2018. p. 1-17.

⁵⁶⁰ Ibid. p. 2.

⁵⁶¹ Ibid. p. 2-3.

⁵⁶² Ibid. p. 4-5.

⁵⁶³ Ibid. p. 5.

⁵⁶⁴ Ibid.

nesta dissertação. Isso evidencia, ainda mais, a importância deste projeto, que, entre suas propostas, sugere que o programa *Memória Viva* seja produzido de maneira multidisciplinar.

Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁶⁵ destaca que, com frequência menor, a entrevista ainda foi abordada nos textos pesquisados por meio de uma perspectiva da narrativa, que interessa a este projeto e também reforça a importância das contribuições multidisciplinares para o mesmo. A autora mostra que, nesse contexto, um artigo de 2013 discute sobre os recursos ficcionais, o grau de confiabilidade e o abandono da busca da verdade na entrevista. Citando tal artigo, a autora destaca: “o que se pode acessar, através da entrevista, não são os fatos, mas as narrativas”⁵⁶⁶, o que, nesta dissertação, se aproxima das discussões apresentadas pela História.

De uma maneira geral, Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁶⁷ observa que a maioria dos conteúdos sobre a entrevista no jornalismo segue uma perspectiva tecnicista. Ela cita Gerson de Sousa⁵⁶⁸ para reforçar isso: “[...] a formação teórica-prática jornalística instiga mais [...] como se portar para a entrevista, de como questionar o entrevistado, do que para a concretude existencial da relação comunicativa”⁵⁶⁹.

Abordagens mais complexas sobre a ação de entrevistar, de acordo com a autora, são encontradas no texto de Edgar Morin e no livro de Cremilda Medina. Eles discutem a entrevista em uma perspectiva mais humanista, como ferramenta de um tipo de jornalismo menos hierárquico, como coloca Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁷⁰. Por meio do texto e do livro citados, a autora suscita reflexões sobre o entendimento da entrevista jornalística como uma parceria, como uma interação complexa e transformadora tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado.

As contribuições de Edgar Morin e Cremilda Medina, assim como destaca o artigo de Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁷¹, referem-se a direcionar a entrevista para que ambos os envolvidos participem como colaboradores, um percebendo o outro; para que se concretize um diálogo, em que mesmo os confrontos e os conflitos possam conduzir a essa conversação.

⁵⁶⁵ Ibid. p. 5-

⁵⁶⁶ VAZ, Ana L. Objetividade e Ruído na Produção Jornalística. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36., 2013, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2013. p. 9. Apud Ibid. p. 5.

⁵⁶⁷ MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Op. cit. p. 6.

⁵⁶⁸ SOUSA, Gerson de. A produção de sentido no processo comunicativo: a construção da entrevista como conflito na memória e identidade do sujeito jornalista. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. p. 2. Apud Ibid.

⁵⁶⁹ Ibid.

⁵⁷⁰ MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Op. cit. p. 8-9.

⁵⁷¹ Ibid.

Essas contribuições se afastam da concepção tradicional em que o jornalista ocupa uma função de comando, muitas vezes intimidadora.

Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁷² lança, então, alguns questionamentos e direcionamentos interessantes para este projeto:

(...) é oportuno também observar o que não encontramos nesses textos e que talvez também permaneça ausente ou pouco debatido em nossas pesquisas. Como tornar uma entrevista uma “interação social criadora”? Como viver a abertura do diálogo, em que duas pessoas efetivamente se revelam e se auto-elucidam?⁵⁷³

A autora afirma que esses pontos, os quais ela chama de aspectos silenciados, são tratados de maneira insuficiente na Comunicação e se propõe a discuti-los, comparando-os com perspectivas da história oral, “área que possui maior tradição no debate sobre o fazer cotidiano e implicações éticas no trabalho com entrevistados”⁵⁷⁴.

Entre esses aspectos, é discutida a relação de poder entre entrevistadores e entrevistados, a autoridade que um jornalista assume nesse processo. “Como viver uma interação social criadora, uma abertura efetiva se o poder de decisão permanece exclusivamente com o entrevistador?”⁵⁷⁵, a autora questiona. Nesse sentido, ela aponta como um jornalista utiliza um conteúdo fornecido pelo entrevistado como uma dimensão que não diz respeito ao próprio entrevistado: “o nosso compromisso é com o leitor, nunca com o entrevistado”⁵⁷⁶.

Na história oral, como Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁷⁷ coloca, é construída uma relação mais transparente com o entrevistado, já que ele é entendido como alguém com quem se trabalha junto. “Assim, existem recomendações objetivas de que ele terá acesso ao material editado, poderá indicar alterações e somente então autorizará ou não, por escrito, a divulgação”⁵⁷⁸. A autora esclarece que não defende que esse procedimento seja utilizado pelo jornalismo, mas que a falta de discussões sobre esse relacionamento não contribui para o seu desenvolvimento e para o desenvolvimento de novos procedimentos.

Com isso, a autora também questiona: “Como conduzir a entrevista? Como elaborar as perguntas? Quando não perguntar?”⁵⁷⁹. Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁸⁰ diz que, no

⁵⁷² Ibid. p. 9.

⁵⁷³ Ibid.

⁵⁷⁴ Ibid. p. 10.

⁵⁷⁵ Ibid.

⁵⁷⁶ Ibid.

⁵⁷⁷ Ibid.

⁵⁷⁸ Ibid.

⁵⁷⁹ Ibid. p. 11.

⁵⁸⁰ Ibid.

jornalismo, essas questões suscitam esclarecimentos limitados e vagos, que dizem mais a respeito ao estado de espírito do que à experiência real da entrevista. A autora diz que Cremilda Medina recomenda, por exemplo, “(...) que é preciso é aceitar os desafios e praticar a criatividade, experimentar as *n* saídas para atingir o grande fim – o diálogo”⁵⁸¹. Já Edgar Morin esclarece: “o entrevistador deve corresponder a uma imagem simpática e tranquilizadora. (...) é preciso também que o pesquisador tenha um interesse profundo pela comunicação, pelo outro”⁵⁸².

Assim, mais uma vez, Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁸³ observa como outras áreas do conhecimento dão conta do tema e exemplifica como as formulações de perguntas devem ser realizadas e quais são os efeitos que elas podem desencadear:

Diferentes tipos de perguntas provocam diferentes tipos de resposta. Se o objetivo da entrevista for registrar histórias, é importante que as perguntas sejam feitas nesse sentido [...]

Perguntas descritivas: Uma pergunta do tipo “Como era a casa da sua infância?” [...]

Perguntas que evocam movimento: “O que você fez depois que você saiu de sua casa?” [...] Assim como algumas perguntas contribuem para a construção da narrativa, outras têm o efeito inverso. Assim, vale evitar:

Perguntas genéricas: Uma pergunta do tipo “Como foi sua infância? Estimula que o entrevistado dê uma resposta genérica, como “boa, “ruim” [...]

Perguntas com pressupostos: [...] Quais situações de exclusão que o senhor vivenciou como idoso?⁵⁸⁴

A partir de então, a fim de continuar destacando a carência da problematização no jornalismo e da consciência dos efeitos das escolhas dos profissionais da área, a autora cita rapidamente como a entrevista é tratada por outras áreas, o que contribuirá para uma convergência de conhecimentos e procedimentos interessantes e que serão adotados no atual projeto.

Nesse sentido, Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁸⁵ destaca a ação de perguntar menos e escutar mais, abrindo espaço para que o entrevistado construa a sua narrativa: “exatamente porque, sabendo que se trata do terreno da memória, abandona-se a preocupação com a precisão dos fatos”⁵⁸⁶. Ela também cita Mary Clark⁵⁸⁷, do campo da história oral e da

⁵⁸¹ MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995. p. 31. Apud Ibid. p. 9.

⁵⁸² MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais no rádio e televisão. In: MOLES, Abraham e outros.

Linguagem da cultura de massas: televisão e canção. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 122. Apud.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Op. cit. p. 9.

⁵⁸³ MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Op. cit. p. 11-12.

⁵⁸⁴ **MEMÓRIA falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: Sesc SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2010. p. 220. Apud Ibid. p. 11-12.

⁵⁸⁵ MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Op. cit. p. 12.

⁵⁸⁶ Ibid.

⁵⁸⁷ CLARK, Mary M. Vídeo-testemunhos sobre o Holocausto, História Oral e Medicina Narrativa: a luta contra a indiferença. *Oralidades*, São Paulo, ano 3, n. 5, jan./jun., 2009. p. 168. Apud Ibid. p. 13.

medicina narrativa, demonstrando como um projeto realizado com sobreviventes do Holocausto considerou a importância de ter dois entrevistadores em suas entrevistas: “além de prestar apoio ao entrevistador principal, o segundo evita que o primeiro seja atraído para as profundezas do trauma junto com o narrador”⁵⁸⁸.

Essa convergência entre História, Comunicação e outras áreas do conhecimento é que dará um caráter para a realização das entrevistas no âmbito do programa *Memória Viva*.

4.5. Metodologia

Conhecendo os objetivos e o referencial bibliográfico, passa-se para a apresentação das proposições de expansões para o programa *Memória Viva*.

A primeira proposta refere-se ao objetivo do programa, que é registrar e recuperar memórias sobre as três fases da instituição. Esse objetivo, apresentado anteriormente, também define o público de entrevistados – pessoas que se destacaram no ensino, na pesquisa e na extensão da Esav, da Uremg e da UFV – e o procedimento metodológico, que, como dito, é a entrevista.

Considerando a seletividade e contínua reconstituição da memória, sabe-se que é impossível, de alguma maneira, recuperá-la. Ela não só não é uma única memória, como também é reconstituída inúmeras vezes. Por isso, não pode ser recuperada. Portanto, a primeira proposta é modificar o objetivo do programa para: registrar memórias sobre as três fases da instituição.

Em relação ao público de entrevistados, propõe-se ir além daqueles que se destacaram no ensino, na pesquisa e na extensão da Esav, da Uremg e da UFV, passando a considerar todos que fizeram e fazem parte da história da instituição e que têm interesse em narrar suas memórias referentes a ela. Isso inclui toda a comunidade universitária – professores, servidores técnico-administrativos, funcionários terceirizados e estudantes, de todos os níveis de ensino –, assim como a comunidade viçosense e ainda outras pessoas que tenham se relacionado ou se relacionem de alguma maneira com a instituição. Considerando esse novo público de entrevistados, é importante que as narrativas sejam levantadas de maneira equilibrada, sem valorizar um grupo ou outro. Assim, o programa contemplaria as memórias sobre os fatos que se destacaram ao longo do tempo, que são mais conhecidos, e outras memórias, quaisquer, dando a oportunidade para que informações ainda desconhecidas sejam socializadas e contribuam para o entendimento da instituição e para o crescimento e

⁵⁸⁸ Ibid.

desenvolvimento do seu acervo memorialístico, bem como para novos estudos sobre suas memórias, etc.

A proposta é de que esse público de entrevistados possa ser contatado e estimulado pela equipe do programa a narrar suas memórias, mas também seja ativo, que ele próprio possa manifestar vontade de externalizar tais relatos. Dessa maneira, o programa possibilitaria que memórias diversas surgissem, contribuíssem, fortalecessem, questionassem, provocassem novas percepções, mas, de maneira geral, mantivessem as memórias da instituição sempre em movimento e em contato com a sua comunidade.

O procedimento metodológico continua o mesmo: a entrevista. Porém, também são propostas novas maneiras de aplicá-lo, para que os vídeos possam ter suas funcionalidades potencializadas – como possibilidades de registro, conhecimento e estudo das memórias e da história da instituição, por exemplo. A primeira proposta é realizar eventos de capacitação e atualização dos servidores técnico-administrativos e colaboradores da DCI a respeito da memória, da entrevista e de outros temas pertinentes para a produção do programa. Assim, a ideia é que os integrantes da equipe do programa promovam, eles mesmos, discussões que contribuam constantemente com o aprimoramento das suas ações e também convidem especialistas de diferentes áreas do conhecimento com os quais possam trocar conhecimentos com a mesma finalidade. A apresentação desta dissertação pela mestranda, que atua profissionalmente como jornalista na própria DCI, pode iniciar esse ciclo de eventos. Outras sugestões de convidados são professores, técnicos e estudantes dos departamentos e dos cursos de Jornalismo, História e de Ciências Sociais, assim como do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV, entre outros. A periodicidade deve ser acordada pela equipe, mas sugere-se que esses eventos aconteçam, pelo menos, semestralmente.

A segunda proposta é que o programa passe a ser realizado por uma equipe multidisciplinar, abarcando também professores e estudantes dos departamentos e dos cursos de Jornalismo, História e de Ciências Sociais, assim como do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania interessados, entre outros. Isso, inclusive, pode acontecer, futuramente e de acordo com o interesse da equipe, por meio de um projeto de extensão, promovendo o envolvimento de estudantes, a prática do que é teorizado dentro das salas de aulas e o compartilhamento de conhecimentos com a sociedade. Dessa maneira, a temática da memória e as memórias sobre a instituição poderão ser abordadas e trabalhadas de maneira diversa, amparadas pelas diversas áreas do conhecimento que têm tradição de discutir, teorizar e praticar ações referentes a ela. Esse olhar multidisciplinar é proposto para o

planejamento, para a realização, para a disponibilização e para a avaliação do *Memória Viva*, como um todo.

Passando para a realização das entrevistas, de fato, propõe-se que elas sejam realizadas por pelo menos dois integrantes da equipe, sendo um jornalista e um especialista de uma área do conhecimento que trabalha com a memória, como um historiador. Assim, como é apontado no artigo de Agnes Francine de Carvalho Mariano⁵⁸⁹, um é capaz de apoiar o outro no sentido de perceber aspectos diferenciados e continuar, retomar, aprofundar, operar confrontos e, de uma maneira geral, conduzir e contribuir com o diálogo estabelecido em parceria. Dessa maneira, também, ameniza-se a função de comando que um entrevistador ocupa, como a autora comenta, sendo muitas vezes intimidadora para o entrevistado.

Ainda nessa perspectiva mais humanista, é interessante que os questionamentos dos entrevistados sejam realizados a fim de obter respostas mais descritivas, evitando comentários genéricos e já pressupostos pelas perguntas. É claro que esses questionamentos devem ser elaborados em conjunto pela equipe multidisciplinar proposta, de acordo com pesquisas e estudos prévios sobre os entrevistados que participarão do programa e dos possíveis contextos históricos dos relatos dos mesmos. Porém, é possível, de antemão, sugerir alguns deles:

- Como foi o processo de ingresso na instituição? – apenas para reforçar a importância de adotar o procedimento indicado no último parágrafo, pode-se reformular esse questionamento para “como você ingressou na instituição?”, compreendendo que a resposta poderia ser “por meio de um vestibular” ou algo semelhante, ou seja, generalista. Portanto, questionar “como foi o processo de ingresso na instituição?” abre mais espaço para que o entrevistado rememore momentos que antecederam e sucederam o instante de realização de um vestibular, como, por exemplo, qual era a situação de vida que o levou a realizar esse vestibular e as condições e as pessoas que encontrou assim que chegou à instituição. Esse mesmo procedimento, com a finalidade de obter respostas mais descritivas, também é utilizado na formulação dos questionamentos a seguir.
- Você pode descrever como era a paisagem da instituição?
- Quais construções existiam na época e quais atividades eram realizadas nelas?
- Como era a rotina diária na instituição?

⁵⁸⁹ MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Op. cit. p. 1-17.

- Como você qualifica e descreve os relacionamentos entre as pessoas naquela época?
- Quando não estava estudando/trabalhando, o que você costumava fazer?
- Você pode descrever como era a cidade de Viçosa?
- Como aconteciam os contatos com as pessoas da cidade?
- O que estava acontecendo no cenário nacional na época?
- O que estava acontecendo no cenário mundial?

É claro que, no início da entrevista, é sempre importante conferir e anotar os dados do entrevistado, como nome completo, ano de nascimento, cidade de origem, curso ou função e setor em que a atuou na instituição, ano de ingresso na instituição, etc.

Também se propõe que os entrevistadores deem mais espaços de tempos para que os entrevistados possam elaborar seus processos de lembrar e construir suas narrativas, a fim de responder as perguntas recebidas. Propõe-se que os entrevistados escutem mais, sem interromper os entrevistados ao menor sinal de intervalo, de respiro entre uma fala e outra, mesmo que isso resulte em uma história não sequenciada. Nesse processo de escutar mais, poderão ser percebidos, observados e acolhidos os aprofundamentos e as mudanças de assuntos, assim como os silêncios que podem envolvê-los, o que permitirá que os entrevistadores, em momentos oportunos, deem continuidade, retomem e até confrontem as informações que acharem necessárias.

O mesmo roteiro de perguntas apresentado acima pode ser incrementado de acordo com o desenvolvimento das entrevistas. Como exemplo, pode-se sugerir novos questionamentos, como os abaixo:

- Por que você escolheu estudar/trabalhar na instituição?
- Quando chegou à instituição, quando pisou pela primeira vez nela, o que você sentiu? Você tem lembranças desse momento?
- Como você foi recebido?
- Em quais prédios você estudou/trabalhou?
- Existiam mulheres que estudavam ou trabalhavam na instituição?
- Quem administrava a instituição?
- O que as pessoas da cidade achavam e falavam sobre a instituição?

- Existiam acontecimentos importantes na instituição, que criavam expectativa durante o ano?
- Quando você pensa na sua trajetória na instituição, existe um fato ou uma pessoa que te marcou?
- Ainda quando você pensa na sua trajetória, quais são os sentimentos e os pensamentos que vêm à tona?

Vale ressaltar que os aprofundamentos, as mudanças de assuntos e os silêncios também contribuem para entendimentos sobre fatos que marcaram a vida do entrevistado ou que não foram relevantes para ele, entre outras percepções. Por isso, devem ser percebidos.

Entendendo a importância de elaborar questionamentos a fim de obter respostas descritivas, sem comentários genéricos ou pressupostos pelas perguntas, assim como dar espaços de tempos para que os entrevistados possam elaborar seus processos de lembrar e construir suas narrativas, também é possível entender como outras ações dos entrevistadores podem direcionar os resultados obtidos. No quarto vídeo divulgado pelo programa *Memória Viva*, por exemplo, os entrevistadores discorrem sobre partes da história da Esav, demarcando datas e qualificando personagens, entre outras informações, antes de dialogarem com o entrevistado, o ex-aluno João Maria Bello Lisbôa – filho do engenheiro civil e ex-diretor da instituição João Carlos Bello Lisbôa. Dessa maneira, os entrevistadores acabam enquadrando, induzindo as respostas das perguntas que farão ao entrevistado; é como se eles lembrassem no lugar do entrevistado, como se eles fizessem o esforço de lembrar e de organizar as lembranças em uma narrativa para que o entrevistado não tenha esse trabalho. Assim, detalhes que poderiam ser fornecidos pelo entrevistado, ao percorrer um caminho discursivo diferente entre uma lembrança e outra, correm o risco de não serem contemplados.

Da mesma maneira, sugere-se que a edição dos vídeos seja realizada por pelo menos dois integrantes da equipe multidisciplinar, sendo um jornalista e um especialista de outra área do conhecimento, como um historiador, junto com o editor de imagens. Também, que ela acompanhe os espaços de tempos dados para que os entrevistados elaborassem seus processos de lembrar e construíssem suas narrativas, ou seja, que não interfira tanto nas entrevistas, no sentido de remodelar o conteúdo que foi narrado.

Todo esse processo, é claro, deve acontecer de acordo com o que os conhecimentos sistematizados no referencial bibliográfico destacam: a necessidade da crítica. Portanto, o ponto que direcionará e arrematará tais ações propostas até agora é a contextualização e a

inserção das narrativas em um conjunto maior de apurações. Isso vale tanto para a realização das entrevistas propriamente ditas quanto para os processos posteriores a elas.

Em um primeiro momento, é importante que os entrevistadores pesquisem e estudem os contextos nos quais os entrevistados estiveram inseridos antes de realizarem as entrevistas. Isso servirá para que, durante as entrevistas, após darem espaços de tempos para que os entrevistados elaborem seus processos de lembrar e construam suas narrativas, eles tenham condições de realizar as intervenções que avaliarem cabíveis.

Em um segundo momento, os conhecimentos dos autores citados guiarão a realização da contextualização e da inserção das narrativas em um conjunto maior de apurações, com fontes múltiplas, convergentes e independentes, que proporcionem acessos a detalhes da cultura da época referenciada. Assim, os conteúdos das narrativas podem ser cruzados com conteúdos de documentos da rotina administrativa da instituição, atas de reuniões, jornais, folhetos, cartas, etc., que fizeram parte da mesma época comentada. Na UFV, diversos desses materiais estão disponíveis no Arquivo Histórico Central, na Associação dos Ex-Alunos e no Repositório Institucional - Locus, por exemplo.

Nesse processo também é válido pensar sobre a natureza do discurso dos entrevistados, que, como mostra Beatriz Sarlo⁵⁹⁰, tendem a querer alcançar uma coesão e um sentido com a sua narração, muitas vezes distorcendo o passado. Como a autora destaca, os relatos testemunhais não são completos. Por isso, quando apoiados a outras fontes, externas às entrevistas, os entrevistadores se protegem contra o que Gwyn Prins⁵⁹¹ chama de tradição inventada.

Nesse sentido, também se propõe que a equipe multidisciplinar construa materiais de apoio para acompanhar a divulgação de cada vídeo, com as contextualizações e críticas cabíveis a eles. A variedade de formatos possíveis para esses materiais de apoio é grande. Podem ser outros vídeos, *podcasts*, *storytelling*, entre muitos outros, que poderão ser escolhidos de acordo com as condições técnicas, as capacidades e os talentos dos envolvidos na equipe. Esses materiais, inclusive, podem variar de um vídeo para outro, a fim de cativar a atenção do público. Inicialmente, porém, a sugestão é simples, até mesmo como uma maneira da equipe se adaptar ao que achar mais adequado: sugere-se produzir um texto de apoio, em que os envolvidos possam contextualizar e trazer novas informações que agreguem sentido e compreensão às narrativas e, portanto, à história da própria instituição.

⁵⁹⁰ SARLO, Beatriz. Op. cit. p. 45-68.

⁵⁹¹ PRINS, Gwyn. Op. cit. p. 187-198.

4.6. Fontes e operacionalização

Falando em uma perspectiva mais operacional, propõe-se que as entrevistas sejam realizadas a partir de uma regularidade de prospectar, contatar e convidar entrevistados, de maneira que, neste processo, também seja permitido que pessoas interessadas entrem em contato e manifestem vontade de participar do *Memória Viva*. Como dito anteriormente, com esta proposta de ampliação, o público-alvo de entrevistados passa a ser a comunidade universitária e a comunidade viçosense, assim como outras pessoas que tenham se relacionado ou se relacionem de alguma maneira com a instituição.

As pesquisas por possíveis entrevistados poderão acontecer em lugares variados, principalmente naqueles já conhecidos e que oferecem informações organizadas sobre esse público. Entre esses lugares estão: 1) a *Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas* e a *Pró-Reitoria de Extensão e Cultura* da Universidade, que possuem registros cadastrais, incluindo endereços residenciais e contatos, como número de telefone, de funcionários e servidores aposentados e de pessoas externas à instituição que se envolveram com atividades realizadas por ela; 2) a *Associação dos Ex-Alunos da UFV*, que possui registros de nomes e contatos de ex-alunos desde a primeira formatura de curso de ensino superior registrada na Universidade, no ano de 1931.

Para exemplificar o tipo de informações que podem subsidiar o programa *Memória Viva*, tem-se, na tabela abaixo, os nomes e os contatos cadastrados dos ex-alunos da Esav. É importante observar que, entre esses nomes, a maioria dos ex-alunos já faleceu e outros estão com o cadastro desatualizado. Porém, dá para notar o potencial que as informações disponíveis oferecerem para as pesquisas a serem realizadas pela equipe do programa. Mesmo que alguns ex-alunos não sejam encontrados, é possível, por exemplo, contatar seus familiares.

DADOS DOS EX-ALUNOS DA ESAV
CADASTRADOS PELA ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DA UFV

Ano de formatura	Curso	Nome do ex-aluno	Contato disponibilizado
1935	Agronomia	Walter Brune	(31) 3891-12**
1935	Agronomia	Newton Monteiro de Barros	(32) 3441-20**
1935	Agronomia	Paulo de Brito Guerra	(85) 3248-10**

1935	Agronomia	Paulo de Tarso Aguiar	(31) 3222-42**
1936	Agronomia	Balbino Bastos França	(21) 3267-32**
1936	Agronomia	Lincoln Monteiro Rodrigues	(31) 3344-99**
1936	Medicina Veterinária	Leônidas Machado Magalhães	(31) 3372-25**
1937	Agronomia	Francelino Bastos França	(21) 2620-40**
1937	Medicina Veterinária	José Vieira de Aguiar	(31) 3297-76**
1938	Agronomia	Edson Potsch Magalhães	(31) 3891-35**
1939	Medicina Veterinária	Arlindo Landgraf	(16) 3332-95**
1939	Medicina Veterinária	José Lopes de Faria	(31) 3264-16**
1941	Agronomia	Rui Alves de Araújo	(31) 3334-25**
1942	Agronomia	Wilson Alves de Araújo	(11) 3845-38**
1943	Agronomia	Joaquim Campos	(31) 3891-12**
1943	Agronomia	Prudente de Almeida Souza	(31) 3227-54**
1944	Agronomia	José Marcondes Borges	(31) 3891-65**
1946	Agronomia	Haroldo Alves de Araújo	(32) 3721-22**

** Os números dos contatos telefônicos foram omitidos em respeito à privacidade dos ex-alunos

Tabela 3: Lista com dados dos ex-alunos da Esav cadastrados pela Associação de Ex-Alunos da UFV

No primeiro semestre, propõe-se que o programa seja temático. Assim, será possível explorar e obter uma diversidade de perspectivas unidas por um mesmo assunto. Como exemplo de temáticas que podem ser abordadas, tem-se o Coral da UFV, que, em 2018, comemora seus 40 anos de existência. Assim como o Coral, que é resultado de diversas

iniciativas vinculadas à música na história da Universidade, também existem outras atividades que podem ser aproveitadas no âmbito do *Memória Viva*.

Já no segundo semestre, a proposta é que a equipe do *Memória Viva* monte um espaço durante os dias das comemorações do aniversário da instituição, em agosto, e durante os dias da reunião anual dos seus ex-alunos, em dezembro, para entrevistar especificamente seus públicos, sobre suas vivências gerais relacionadas à instituição. Esse espaço seria um tipo de estúdio do programa *Memória Viva*, montado nos saguões do auditório do Departamento de Engenharia Florestal e no Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino, onde geralmente acontecem os eventos respectivamente citados.

Tanto para as gravações de caráter contínuo quanto para as gravações durante os eventos citados, sugere-se a utilização dos seguintes equipamentos, já disponíveis na DCI: câmeras filmadoras, tripé, microfone de lapela, gravador, iluminação e rebatedor (quando necessário). Para as gravações durante os eventos indicados, também serão necessárias cadeiras para acomodar a equipe e os entrevistados.

Sobre as locações, durante o primeiro semestre, a equipe poderá tanto se deslocar até o entrevistado, caso ele não tenha condições de se locomover, quanto poderá utilizar os diversos espaços internos e externos da Universidade. Já durante o segundo semestre, como sugerido, serão usados os saguões do auditório do Departamento de Engenharia Florestal e do Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino, onde geralmente acontecem os eventos mencionados. É importante pensar em uma locação que permita a melhor captação de imagens e áudio. Em muitos casos, a opção por ambientes internos ajuda no controle de interferências externas, como ruídos provocados pelo vento ou barulhos comuns, como de carros, máquinas ou pessoas conversando, por exemplo. No ambiente interno também é possível ter um controle maior em relação à iluminação, que, em ambientes externos, pode ser prejudicada por mudanças de posicionamento do sol, nuvens ou mesmo chuvas.

Para que os entrevistadores possam dedicar suas atenções exclusivamente à escuta e ao diálogo e para que o foco dos vídeos seja mantido nos entrevistados e nos seus relatos, sugere-se que os primeiros priorizem o posicionamento atrás da câmera, mantendo o enquadramento apenas nos entrevistados, dando espaço para a captação das suas expressões, gestos e movimentos. Sugere-se que os entrevistados permaneçam sentados durante as entrevistas e que as gravações sejam realizados por, pelo menos, duas câmeras: uma fixa, em plano americano – cujo enquadramento captura a imagem do joelho até um pouco acima da cabeça de uma pessoa –, que mostre gestos e movimentos; e uma câmera móvel, para explorar outras

dimensões cênicas, como o plano fechado e o plano detalhe, que fornecem mais detalhes de expressões, como as geradas por emoções.

Como já dito, sugere-se que a edição dos vídeos acompanhe os espaços de tempos que os entrevistados levam para elaborar seus processos de lembrar e construir suas narrativas, ou seja, que não interfira demasiadamente nas entrevistas, no sentido de remodelar o conteúdo que foi narrado. O tempo de duração de cada vídeo também deve seguir um padrão estipulado pela equipe responsável.

Dessa maneira, por meio do trabalho conjunto da equipe multidisciplinar, é possível sugerir uma periodicidade bimestral para o *Memória Viva*, em que a regularidade sempre cativará o público a esperar pelo próximo vídeo. Sugere-se uma divulgação a cada dois meses, a partir do mês de fevereiro. Dessa maneira, os vídeos serão apresentados em períodos de grande movimentação para a UFV e, portanto, poderão atingir grandes públicos. Fevereiro, por exemplo, é o mês em que os novos estudantes realizam matrículas na instituição; junho é o mês que antecede o evento Semana do Fazendeiro; agosto é quando acontecem as comemorações dos aniversários da Universidade; dezembro é o mês de realização da reunião anual dos ex-alunos da instituição. Ao mesmo tempo, os vídeos também serão apresentados em períodos de menor movimentação ou que não sejam dedicados a celebrações, fazendo com que o programa não coincida apenas com esses momentos ritualísticos. É claro que, se houver condições, a periodicidade pode ser modificada e mais vídeos serem divulgados em um período menor.

Já em relação à sua divulgação, a proposta é criar um canal específico para o programa no *YouTube*, plataforma de compartilhamento de vídeos que possui mais de um bilhão de usuários em todo o mundo, que assistem a um bilhão de horas de vídeos diariamente – por meios eletrônicos diversos, principalmente os dispositivos móveis⁵⁹². O *YouTube* permite uma ampla divulgação dos vídeos e dos materiais de apoio propostos – em uma esfera mundial –; permite que a equipe do programa interaja com o público de expectadores – servindo até mesmo como canal de comunicação com possíveis novos entrevistados –, bem como fornece diversos dados estatísticos que permitirão que a equipe do programa acompanhe o número de visualização e a disseminação dos conteúdos.

Em um canal no *YouTube* também é possível organizar os vídeos e permitir que eles sejam facilmente encontrados pelos espectadores por meio da utilização de hashtags, que são palavras ou sequências de palavras unidas antecedidas pelo sinal cerquilha (#) – exemplo:

⁵⁹² YOUTUBE. YouTube em números. In: **YouTube para a imprensa**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

#MemóriaViva. Em outras palavras, as hashtags são indicadores que identificam os assuntos tratados nas redes sociais em geral, tanto na perspectiva de quem veicula quanto de quem pesquisa por esses assuntos.

De acordo com o *YouTube*⁵⁹³, as hashtags podem ser utilizadas nos títulos ou nas descrições dos vídeos, sendo que, nas descrições, elas também servem como links, por meio dos quais os espectadores podem acessar outros vídeos identificados com as mesmas hashtags ou semelhantes. Nesse sentido, recomenda-se que o programa da UFV estabeleça hashtags fixas que identifiquem e organizem o conjunto dos seus vídeos e permita que os espectadores acessem esse conjunto facilmente. Como hashtags fixas, podem ser sugeridas: *#UFV*, que vincula os vídeos à Universidade, ou seja, quando alguém pesquisar por conteúdos veiculados pela instituição também terá como resultado os vídeo do programa; *#Memória*, que identifica o assunto principal dos vídeos e também permite que pesquisas generalistas por este assunto abarque os vídeos do programa; e, por último, *#MemóriaViva*, que identifica especificamente o programa. Portanto, como hashtags fixas, são sugeridas: *#UFV*, *#Memória* e *#MemóriaViva*.

Ao mesmo tempo, recomenda-se que o programa estabeleça hashtags específicas para cada vídeo, identificando a época da instituição abordada no vídeo, o vínculo do entrevistado com a Universidade e os assuntos que são destacados na sua entrevista. No vídeo do ex-aluno Eliseu Alves, por exemplo, é possível utilizar as hashtags *#Esav*, *#ExAlunoUFV* e *#Embrapa*. Nesse caso, quando alguém pesquisar por conteúdos veiculados pela Embrapa também terá como resultado os vídeo do programa, ou seja, o público da Empresa também será um público potencial para o programa.

Vale destacar que, em uma hashtag, é permitida a utilização de letras maiúsculas e minúsculas e que o sinal cerquilha e a palavra, ou as palavras, não devem ser separados por espaços, como mostrado nos exemplos acima. O *YouTube*⁵⁹⁴ também lembra que quanto mais hashtags forem adicionadas a um vídeo, menor relevância ele terá nas pesquisas dos usuários. Portanto, sugere-se cerca de seis hashtags, sendo três fixas e três flexíveis, como mostrado.

Os vídeos veiculados por meio do canal do programa no *YouTube* também podem ser divulgados pelo portal e pelas outras mídias sociais da Universidade, assim como já vem sendo feito, como visto, direcionando e aumentando o fluxo de espectadores e o número de visualizações dos conteúdos. A sugestão não é divulgar os mesmos vídeos, na íntegra, nessas outras mídias, mas, sim, chamadas para atrair o público para o canal no *YouTube*. Caso a

⁵⁹³ YOUTUBE. Usar hashtags para pesquisa de vídeos. In: _____. **Ajuda do YouTube**. Disponível em: <<https://support.google.com/youtube/answer/6390658?hl=pt-BR>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

⁵⁹⁴ Ibid.

equipe opte por divulgar os conteúdos nessas outras mídias também, será importante que eles sejam readequados, customizadas para cada formato de veículo de comunicação e público.

Por fim, é proposto que a equipe responsável ausculte o público do programa para adequar o *Memória Viva*, cada vez mais, aos interesses da instituição e da sua audiência. Assim, também é proposto que a equipe realize pelo menos uma reunião mensal para discutir, planejar e dividir tarefas, bem como avaliar e propor aprimoramentos para as suas realizações.

São essas as propostas com o propósito de padronizar o programa *Memória Viva* e permitir que ele contribua para o conhecimento e o registro das memórias sobre a instituição de maneira multidisciplinar, contextualizada e com contribuições críticas, de maneira que a sociedade receba produtos cada vez mais qualificados pelos conhecimentos científicos gerados dentro da própria Universidade.

4.7. Cronograma

Apenas como exemplificação, será sugerido um cronograma para o próximo ano de atividades do *Memória Viva*:

CRONOGRAMA DE ATIVIDADE DO PROGRAMA *MEMÓRIA VIVA* ENTRE JULHO DE 2018 E JUNHO DE 2019

Mês	Atividade
Julho/2018	<ul style="list-style-type: none">• Reunião de discussão, planejamento e avaliação do programa pela equipe responsável
Agosto/2018	<ul style="list-style-type: none">• Gravação durante os dias das comemorações do aniversário da UFV• Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável• Divulgação de um novo vídeo
Setembro/2018	<ul style="list-style-type: none">• Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável
Outubro/2018	<ul style="list-style-type: none">• Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável• Divulgação de um novo vídeo

Novembro/2018	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável
Dezembro/2018	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável • Gravação durante os dias da Reunião Anual da Associação dos Ex-Alunos da UFV • Divulgação de um novo vídeo
Janeiro/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável • Gravação com entrevistados prospectados e convidados pela equipe do programa
Fevereiro/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável • Divulgação de um novo vídeo
Março/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável • Gravação com entrevistados prospectados e convidados pela equipe do programa
Abril/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável • Divulgação de um novo vídeo
Maió/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável • Gravação com entrevistados prospectados e convidados pela equipe do programa
Junho/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião de discussão, planejamento, realizações referentes às edições dos vídeos e de avaliação do programa pela equipe responsável • Divulgação de um novo vídeo

Tabela 4: Cronograma de atividade do programa *Memória Viva* entre julho de 2018 e junho de 2019

Bibliografia

AZEVEDO, Denílson Santos de. **Melhoramento do homem, do animal e da semente: o projeto político-pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920 - 1948)**. 2005. 222 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BORGES, José Marcondes. **Escola Superior de Agricultura: origem - desenvolvimento – atualidade**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1968. Não paginado.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Primeiros tempos da Universidade Federal de Viçosa pelas lentes de Rolfs**. Viçosa: Editora UFV, 2006. 70 p.

_____. **Relatório de construção da Esav (1929) elaborado pelo engenheiro João Carlos Bello Lisboa**. Viçosa: Gráfica Universitária, 2004. 89 p.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. ed. Viçosa: Editora UFV, 2006. 671 p.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 224 p.

CASTRO, Maria Gontijo. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa**. 2015. 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. 100 p.

COELHO, France Maria Gontijo. **A produção científico-tecnológica para agropecuária: da Esav à Uremg, conteúdos e significados**. 1992. 243 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1992.

COMETTI, Ellen Scopel. **A extensão na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (Esav): 1926 - 1948**. 2005. 255 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Mestrado Profissional: o que é?. In: _____. **Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

COSTA, Everton de Brito Oliveira; RAUBER, Pedro. História da educação: surgimento e tendências atuais da universidade no Brasil. **Revista Jurídica Unigran**, Dourados, v. 11, n. 21, 2009. p. 241-253.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA. **Esav 1939**. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia, 1939. Não paginado.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 660 p.

FUNDAÇÃO DE RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA E CULTURAL DE VIÇOSA. Sobre. In: _____. **Portal da Fundação de Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa**. Disponível em: <<http://fratevi.org.br/pagina-sobre>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

GOMES, Ângela Maria de Castro. et al. **História Geral da Civilização Brasileira**. Direção de Boris Fausto. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007. T. 3. Vol. 10. 710 p.

GOMIDE, Tarcísio. **Universidade Federal de Viçosa: esboço de uma síntese histórica**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1996. 66 p.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2005. p. 25-52.

JANGO JÚNIOR, José Enir; LEÃO, Maria Ignez; ASSIS, Ângelo Adriano Faria de; OBEID, José, Antônio. **80 anos de história do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa: DZO, 2007. 191 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. 553 p.

LIMA, Antônio Luiz. et al. **UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1996. 112 p.

LOPES, Eduardo Simonini. **Praticantes de mundos**: a invenção de cotidianos discentes em uma universidade. 2011. 261 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Tradução de Lúcia Haddad. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, 1998. p. 63-201.

MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Edson Potsch Magalhães. **Personagens e pioneiros da UFV**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=edsonPotsch>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. A entrevista como tema de pesquisa no campo da comunicação. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2018. p. 1-17.

MARTINS, Antônio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 17, suplemento 3, 2002. p. 4-6.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. 96 p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 1993. p. 7-28.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. et al. **História Geral da Civilização Brasileira**. Direção de Boris Fausto. Rio de Janeiro: Difel, 1977. T. III. Vol. 2. 431 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 163-198.

RIBEIRO, Fernando. **Reminiscências de uma época**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1996. 24 p.

RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 105-142.

SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista. **90 anos UFV (1926 - 2016): Uma viagem pela história da instituição**. Viçosa: Divisão Gráfica da UFV, 2016. 71 p.

SANTOS, Adilson Pereira dos; CERQUEIRA, Eustáquio Amazonas de. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, IX, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. p. 1-17.

SARLO, Beatriz. A retórica testemunhal. In: _____. **Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 45-68.

SILVA, Fabrício Valentim da. **Ensino agrícola, trabalho e modernização no campo: a origem da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920 - 1929)**. 2007. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SILVA, Uiara Maria da. **Extensão universitária: a interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV**. 1995. 199 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1995.

TODOROV, Tzvetan. La memoria amenazada. In: _____. **Los Abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000. p. 1-26. Disponível em: <<http://www.felsemiotica.org/site/wp-content/uploads/2014/10/Todorov-Tzvetan-La-memoria-amenazada.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Cerimônia celebra 90 anos da UFV com homenagens e premiações. In: _____. **Portal da Universidade Federal de Viçosa**. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=25866>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Estatuto. In: _____. **Portal da Universidade Federal de Viçosa**. Disponível em: <<https://www.ufv.br/a-ufv/estatuto-e-regimento-geral/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Expedito Balbino Homenagem da UFV aos seus ex-funcionários. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/ccCg0Wo0BH0?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. José Marcondes Borges (1922 - 2009). Notícias. In: _____. **Portal da Universidade Federal de Viçosa**. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=8247>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Lúcio Roscoe Cardinali Ex-aluno da UFV. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/ciQSdXpAen8?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Memória Viva UFV - Dr Eliseu Alves. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/UfWBhIINAXc?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Memória Viva UFV João Maria Bello Lisboa. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/T0x-m99uDvM?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Memória Viva UFV Prof. Flávio Couto - Bloco 1. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/BIVcusHIYo0?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Memória Viva UFV Prof. Flávio Couto - Bloco 2. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos**

YouTube. Disponível em:
<<https://youtu.be/Tt6IFMa1IaA?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Memória Viva UFV Prof. Flávio Couto - Bloco 3. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube.** Disponível em:
<<https://youtu.be/z7ms5nsmOgU?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Memória Viva UFV Prof. Flávio Couto - Bloco 4. In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube.** Disponível em:
<https://youtu.be/V1V_0bl02gA?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Programa Memória Viva com o ex-aluno Wilson Araújo (1939 - 1942). In: _____. **Canal da Universidade Federal de Viçosa na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube.** Disponível em:
<<https://youtu.be/6DC7epEBlnk?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Programa Memória Viva UFV entrevista orientador da primeira tese defendida no Brasil. In: _____. **Portal da Universidade Federal de Viçosa.** Disponível em:
<https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=25850>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Programa Memória Viva UFV entrevista o ex-aluno Eliseu Alves, Doutor Honoris Causa da Instituição. In: _____. **Portal da Universidade Federal de Viçosa.** Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=27671>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Reencontro de ex-alunos celebra amizades construídas na UFV. In: _____. **Portal da Universidade Federal de Viçosa.** Disponível em:
<https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=28347>. Acesso em: 30 abr. 2018.

YOUTUBE. Usar hashtags para pesquisa de vídeos. In: _____. **Ajuda do YouTube**. Disponível em: <<https://support.google.com/youtube/answer/6390658?hl=pt-BR>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

_____. YouTube em números. In: _____. **YouTube para a imprensa**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Anexos

Anexo 1: Transcrição do documento de planejamento original do programa *Memória Viva*

Criação do Programa - *Memória Viva* UFV

Objetivo: criação de um programa de TV na internet que registre e recupere a memória de pessoas que se destacaram no ensino, pesquisa e extensão da UFV nesses 90 anos.

Nome do programa: *Memória Viva*

Veiculação: Canal da UFV no *Youtube*, mídias sociais da UFV, portal da UFV e TV Viçosa.

Periodicidade: indefinida e sob demanda.

Público-alvo: pessoas interessadas em história ou naquela história em particular.

Formato: programa de entrevista 30 minutos em um bloco ou dois blocos de 30 minutos.

Gravação: estúdio da TV Viçosa, em cenário próprio.

Detalhamento: a produção do programa irá convidar um professor, ex-aluno ou servidor que tenha se destacado por contribuições importantes para a ciência ou para o desenvolvimento do país e região. O convidado será entrevistado por uma ou duas pessoas que tenham participado de alguma maneira da história e sejam capazes de aprofundar o tema para públicos especificamente interessados. Haverá a mediação de um jornalista para fazer as aberturas e encerramentos de blocos e conduzir a dinâmica da entrevista.

Apoio Institucional (parcerias): Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Associação dos Ex-Alunos e Departamento de História.

Etapas: 1) Contratação de arquiteto para produção de cenário (empresa júnior de Arquitetura); 2) Produção e compra de mobiliário; 3) Produção de vinhetas; 4) Gravação de piloto; 5) Início das gravações.

Investimento: cenário, vinhetas e produção.

Custo estimado de cenário e vinhetas: R\$ 8 mil reais – Obs.: o mesmo cenário com algumas modificações poderá ser usado para gravação do programa Sala de Visitas UFV para entrevistar convidados e divulgar palestras de convidados especiais nos eventos da UFV.

Responsável técnico: Jornalista Léa Medeiros, Divisão de Audiovisual Institucional, Coordenadoria de Comunicação Social da UFV.

Possíveis entrevistados a título de exemplo: 1) Professor Tuneo Sedyama, grande responsável pelo melhoramento da soja no cerrado nas décadas de 1970 e 1980; 2) Professor Sebastião Teixeira Gomes (Leite); 3) Professor Roberto Ferreira de Novais (Solos); 4) Professora Maristela (Dança); 5) Ex-Alunos que ocupem destaque no país; 6) Ex-Reitores, como Sérgio Saraiva, Carlos Sedyama, Antônio Lima Bandeira, Evaldo Vilela, Luiz Cláudio Costa.

Anexo 2: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado Flávio D'Araújo Couto no *YouTube*



Memória Viva UFV Prof. Flávio Couto - Bloco 1

499 visualizações

UFV
Publicado em 24 de ago de 2016

Uma instituição que chega a 90 anos de existência tem muita história pra contar. Nessas nove décadas, a Universidade Federal de Viçosa transformou a vida de milhões de pessoas, direta ou indiretamente. Mas também foi transformada por muita gente, que contribuiu para criar uma marca de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão. / No programa Memória Viva, nós temos a oportunidade de conhecer essa trajetória, contada por quem ajudou a percorrê-la, superando espetáculos e desafios.

Um desses heróis é ninguém menos que o orientador da primeira tese de mestrado defendida no Brasil, o professor Flávio D'Araújo Couto. Em entrevista ao Memória Viva ele relembra desenvolvimento da universidade nas primeiras décadas do século XX.

Neste vídeo, você confere a primeira das quatro partes desse encontro.

Disponível em: <https://youtu.be/BIVcusHIY00?list=PL9KlhGbKGiLzxsRVfWgRHe52XqcyZVbin>

Anexo 3: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado Flávio D'Araújo Couto no portal da UFV

Programa Memória Viva UFV entrevista orientador da primeira tese defendida no Brasil

25/08/2016



Na semana em que a Universidade completa 90 anos, a Coordenadoria de Comunicação Social lança o programa *Memória Viva UFV*. A edição especial de lançamento traz uma entrevista com o professor Flávio D'Araújo Couto, o orientador da primeira tese defendida no Brasil, em 1961. Ele formou-se em Agronomia na UFV, em 1947, e foi professor da Fitotecnia entre 1951 e 1971.

O professor foi entrevistado por Gustavo Sabioni e o jornalista Marcel Angelo

No programa, o professor conta como era a Universidade entre as décadas de 1940 e 1980, como foram as principais transformações vividas pela UFV, o processo de federalização e a criação da pós-graduação.

O programa está disponível no canal da UFV no *YouTube*, dividido em quatro blocos. No primeiro, Flávio Couto lembra sua chegada à Universidade e os primeiros anos em Viçosa. Sua atuação como professor e a criação da pós-graduação na UFV e no Brasil são discutidos no segundo bloco. No terceiro, ele apresenta um panorama das implicações do desenvolvimento da pesquisa agropecuária e a contribuição da UFV para o surgimento da Embrapa e da Agrocerec. Por fim, no quarto bloco, recorda os bons momentos que passou na instituição e o que esses 90 anos representam para ele.

Confira os blocos do Programa Memória Viva UFV nos seguintes *links*.

Bloco 1: <https://youtu.be/BIVcusHIYo0>

Bloco 2: <https://youtu.be/Tt6lFMa1laA>

Bloco 3: <https://youtu.be/z7ms5nsmOgU>

Bloco 4: https://youtu.be/V1V_0bl02gA

(Divisão de Jornalismo)

Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=25850

Anexo 4: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado Lúcio Roscoe Cardinali no *YouTube*



Disponível em: <https://youtu.be/ciQSdXpAen8?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>

Anexo 5: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado Expedito Balbino no *YouTube*



Disponível em: <https://youtu.be/ccCg0Wo0BH0?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>

Anexo 6: Divulgação do programa *Memória Viva* com os entrevistados Lúcio Roscoe Cardinali e Expedito Balbino no portal da UFV

Cerimônia celebra 90 anos da UFV com homenagens e premiações

29/08/2016



Lúcio Cardinali foi um dos homenageados da noite

Na sessão solene comemorativa dos 90 anos da UFV, realizada na noite do dia 26 de agosto, presente e passado se encontraram para contar a história da instituição, exibida em um vídeo produzido pela Coordenadoria de Comunicação Social e retratada em imagens projetadas na fachada da reitoria.

Antes da cerimônia, o Quarteto de Cordas Libertas, composto por músicos da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, brindou a plateia do Espaço

Acadêmico-cultural Fernando Sabino com peças dos compositores Dmitri Shostakovich e Ludwig van Beethoven.

No lugar dos tradicionais discursos que, até então, marcavam a cerimônia, foram exibidos vídeos com depoimentos dos homenageados. Os mais velhos lembraram o tempo da antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav), onde tudo começou. Foi assim com o senhor **Expedito Balbino**, que falou em nome dos ex-funcionários da Universidade; com **Flávio Augusto D'Araujo Couto**, que representou os ex-professores, e com **Lúcio Rosquiel Cardinali**, que recordou o tempo de estudante na Esav.

Os vencedores da Medalha de Ouro Peter Henry Rolfs também registraram em vídeo o agradecimento pela homenagem. Ao contarem um pouco de suas histórias e de seus trabalhos na UFV, permitiram à plateia entender porque foram escolhidos. Este ano, os agraciados com a distinção máxima da Universidade foram o professor **Cosme Damião Cruz** (Mérito em Ensino), o professor **José Cola Zanúncio** (Mérito em Pesquisa), a professora **Nádia Dutra de Souza** (Mérito em Extensão) e o técnico administrativo **Benício José Almeida Ramalho** (Mérito Administrativo).

Outro que deixou seu depoimento registrado em vídeo foi o professor **Kléos Magalhães Lenz César Júnior**, que falou em nome dos docentes agraciados com a Medalha Bello Lisboa, pelos "25 anos de efetiva dedicação, em tempo integral, às atividades acadêmicas e administrativas, pelo comportamento exemplar e por terem progredido, por seus méritos, na hierarquia da carreira de magistério superior". A técnica **Áurea Maria Resende de Freitas** representou os ganhadores da Medalha José Valentino da Cruz (Candinho), que homenageia técnicos administrativos com 30 anos (homem) e 25 anos (mulher) pela "efetiva dedicação, como servidor em tempo integral, às atividades administrativas da UFV".

O único discurso da noite foi o da reitora Nilda de Fátima Ferreira Soares, pautado, sobretudo, pela gratidão a todos que ajudam e ajudaram a construir a história da Universidade. A reitora encerrou a cerimônia lembrando que, apesar dos 90 anos da UFV, – uma das mais antigas do país - ela é ainda uma "jovem senhora" se comparada às universidades da Europa, muitas com mais de 800 anos. Isso, no entanto, segundo ela, não impede que já seja uma instituição consolidada pela bela história que

A reitora comentou que "não se conta 90 anos do dia pra noite e não se tem orgulho de contar uma história se ela não foi bem construída". E ressaltou: "hoje, como administradora desta casa, me sinto muito feliz e posso dizer, com grande alegria e orgulho, que a UFV é um patrimônio deste país". Em seu discurso, ela lembrou a expansão da Universidade, que hoje é multicampi, e a qualidade do trabalho que a instituição realiza, revelada, por exemplo, nos profissionais inseridos no mercado e nos rankings que sempre posicionam a UFV em lugar de destaque.

Premiações

Durante a solenidade comemorativa, também foram premiados os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, cujos contos foram vencedores do **concurso literário Conhecendo a UFV**. Ao todo foram 10 premiados, sete deles com certificado de classificação e os três primeiros com vale-compras da Livraria UFV. A primeira colocada, a estudante Larissa Vitoria de Souza Carolino, aluna da Escola Estadual Doutor Raimundo Alves Torres (Esedrat), recebeu também um tablete. As escolas dos classificados nos três primeiros lugares ganharam uma coleção de livros infanto-juvenis e pedagógicos, da Editora UFV, e as professoras de Língua Portuguesa um kit da grife UFV.

Outro premiado da noite foi o engenheiro de produção Marcos Fernandes de Castro Rodrigues, vencedor do **concurso** do logotipo representativo dos 90 anos da UFV, cujo resultado foi divulgado em abril.

Vale ressaltar que a cerimônia teve a participação do vice-reitor, João Carlos Cardoso Galvão, dos pró-reitores, diretores de centros, representantes da Câmara Municipal de Viçosa e da Polícia Militar bem como de entidades representativas, que ocuparam a tribuna de honra. Também compuseram a mesa da cerimônia, os ex-reitores Antônio Lima Bandeira e Carlos Sigueyuki Sediyama.

Plantio de árvore

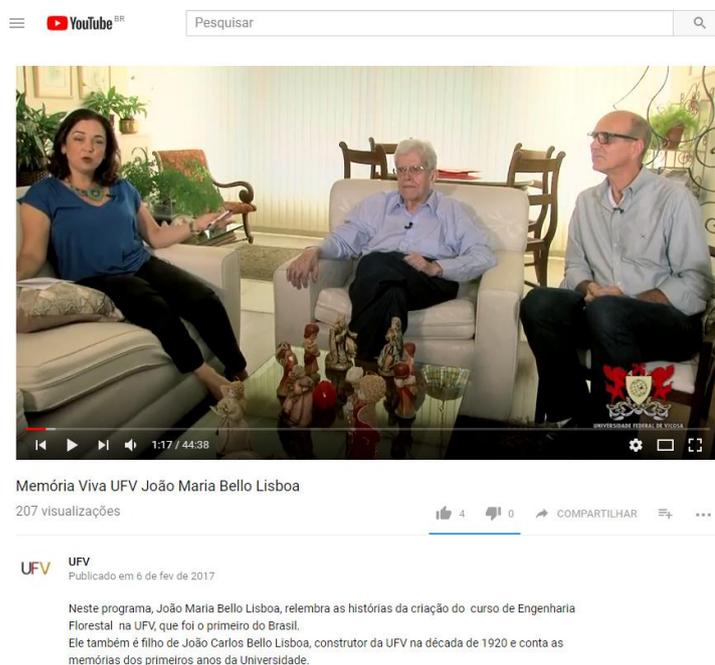
Ainda em comemoração aos 90 anos da UFV, foi plantada uma muda de jequitibá-rosa no arboredo da reitoria. A placa foi descerrada na manhã desta segunda-feira (29) pela reitora Nilda Soares, com a participação de pró-reitores, diretores de centros e representantes de entidades representativas e estudantil. A escolha da árvore foi também uma homenagem ao criador da UFV, o ex-presidente Arthur da Silva Bernardes, que tinha o apelido de Jequitibá.

As fotos da cerimônia de aniversário e do descerramento da placa do plantio da árvore podem ser conferidas em: <https://goo.gl/photos/cx1Lp4e7An1pctJi6>.

(Adriana Passos – fotos: Daniel Sotto Maior)

Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=25866

Anexo 7: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado João Maria Bello Lisboa no *YouTube*



Disponível em: <https://youtu.be/T0x-m99uDvM?list=PL9KlhGbKGiLzxsRVfWgRHe52XqcyZVbin>

Anexo 8: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado Eliseu Roberto de Andrade Alves no *YouTube*



Disponível em: <https://youtu.be/UfWBhIINAXc?list=PL9KlhGbKGiLzxsRVfWgRHe52XqcyZVbin>

Anexo 9: Divulgação do programa *Memória Viva* com os entrevistados Eliseu Roberto de Andrade Alves e João Maria Bello Lisboa no portal da UFV

Programa Memória Viva UFV entrevista o ex-aluno Eliseu Alves, Doutor Honoris Causa da instituição

17/08/2017

O ex-estudante da UFV Eliseu Roberto de Andrade Alves recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade, em maio de 2017. Aproveitando a homenagem, a Diretoria de Comunicação Institucional entrevistou o doutor para a quinta edição do programa *Memória Viva UFV*.

Eliseu Alves se formou engenheiro agrônomo pela UFV em 1954, com mestrado e doutorado em Economia Agrícola pela Purdue University (Estados Unidos). Com mais de 62 anos de atuação profissional, ele contribuiu para consolidar o serviço de extensão rural em Minas Gerais e no Brasil, além de ter sido um participante ativo no grupo que reformulou o setor de pesquisa do Ministério da Agricultura, na década de 1970, chegando a ser diretor e presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

No programa, o ex-aluno conta um pouco da história da extensão rural brasileira e da criação da Embrapa e sua atuação como diretor e presidente. Além de relatar como foi estudar na instituição e viver em Viçosa na década de 1950.



O programa está disponível no [canal](#) da UFV no *Youtube*. As outras edições do *Memória Viva UFV* também estão no canal e trazem entrevistas com o professor Flávio Couto; o filho do engenheiro Bello Lisboa, João Maria Bello Lisboa; o ex-aluno Lúcio Roscoe Cardinali; além de relatos sobre a construção e o começo da UFV.

A entrevista com Doutor Eliseu também pode ser conferida [neste link](#).

Divulgação Institucional

Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=27671

Anexo 10: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado Wilson Araújo no *YouTube*



Disponível em: <https://youtu.be/6DC7epEBlnk?list=PL9KlhGbKGiLzsxRVfWgRHe52XqcyZVbin>

Anexo 11: Divulgação do programa *Memória Viva* com o entrevistado Wilson Araújo no portal da UFV

Reencontro de ex-alunos celebra amizades construídas na UFV

11/12/2017



O homenageado Flávio Couto com a reitora Nilda Soares

A 82ª Sessão Solene de Entrega da Medalha Permanente da Ordem do Mérito do Ex-Aluno deste ano agradeceu [Flávio Augusto D'arújo Couto](#), engenheiro agrônomo, ex-aluno e ex-professor da UFV. A tradicional cerimônia de reencontros aconteceu na noite do sábado (9), no Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino, onde histórias do período de graduação, nomes de turmas e apelidos foram lembrados, e os Diplomas Comemorativos dos Jubileus de Brilhante (75 anos), Vinho (70),

Diamante (60), Ametista (55), Ouro (50) e Prata (25) foram entregues aos ex-alunos presentes.

Nascido na cidade do Porto, em Portugal, o homenageado da noite cresceu em Niterói (RJ), e formou-se pela antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav) em 1947. Flávio Couto naturalizou-se brasileiro em 1949, e possui um extenso currículo de serviços prestados à agricultura brasileira. Foi professor da UFV, de 1951 a 1971, e o orientador da primeira tese de mestrado defendida no Brasil, em 1961.

A Medalha Permanente da Ordem do Mérito do Ex-aluno é concedida anualmente, desde 1976, àqueles que tenham contribuído para o prestígio das Ciências, das Letras ou das Artes; se destacado em sua atividade profissional; prestado serviços à Universidade, aos estados da Federação e à pátria; contribuído para o desenvolvimento científico, tecnológico ou cultural do país e participado da divulgação do conhecimento científico ou tecnológico da educação ou da cultura nacional.

O engenheiro agrônomo de 70 anos de formado, agradeceu emocionado a homenagem recebida, aos professores pelos ensinamentos que carregou pelos seus 92 anos de vida, e a sua "saudosos Amélia", com quem teve seis filhos. Relembrou os anos de Esav como de "extrema importância na formação estudantil e profissional", destacando a relevância e simbolismo das palavras "Agir, Estudar, Saber e Vencer", as quais disse ter traçado como meta para o futuro enquanto graduando e carregado em toda vida profissional com orgulho junto ao nome da UFV e da cidade de Viçosa.

Durante a noite, outros ex-alunos também se manifestaram. Ernesto Carvalho Dias representou a turma dos 70 anos; Lélío Rodrigues, a turma de 60 anos; Léda Maria Cerqueira Lobo, a turma dos 55 anos, Mateus Bressan, a turma de 50 anos, Carlos Carmo Andrade Melles, a turma de 45 anos, e Roosevelt Almado foi o porta-voz dos que completaram 25 anos de formados. Ainda houve a entrega do diploma de 75 anos de formado a Wilson Araújo, que, aos 99 anos, não pôde comparecer, mas foi representado por sua filha Elizabeth Araújo Cunha. Vale destacar que, como o ex-aluno mais antigo da UFV, Wilson concedeu uma entrevista ao Programa Memória Viva, que pode ser conferida no [canal do youtube](#) da Universidade.

A reitora Nilda de Fátima Ferreira Soares ressaltou em seu discurso que "carinho e amizade são o que une a UFV", instituição que, segundo ela, se distingue pela formação ética e cidadã, ao formar jovens que compreendem o significado e responsabilidade cívica de se graduar em uma universidade pública. Destacou o zelo, transparência e excelência com que tudo é produzido nos três *campi* da Universidade, sendo enfática ao dizer que as contribuições e memória de cada um dos ex-alunos são a prova viva do sucesso da UFV.

Mais fotos da Sessão Solene podem ser conferidas [neste link](#).

Rodrigo Cupertino - estagiário
Fotos: Daniel Sotó Maior
Divulgação Institucional

Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=28347